



A Voz Feminina da Sustentabilidade

VOLUME 1



Daniele Ciotta (Organizadora)
Várias Autoras

A Voz Feminina da Sustentabilidade

1ª edição



EDIÇÃO INDEPENDENTE - **A VOZ FEMININA DA SUSTENTABILIDADE**

CONCEPÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Daniele Ciotta

REVISÃO

Daniele Soares Rosa

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Nathércia Alves

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Voz feminina da sustentabilidade [livro eletrônico] : volume 1 /
Daniele Ciotta (organizadora). -- 1. ed. -- Curitiba, PR:
Ed. dos Autores, 2024.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-03819-3

1. Cultura organizacional 2. Desenvolvimento sustentável - Aspectos ambientais 3. Governança corporativa 4. Igualdade de gênero 5. Investimento social 6. Mulheres - Identidade 7. Mulheres - Trabalho - Promoção 8. Responsabilidade social das empresas
9. Sustentabilidade social I. Ciotta, Daniele.

24-209077

CDD-658.408

Índices para catálogo sistemático:

1. Equidade racial e empresas: Responsabilidade social: Administração

658.408

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

O conteúdo dos textos é de responsabilidade exclusiva das autoras que os assinam e não representa necessariamente a opinião de todas as mulheres que participaram deste projeto. É permitido o download da obra, o compartilhamento e a reprodução total ou parcial, desde que citada a fonte e sem a possibilidade de utilizá-la para fins comerciais.

Sumário

- 11** A Voz Feminina da Sustentabilidade
- 13** Negócios, sociedade, sustentabilidade: Estamos prontos para liderar pelo exemplo?
- 15** ESG e Cibersegurança: A chave para um futuro digital sustentável
- 17** Sustentabilidade Ágil: Desvendando os mistérios do ESG
- 19** Meu telhado é de vidro
- 21** Greenwashing: O inimigo da transparência corporativa
- 23** O fomento do ESG nas compras públicas
- 26** O Desafio do S do ESG na Era da Interdependência
- 29** Para além da emergência climática
- 32** Além do Compliance: O papel estratégico da liderança na adoção das práticas ESG
- 34** O ecossistema por trás daquilo que você ouve - Por que lancei um podcast para falar do ESG

A Voz Feminina da Sustentabilidade



Daniele Ciotta


A concepção deste projeto nasceu do desejo de proporcionar um espaço dedicado a mulheres cujos esforços, paixões e perspectivas sobre sustentabilidade e ESG (Environmental, Social and Governance) merecem ser disseminados e celebrados. Acredito, firmemente, que a união de nossas histórias, experiências, opiniões e conhecimentos pode gerar um impacto poderoso, inspirando outros a se envolverem em práticas sustentáveis e a abraçarem a responsabilidade compartilhada de fazer a diferença.

Todas as mulheres que atenderam aos critérios estabelecidos para esta publicação tiveram seus textos incluídos no ebook, pois a premissa sempre foi não deixar ninguém para trás, promover a inclusão e dar visibilidade às mulheres engajadas com a temática proposta.

Esta obra não se trata apenas de uma coletânea de textos, mas de um instrumento para criar sinergia e sororidade entre mulheres comprometidas com sustentabilidade e ESG. Contemplo esta iniciativa como uma tapeçaria viva, formada por narrativas únicas, onde essas vozes femininas excepcionais se entrelaçam em uma teia de generosidade e resiliência. Juntas, desenvolveremos uma retórica forte sobre como as mulheres estão moldando o futuro sustentável.

Observando o mundo ao nosso redor, podemos perceber que as vozes femininas, constantemente, são relegadas a um plano secundário, mesmo que muitas estejam na vanguarda do seu tempo, atuando como protagonistas de ações transformadoras. Por isso, almejo que cada palavra escrita seja um eco estrondoso, capaz de ressoar para além destas páginas, amplificando a mensagem de que as mulheres desempenham funções vitais na construção de um mundo melhor e mais equitativo.

Ao dar voz ao público feminino neste projeto, espero que possamos influenciar reflexões e mudanças significativas, encorajando mais pessoas e instituições a repensarem suas práticas, políticas e valores e a promoverem diálogos mais amplos e aprofundados sobre equidade de gênero e condutas empresariais sustentáveis.

A large, stylized pink leaf graphic is positioned in the upper left quadrant of the page. It has a smooth, curved shape with a pointed tip and a small stem-like protrusion at the top left. The leaf is filled with a solid light pink color and has a subtle white vein running through its center.

Às mulheres que se dispuseram livremente a integrar essa iniciativa e a todas as outras que cooperam diariamente para compor a **voz feminina da sustentabilidade** em seus ambientes, contextos e realidades, expresso meu apreço e gratidão. Vocês, certamente, estão construindo seu legado e fazendo a diferença para a sociedade e para o mundo.

Os agradecimentos se estendem também àqueles que apoiam essas mulheres em suas jornadas cotidianas: amigos, familiares, colegas, mentores e aliados que proporcionam o suporte necessário para que essas vozes possam resplandecer.

Convido você, leitor(a), a mergulhar no conteúdo deste ebook, se deixar envolver pela riqueza e diversidade de ideias, pontos de vista e abordagens, e se inspirar nessas mulheres fantásticas, que juntas formam a **voz feminina da sustentabilidade**, como uma sinfonia coletiva, ressoando a mensagem de que a mudança começa com a ação, e a ação começa com a consciência do papel de cada um de nós como agente de transformação.

Boa leitura!



Adelita Adiers

- Mãe, Empreendedora, Associativista e Voluntária;
- Auditora Líder dos Sistemas de Gestão ISO 37001:2017 Antissuborno e ISO 37301:2021 Compliance;
- Especialista em Responsabilidade Social e Gestão do 3º Setor;
- Coordenadora de Projetos Especiais na FACISC – Federação das Associações Empresariais de Santa Catarina;
- Organizadora e autora do Manual de Compliance Associativista da Facisc;
- Coordenadora da Rede Catarinense de Compliance;
- Coordenadora do ODS Think Tank no Movimento ODS Santa Catarina;
- Membro do GT Cultura de Integridade na Rede Brasil do Pacto Global;
- Membro da ABNT/CEE-256 - Comissão de Estudo Especial Environmental, Social and Governance (ESG);
- Membro do Instituto Brasileiro de ESG;
- Voluntária no Programa Educando Cidadãos - o que todos nós temos a ver com a corrupção?

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Negócios, sociedade, sustentabilidade: Estamos prontos para liderar pelo exemplo?

Na essência de qualquer negócio está o seu propósito, e na gestão de qualquer negócio, está uma liderança. Compreender e reconhecer esse propósito, aliado a tomada de decisões é também abraçar a integridade, a governança e a sustentabilidade. A maneira como uma marca impacta e é impactada pelo ambiente à sua volta é uma reflexão direta dos valores e das decisões de liderança. Negócios são pessoas, agindo, priorizando e tomando decisões a todo momento. Agir e estar em conformidade com normas legais, demonstrar integridade e transparência são pilares inegociáveis nessa jornada. Além disso, compreender a interdependência entre pessoas, planeta e parcerias é essencial para orientar todas as decisões de negócios.

O papel da liderança perpassa a simples tomada de decisões, elas moldam a cultura, influenciam o engajamento dos colaboradores e direcionam o caminho em direção aos objetivos estratégicos, potencializam e fidelizam marcas. Talvez, por este motivo, tanto tenha se falado sobre o papel que a liderança deve exercer na governança, gestão e sustentabilidade (continuidade) do próprio negócio, afinal, “liderar é o desafio de permanecer na escolha das pessoas” (Denise Hills).

Nesta jornada íntegra, transparente e responsável que se espera do mundo dos negócios (grandes ou pequenos), adotar critérios ambientais, sociais e de governança tem feito cada vez mais parte da agenda organizacional.

O ESG (Ambiental, Social e Governança) emergiu nos últimos anos como uma prioridade nos negócios, delineando um caminho importante para o futuro não apenas das empresas, mas também da sociedade como um todo. Se esse ainda é um termo novo para você, vamos explorar como esses critérios merecem o seu olhar apurado. Reconhecer o papel e postura das lideranças na promoção de uma cultura que possa ser reconhecida como exemplo é fundamental para navegar nessa jornada. Mas, afinal, estamos prontos para liderar pelo exemplo?

De acordo com o IBGC - Instituto Brasileiro de Governança Corporativa, cunhado pela primeira vez na publicação *Who Cares Wins*, em 2004, o termo ESG (sigla para Environmental, Social and Governance, no original em inglês, ou ASG - Ambiental, Social e Governança, na tradução para o português) vem sendo adotado pelo mercado financeiro para melhor avaliar os riscos e as oportunidades associados às decisões de investimento. O termo ESG não é um conceito em si, mas um acrônimo que expressa critérios ambientais, sociais e de governança para avaliar o avanço das organizações em direção à sustentabilidade”.

Em um mundo onde a informação flui de forma veloz e livremente, há sempre inspiração e boas práticas a serem compartilhadas. A percepção de que pequenas empresas estão distantes das discussões sobre compliance, sustentabilidade e ESG é um equívoco. À medida que os benchmarks acontecem, os pequenos negócios avançam na ambição e definição dos próximos passos. Liderar e inspirar outros negócios é uma responsabilidade que não pode ser subestimada.

A implementação prática do ESG requer um olhar para o seu negócio, seus riscos, desafios e oportunidades e deve ser traduzida de forma precisa em um plano de ação sob medida, identificando riscos, tendências e oportunidades que devem ser tratados como prioridade. A definição de indicadores claros para mensurar o impacto das ações e estabelecer premissas de governança e de gestão que traduzam a ética e a equidade são alguns dos passos fundamentais.

Toda ação humana provoca alguma forma de impacto, portanto, a responsabilidade na tomada de decisões e busca por soluções que mitiguem esses impactos (sociais, ambientais, culturais e de gestão) na perspectiva da resolução deve ser a linha norteadora para que os pequenos negócios avancem nessa agenda.

Fortalecer as práticas que a empresa já realiza (diversidade, integridade e compliance, impacto ambiental), definição de metas claras para os próximos ciclos, avançando com maturidade e compromisso.

Não sabe por onde começar? A Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS da ONU trazem uma linguagem clara e universal sobre as principais questões e desafios que nos impactam enquanto humanidade e podem ser uma ferramenta importante para ancorar o ESG nos pequenos negócios. Além dos ODS, outra prática recomendada, é a norma ABNT PR 2030 que também representa um relevante instrumento para mentoria dos negócios.

Não existe ESG sem a sua liderança consciente para capitanear esse processo de mudança.



Vamos juntos, liderar pelo exemplo?

ESG e Cibersegurança: A chave para um futuro digital sustentável



Alice de Sousa Campelo

- Contadora, especialista em Finanças Corporativas e Cibersegurança;
- Pós-graduanda em ESG - Gestão Responsável e em Desenvolvimento Sustentável e Economia circular;
- Subscritora Especialista em seguros de D&O, Responsabilidade Civil Profissional e Riscos Cibernéticos.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

implementação de práticas justas de trabalho e a promoção da diversidade e inclusão, tanto internamente quanto na cadeia de suprimentos, são aspectos fundamentais. A cibersegurança, por sua vez, torna-se essencial para garantir a proteção das informações pessoais de colaboradores e clientes. Sendo assim, a proteção contra eventuais ataques cibernéticos é primordial para garantir a segurança das informações da empresa e dos seus stakeholders, incluindo funcionários e clientes.

A governança corporativa é o conjunto de práticas e estruturas que regem a administração e a supervisão de uma empresa. Ao implementar boas práticas de governança corporativa, a empresa demonstra compromisso com a ética, a responsabilidade e a transparência, construindo uma imagem positiva e sustentável a longo prazo. Dessa forma, é possível gerenciar riscos, fortalecer sua reputação, melhorar seu desempenho e construir um futuro mais sólido e próspero tendo a governança como um pilar fundamental para o sucesso sustentável das empresas.

Todos esses aspectos são considerados quando se avalia o desempenho ESG de uma empresa. O mundo está mudando e, com ele, as expectativas dos investidores e dos consumidores. Eles estão cada vez mais interessados em empresas que demonstrem um compromisso genuíno com a sustentabilidade e a responsabilidade social. Não basta apenas ter lucro, é preciso gerar impacto positivo na sociedade e no planeta.

Em um mundo cada vez mais consciente da responsabilidade das empresas, o ESG emerge como uma bússola fundamental para o sucesso e vem abrindo caminho para um futuro mais sustentável, guiando os investimentos e as decisões empresariais. Por se referirem a fatores ambientais, sociais e de governança nas tomadas de decisão, esses princípios também têm um papel importante na cibersegurança.

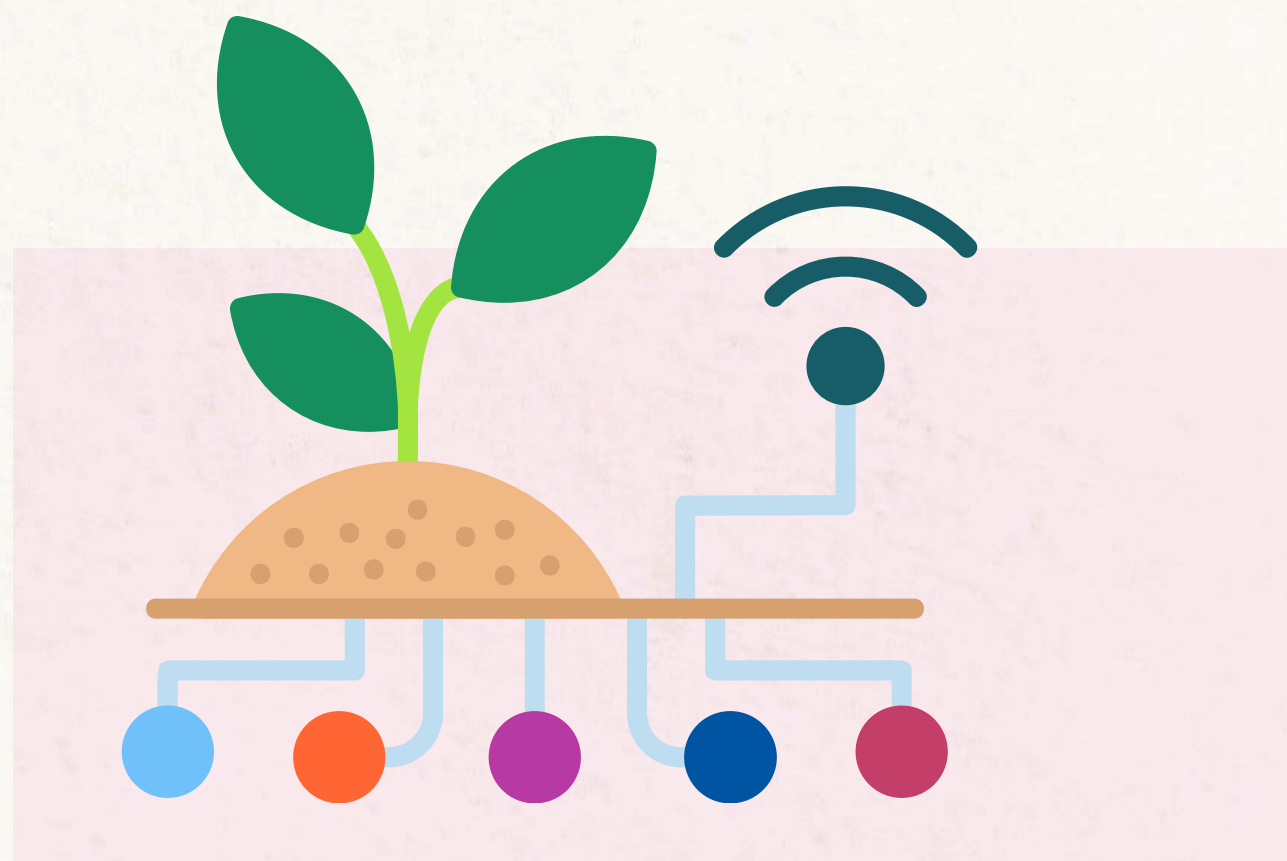
Pela perspectiva ambiental, em uma era digital, há uma forte dependência de tecnologia pelas empresas, e isso também significa que seus impactos ambientais possuem cada vez mais relevância. A cada ano, toneladas de equipamentos eletrônicos são descartados e esses resíduos eletrônicos, quando não são gerenciados de forma adequada, podem se tornar um grande problema ambiental. Ademais, a segurança da informação também é crucial para proteger o meio ambiente. Hackers e outros criminosos podem ter acesso a dados confidenciais sobre produtos químicos e substâncias tóxicas, colocando em risco a saúde humana e o meio ambiente.

No âmbito social, o impacto das operações de uma empresa assume um papel crucial na análise ESG. A proteção dos dados dos clientes, a

Devido ao aumento dessa conscientização em relação aos impactos das atividades empresariais, as expectativas dos stakeholders estão mudando. As empresas agora precisam ser responsáveis e transparentes em relação a como suas práticas afetam o meio ambiente, a saúde e o bem-estar das pessoas e a sociedade em geral, e isso vai muito além do capitalismo tradicional com que o mundo acabou se acostumando.

Cabe, ainda, comentar sobre a privacidade de dados. Embora distintos à primeira vista, a LGPD e o ESG se entrelaçam em um compromisso com a responsabilidade e a transparência. Estar em conformidade com a LGPD é demonstrar preocupação com a privacidade dos dados dos stakeholders, e isso pode ser considerado um aspecto social do ESG. Além disso, as empresas que se preocupam com o ESG tendem a ter uma postura mais transparente e ética, o que está diretamente relacionado à governança corporativa. Essa postura pode ser cumprida pela conformidade com a LGPD, que exige transparência e responsabilidade no tratamento de dados pessoais, estabelecendo regras para sua coleta, armazenamento e uso pelas empresas.

Essa conexão entre cibersegurança e ESG pode ser observada de várias formas. Com relação ao meio ambiente, a segurança digital pode ajudar a proteger redes e sistemas que, por sua vez, podem auxiliar a reduzir o impacto ambiental das empresas. Por exemplo, a segurança de uma rede de sensores pode colaborar na gestão de resíduos e no consumo de energia, reduzindo o desperdício e a poluição. Sob o aspecto social, a cibersegurança pode impactar diretamente, já que a segurança digital é fundamental para proteger as informações pessoais dos usuários, impedindo as fraudes e os crimes cibernéticos. A segurança também pode ajudar na proteção de dados sensíveis, como informações financeiras e de saúde, evitando a exposição indevida de dados que podem causar prejuízos. Já para governança corporativa, a relação é importante, pois as empresas são responsáveis pela proteção das informações confidenciais de seus clientes e colaboradores.



Além disso, a segurança digital é fundamental para garantir a integridade das atividades empresariais, evitando a interrupção de serviços e prevenindo perdas financeiras. Por isso, a cibersegurança é uma preocupação constante de empresas de todos os setores e tamanhos, que buscam investir em tecnologias e medidas para garantir a proteção de suas atividades e a confiança de seus clientes.

A segurança digital também pode ser um fator de competitividade para empresas que atuam em mercados competitivos. Empresas que investem em medidas robustas de cibersegurança e são capazes de demonstrar aos seus clientes que mantêm suas informações protegidas podem ganhar uma vantagem competitiva em relação a concorrentes que não dão tanta importância à segurança digital. Isso pode ser especialmente relevante em setores em que a confiança dos clientes é um fator determinante na escolha de fornecedores.

Sustentabilidade Ágil: Desvendando os mistérios do ESG



Aline Lazzari

- Administradora, Governança Corporativa, Business Agility e Escritora;
- Pós-graduada em Desenvolvimento Gerencial e Metodologias Ágeis;
- Especialista em Sustentabilidade & ESG.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Ao ingressar na área de ESG, em 2023, encontrei desafios surpreendentes. Descubri uma variedade de frameworks, metodologias, inventários de emissão de carbono, o pacto global da ONU, certificações, e temas como diversidade, impacto social, estratégia, liderança e cultura - elementos além da minha expectativa inicial. Comecei minha jornada de estudos adquirindo livros, revistas e dialogando com profissionais do campo. Um curso sobre Planejamento Estratégico expandiu minha perspectiva e enriqueceu meu entendimento sobre metodologias ágeis, processos, design thinking, transformação digital e gestão de projetos.

Em seguida, iniciamos o desenvolvimento em várias frentes, buscando consultoria para nos apoiar nessa jornada. Internamente, conseguimos implementar ações como um Programa de Voluntariado e pude aplicar meu conhecimento de mais de 10 (dez) anos de experiência em multinacionais nesta missão.

Com o planejamento estratégico definimos o nosso rumo, sublinhando a necessidade de uma visão clara e uma causa comum apoiada pela alta liderança.

Houve um esforço para que este propósito fosse compreendido tanto interna quanto externamente, fazendo com que os conceitos de ESG ganhassem significado para todos(as), promovendo uma cultura de engajamento.

Pudemos observar a evolução do processo mês a mês, analisar o estado atual e desejado, ajustar rotas, organizar procedimentos e implementar um sistema de gestão de dados para a captação ágil. Depois, abordamos certificações e protocolos essenciais, e pude perceber o meu papel transformador na empresa e a minha satisfação pessoal em trabalhar com um propósito.

Com estratégias alinhadas e processos organizados, começamos a integrar a estratégia ao negócio, preparando-nos para desafios futuros. Em determinados momentos, precisamos agir decisivamente, sempre priorizando a gentileza e a empatia. Adotamos uma abordagem adaptada ao nosso contexto, seguindo etapas claras de planejamento e execução.

A cultura da empresa, com olhar para sustentabilidade, transformou-se gradualmente. Educamos com apoio de parceiros e especialistas na área, divulgamos notícias e influenciemos grupos internos a adotar novas perspectivas. Para incorporar a cultura ágil, utilizamos uma metodologia conhecida, enfatizando a educação, o engajamento da liderança e a inovação.

Outras ferramentas essenciais foram os KPIs, a análise de dados, o PDCA, a priorização de temas, a gestão de rotina para apoiar equipes e a gestão de tarefas ou gestão à vista.

O grande resultado de tudo isso foi a entrega final do Relatório de Sustentabilidade, que além de servir como uma base fundamental, é um documento repleto de conhecimento, que aborda diversos temas e aprofunda outros, apresentando a maturidade do negócio e como a governança corporativa funciona, sendo um material riquíssimo para apoiar no planejamento estratégico de toda empresa. Com iniciativas como: pílulas de conhecimento, kit de brindes e a Comissão de ESG, exploramos vários temas, que vez ou outra me chamam, “ei, você viu que saiu tal matéria no jornal?”, ou então “você acha que posso fazer isso na minha área?”. Encorajo a continuidade neste caminho, beneficiando os compromissos com o planeta, a sociedade e o meio ambiente. Em momentos assim, sinto uma alegria imensa, ciente do legado que estamos construindo em conjunto.

Minha integração à área de ESG impulsionou uma transformação profunda em minha carreira, reforçando minha identidade como uma profissional revigorada, repleta de valores humanizados. Movida por um profundo compromisso com o desenvolvimento humano, dedico-me a fomentar a felicidade e o bem-estar, com o intuito de gerar um impacto positivo na sociedade. Esta jornada é alimentada pela sinergia entre teoria e prática em sustentabilidade e metodologias ágeis, sustentando minha crença inabalável na nossa capacidade coletiva de remodelar o mundo para melhor. Ao humanizar o ambiente de trabalho e promover o desenvolvimento pessoal, vejo cada passo desta jornada não apenas como uma contribuição profissional, mas como um legado de transformação e esperança.

Meu telhado é de vidro



**Aline Schneiders
Martins Dalpian**

- 🌱 Doutoranda em Agricultura Sustentável;
- 🌱 Diretora de certificação na SeloXIS.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Tive a oportunidade de participar de um fórum de sustentabilidade e a fala de uma participante e empreendedora do setor de turismo, me chamou muito à atenção:



Todos temos algum telhado de vidro!

Disse ela em sua frase.

É fato que, por tempos, diversas organizações usaram de estratégias, principalmente greenwashing, para esconder seus telhados de vidro. Uso o termo no plural, pois esses telhados podem ser divididos por eixos. Quando se trata da gestão ESG, citamos os pilares ambiental, social e de governança.

Percebo muito inteligente e realista a percepção dessa empreendedora, que, desde àquele dia, me colocou a pensar, e fui inspirada a esclarecer algumas dores dos empresários, independentemente do porte da empresa, quanto à incorporação de ESG no seu empreendimento.

Prezado leitor empreendedor, é possível que você tenha algum telhado de vidro? Sim, é. É possível que você seja o único? Não, não é! É possível que os outros que conhecem seus telhados individuais estejam em algum movimento a fim de minimizar impactos? Pode ser que sim, pode ser que não.

Mas a pergunta é: “Até que ponto você está disposto a conhecer seu telhado de vidro e se envolver profundamente nesse movimento ESG”?

É um despertar...

Por vontade própria ou força do mercado, você escolhe a jornada, podendo ser com menos ou com mais pressa.

Sim, falaremos de temas sensíveis como, por exemplo, as suas práticas de governança. Será perguntado a você questões como as seguintes:

- ▶ A empresa divulga publicamente sua prestação de contas e relatórios contábeis (por exemplo, através de seu site) e convida as partes interessadas para apresentar e obter aprovação do documento?
- ▶ A administração da empresa desempenha um papel ativo na promoção de uma cultura de integridade?
- ▶ A empresa pratica comunicação com Responsabilidade Social?
- ▶ A empresa identifica os riscos (estratégicos, financeiros, regulatórios, operacionais ou reputacionais) em curto e médio prazo de seu negócio?
- ▶ Como são as práticas da empresa quanto a Diversidade, Equidade, Inclusão e Acessibilidade?

Calma, não se assuste. Para esse despertar, a frase “feito é melhor que perfeito” é muito bem aceita.

Primeiro, para essa jornada, você precisará entender e relatar tudo que você já pratica de legal e não tão legal assim, resumidamente, o estudo do contexto organizacional. Num segundo momento, será preciso conhecer seus stakeholders, palavra difícil que significa partes interessadas. E, por fim, conhecer os impactos reais e potenciais, que é identificar o que é importante para você, para a comunidade, para seus clientes e para seus investidores, tudo por meio de uma ferramenta chamada matriz de materialidade. Outra coisa muito importante e que existe resistência é conhecer os riscos ESG, eles também são mapeados nessa fase.

Feito isso, vamos para a avaliação da significância dos impactos.

Partimos, então, para o planejamento, ou seja, estabelecer um passo a passo de práticas que a empresa consegue implantar.

É muito importante não querer abraçar o mundo de uma vez, lembre-se: é uma jornada, devagar e sempre. Essa é a vantagem de se anteceder às regulações de mercado.

Agora é a hora de implantar o seu planejamento, ir medindo e monitorando periodicamente. Importante lembrar que ESG precisa de métrica. Inicialmente, podem ser práticas qualitativas, mas com a maturidade os impactos precisam ser medidos para serem validados.

Por fim, é só relatar e publicar. Muito importante: tenha uma comunicação ética e responsável.

Eu imagino que só de ler você já tenha se cansado, mas lembre-se: é uma jornada e está tudo bem ter telhado de vidro. Você não é o único. A questão é:



O que estou fazendo com essa consciência criada?

A ideia é que você consiga, com o tempo, transformar esse telhado de vidro em um telhado sólido, melhorando a reputação da sua empresa, reduzindo seus custos, gerenciando seus riscos e elevando o impacto positivo do eixo ambiental e social.

Você pode contar com o trabalho de um consultor em estratégia em todas as etapas. Não está e não precisa ficar sozinho. Coragem!

Concluo que, todos temos telhados de vidro. A boa notícia é que as etapas citadas nesse artigo estão todas disponíveis de forma gratuita. Conheça algumas delas e mãos à obra!



Amanda Ribeiro Soares

- Advogada;
- Gerente de Ética e Compliance da América do Sul e dos Estados Unidos;
- Especialista em Compliance, Penal Econômico, ESG.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)



Flora Ricca de Weber

- Advogada;
- Analista de Conformidade Sênior na CNP Seguradora;
- Especialista em Compliance;
- Membro Compliance Women Committee e da Comissão de Compliance da OAB SP.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Greenwashing: O inimigo da transparência corporativa

A realidade mundial e a busca constante pela implementação de medidas sustentáveis, exigem que as empresas priorizem, cada vez mais, a adoção de modelos que sejam ecologicamente sustentáveis, socialmente justos e economicamente viáveis. Nesse sentido, as empresas passaram a dar palco e maior destaque para medidas ESG, isto é: padrões éticos que respeitam o meio ambiente, o social e que se pautam na governança corporativa.

Ao mesmo tempo que a bandeira ESG é levantada fortemente pelas empresas, diversas delas ainda se utilizam de tais preceitos para se destacar no mercado, sem adotar verdadeiramente medidas sustentáveis.

É nesse sentido que surge o greenwashing, ou ainda, a “lavagem verde”; onde empresas “maquiam” dados e iniciativas “verdes”, ou seja, iniciativas com aparência de focadas no ambiental, para receberem incentivos ou até mesmo chamar atenção para investimentos nacionais e estrangeiros. Essas informações também são utilizadas para atrair consumidores, principalmente aqueles que estão em busca de produtos e serviços sustentáveis.

Interessante destacar que o greenwashing, infelizmente, já é uma realidade não só ao redor do mundo, como também no mercado brasileiro. Grandes empresas no Brasil foram postas sob os holofotes, com escândalos relacionados com a matéria, principalmente, por divulgarem dados ambientais inverídicos, produtos e serviços sem a devida transparência e por meio de condutas antiéticas.

Em relação a tais divulgações de natureza enganosa, é importante ressaltar o retrocesso gerado a todo trabalho que vem sendo desenvolvido e realizado ao redor do mundo para combater as medidas de greenwashing que estão sob o disfarce de indicadores ESG. A ética tem se tornado cada vez mais um elemento chave e intrínseco para os negócios. Quando se descobre a prática de greenwashing, existe um custo grande para empresa que disseminou essas informações “maquiadas”, podendo trazer prejuízos, não só ambientais, como também financeiros, regulatórios e reputacionais.

Sabendo dos prejuízos, portanto, fica o questionamento: (1) por que manipular essas informações? e (2) qual o impacto que o greenwashing promove ao longo prazo?

Atenção ao greenwashing!



Recentemente, tivemos um caso famoso de uma rede varejista brasileira que trouxe à tona a relevância do greenwashing no mercado brasileiro, surgindo diversas notícias, palestras e artigos de opinião sobre a importância do ESG no mundo corporativo.

Segundo a “Pesquisa Global com Investidores 2023” da Pricewaterhousecoopers (conhecida também como PwC), veiculada na Revista Exame, para 98% dos investidores brasileiros, existe a prática de greenwashing nos relatórios de sustentabilidade. Tal informação é deveras preocupante e sugere que o Brasil ainda tem um longo caminho para se firmar neste novo mundo dos negócios sustentáveis.

O percurso ainda é sinuoso, mas o combate ao greenwashing é um trabalho constante e o apoio do Governo é essencial para que a mentalidade do mundo corporativo brasileiro se altere com o tempo, priorizando soluções para negócios sustentáveis e vislumbrando-se, assim, a proteção a investimentos verdes. A transformação de mentalidade é fundamental para que a prática se torne, cada vez mais, uma exceção e traga maior segurança para os investidores no Brasil e mundo afora.

Neste sentido, no mês passado, o Governo Brasileiro lançou o Programa de Mobilização de Capital Privado Externo e Proteção Cambial, que tem por objetivo incentivar investimentos estrangeiros em projetos sustentáveis no país e oferecer soluções de proteção cambial, para que os riscos associados à volatilidade de câmbio sejam minorados e não atrapalhem esses investimentos tão cruciais para a transformação ecológica brasileira.

Um programa como esse demonstra que o assunto é preocupante e que necessita de combate e atenção, como ocorre igualmente com a corrupção. É um incentivo positivo e também fomenta a conformidade nos negócios, já que o acesso ao benefício depende da apresentação de dados reais, transparentes e verídicos.

Ademais, verifica-se que quanto mais discutirmos a prática e incentivarmos a sua conformidade, ou seja, sugerirmos ações contra o greenwashing, melhor caminhamos para assegurar que esse “inimigo corporativo da transparência” não se torne uma “rotina” e uma prática habitual para empresas.

Diante de todo o exposto, é importante destacar que o engajamento e motivação de todos os Departamentos e/ou Diretorias de uma empresa são de suma importância para que as medidas ESG prosperem, trazendo maior rentabilidade, reconhecimento no mercado, seja nacional ou estrangeiro.

A sustentabilidade quando devidamente incentivada pode trazer grandes benefícios como um todo para o planeta e para as empresas. Adoção de medidas reais de sustentabilidade e ESG trazem a devida transparência e ética nas ações que o mercado tem buscado e incentivado.

Nesse sentido, o greenwashing precisa ser discutido para que outros casos no mercado brasileiro não ocorram. Da mesma forma, outros incentivos precisam ser criados, para assegurar que dados verídicos estão sendo divulgados adequadamente no mercado.

Por fim, a propagação, por meio do chamado “tone at the top” da ideia de que a transparência é necessária para a sobrevivência dos negócios de forma sustentável, permite difundir os ideais de investimentos verdes em toda estrutura organizacional da empresa, evitando que os incentivos acabem sendo direcionados erroneamente às empresas que propagam práticas de greenwashing.

O fomento do ESG nas compras públicas



Ana Patrícia da Cunha Oliveira

- ✦ Bacharel em Direito;
- ✦ Especialista em Gestão Pública;
- ✦ Coordenadora do Comitê de ESG da Associação Nacional de Compliance (ANACO Brasil);
- ✦ Mentora em ESG do Ela Jurista.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O ESG é uma tendência necessária frente às dificuldades da sociedade contemporânea. Trata-se de um conjunto de boas práticas que visa definir se uma organização é socialmente consciente, sustentável e governada de forma ética e transparente.

A sigla surgiu em 2004, após uma provocação do então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, a 50 (cinquenta) CEOs de grandes instituições financeiras do mundo, indagando sobre como os bancos poderiam integrar os fatores ESG ao mercado de investimentos, resultando na publicação Who Cares Wins.

No final de 2023, o Brasil passou a ser o primeiro país a adotar oficialmente padrões globais para divulgação de ESG, em razão da Resolução CVM nº 193, que estabelece “a obrigatoriedade de elaboração e divulgação de relatório de informações financeiras relacionadas à sustentabilidade, pelas companhias abertas, após 1º de janeiro de 2026, com base no padrão internacional emitido pelo International Sustainability Standards Board (ISSB)”.

O ISSB possui grande foco em fornecer informações para que investidores possam avaliar riscos e oportunidades relativos à sustentabilidade, contendo dois padrões: o S1, voltado para a Divulgação de Informações Financeiras Relacionadas à Sustentabilidade e o S2, focado em Clima.

Em razão das organizações privadas terem uma gestão administrativa caracterizada pelo investimento em práticas sustentáveis nos parece fácil a tarefa, até porque reverbera no impacto positivo na governança da atividade econômica exercida para a sociedade e atrai investidores.

Mas para as organizações públicas, considerando que suas decisões, devem ser motivadas naquilo que a lei lhes permite fazer, como será que os órgãos e entidades da Administração Pública podem investir em ações voltadas para a sustentabilidade, sem ferir o princípio da legalidade?

Para esta e outras respostas, é preciso rememorar a história quanto ao aparecimento da sustentabilidade no Brasil e o seu desenvolvimento.

Sustentabilidade refere-se à condição de um processo que permite sua permanência por um certo período. Significa sustentar, apoiar, conservar e cuidar e pode ser vislumbrada em suas várias dimensões: social, ambiental/ecológica, econômica, espacial e cultural. Usualmente, esse conceito passou a ser empregado na conservação e manutenção do meio ambiente, e no Brasil ganhou notoriedade a partir da ECO-92, no Rio de Janeiro, evento considerado como marco nas discussões sobre a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável.

Importante frisar que a sustentabilidade não se confunde com o desenvolvimento sustentável. O primeiro, e conforme já falamos é um conjunto de iniciativas, ideias e soluções. São as estratégias de negócios planejadas pelas organizações. Já o segundo, é a forma de instrumentalizar essas ideias e valores no cotidiano e rotina das organizações.

Especialmente quanto ao desenvolvimento sustentável, imperioso registrar que o tema foi introduzido no ordenamento jurídico pátrio pela Lei nº 6.938/1981, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, sendo mais tarde recepcionado pelo art. 225 da Constituição Federal de 1988 (CF/88).

Além da redação do capítulo destinado ao meio ambiente, a CF/88, com redação dada pela Emenda Constitucional nº 42/2003, incorporou o desenvolvimento sustentável como princípio previsto em seu art. 170, VI, incluindo, assim, ao lado da proteção ao meio ambiente, a obrigatoriedade de tratamento diferenciado, conforme o impacto ambiental, aos que conciliam o desenvolvimento econômico com o respeito à proteção do meio ambiente.

No campo das Compras Públicas, o desenvolvimento sustentável foi inserido em 2012, na pós-tuma Lei nº 8.666/93, em razão da necessidade de estabelecer diretrizes claras atinentes ao papel do Estado na promoção do desenvolvimento econômico e fortalecimento de cadeias produtivas de bens e serviços domésticos, já

que naquela altura países como Estados Unidos, China, Colômbia e Argentina adotavam políticas semelhantes, lançando mão de margens de preferências com percentuais entre 7% e 20% para os produtos nacionais.

Caminhou no mesmo sentido, a Lei nº 14.133/2021, que além de manter o desenvolvimento sustentável como princípio licitatório, trouxe ainda sua previsão como um dos objetivos da licitação e determinou a existência do Plano de Logística Sustentável como um dos instrumentos de Governança das Compras Públicas.

Ao tratamos de desenvolvimento sustentável nas licitações, o que inicialmente figura em nossas mentes é adquirir produtos e/ou serviços, com potenciais fornecedores que desenvolvem suas atividades econômicas com base em políticas que não impactem no meio ambiente, ou ao menos, mitiguem o impacto eventualmente causado.

Mas o desenvolvimento sustentável está para além das ações não degradantes ao meio ambiente. Tem como premissa maior, fornecer o caminho para manutenção da vida no planeta e o bem-estar social. Significa dizer que o Governo, além de fomentar a economia do país, possui grande responsabilidade de influenciar os novos rumos mercadológicos, partindo da premissa que o Estado tem o dever-poder de implementar políticas públicas visando o seu aprimoramento.

No entanto, quando se introduz a preocupação com a sustentabilidade, o processo torna-se um pouco mais complexo, na medida em que o gestor público deve estabelecer regras, visando assegurar além da ampla competitividade, a proposta mais vantajosa em todos os aspectos que produzam o desenvolvimento sustentável dos cidadãos como, por exemplo, promover ações que erradiquem a pobreza local.

Nessa toada, a Administração Pública está cada vez mais implementando políticas e normativos rígidos, obrigando terceiros prestadores de produtos e/ou serviços a adotarem práticas responsáveis, com vistas a demonstrar o comprometimento com os pilares ESG, pautando as seguintes ações:

- ▶ Seleção de fornecedores: Podem conceder o direito de preferência a fornecedores que cumpram com os pilares do ESG de forma sólida em suas operações. Estas podem incluir políticas ambientais, compromisso com a igualdade de gênero, com a diversidade e com práticas laborais éticas e salutaras;
- ▶ Contratações sustentáveis: Podem estabelecer critérios de sustentabilidade nos requisitos de contratação, solicitando produtos e serviços que produzam um menor impacto ambiental;
- ▶ Transparência e divulgação: Os fornecedores podem ser solicitados a prestar informações detalhadas sobre suas práticas ESG como parte do processo licitatório;
- ▶ Inovação e tecnologia sustentável: As Compras Públicas podem impulsionar demandas de soluções inovadoras e sustentavelmente tecnológicas ao querer que os fornecedores ofereçam produtos e serviços que cumpram com certos pilares do ESG.

Concluimos assim que ao integrar os critérios ESG para as Compras Públicas, os Governos estão não somente fomentando práticas comerciais, com também responsabilidades, ao impulsionar uma economia mais sustentável e socialmente consciente.



Andreia Duarte Oliveira Costa

- ✔ Graduada em Serviço Social;
- ✔ Especialista em elaboração, gestão e avaliação de projetos sociais, metodologias ativas;
- ✔ Sustentabilidade e Economia Circular;
- ✔ Mestre em Administração com concentração em Organizações e Inovação;
- ✔ Estrategista em Conexões e Mudanças;
- ✔ Fundadora da AD Social;
- ✔ Multiplicadora do Movimento B.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O Desafio do S do ESG na Era da Interdependência

Neste momento, o termo ESG não deve ser novidade para você, principalmente se já atua com a pauta. Porém o “S” de Social, apesar de sua grande importância, ainda é um grande desafio especialmente quando dedicado a temas como investimento social, impacto social, diálogo e engajamento das partes interessadas. Para que possa ampliar o olhar é necessário fazer algumas pequenas reflexões.

Modelo capitalista

Já é sabido, que as empresas tradicionais são orientadas a perseguir o desempenho financeiro satisfatório a curto prazo, capazes de focar em resultados, lucros e dividendos sem grandes preocupações com os impactos negativos gerados pela sua operação. Assim, como disseminado nos anos de 1950 pelo economista Milton Friedman, que defendia a responsabilidade social das empresas era criar empregos, obter lucros e cumprir com suas obrigações legais e fiscais.

Uma nova economia

A partir de uma breve análise do cenário do nosso contexto econômico global, alinhado à nossa sobrevivência humana, pode-se afirmar que o modelo de capitalismo atual já não atende às necessidades humanas e não é mais sustentável. E assim clama por uma mudança de cultura emergencial para adoção de práticas regenerativas. Ou seja, é necessária uma grande mudança de como percebemos o mundo. Assim, em vez de considerar o homo sapiens como o centro da humanidade, precisamos compreender o nosso papel na teia da vida.

Dessa forma é necessário um novo modelo econômico que possa abarcar formas de agir com intencionalidade, adotando medidas conscientes para restaurar e revitalizar nosso planeta, considerando as relações humanas e nosso lugar dentro do ecossistema.

A regeneração é um esforço colaborativo e requer mudanças de todos: Estado, sociedade, comunidades, pessoas e empresas, que tenham envolvimento amplo local e global. Sustentar já não é suficiente. Sustentar implica em práticas que destroem. E regenerar vai além da sustentabilidade, pois busca restaurar, revitalizar, fortalecer sistemas naturais e sociais.

Para que se possa ter mudanças significativas também no mundo corporativo é fundamental conhecer novas estratégias com capacidade de se desenvolver a partir de todas as mudanças, podendo gerar, sim, vantagem competitiva enquanto produz benefícios à sociedade.

Convido a você a ter um olhar mais atento ao “S” - Social, com mais apreço. Assim, quando se pensar em gestão e estratégia de negócios, que tal adotar a Teoria de Stakeholders e o Valor Compartilhado? A primeira refere-se aos stakeholders ou partes interessadas como qualquer grupo ou indivíduo que possa ter relação com a organização para que esta possa atingir seus resultados. Estas empresas precisam ter atenção a eles, pois a relação entre eles pode traduzir em uma melhor performance da organização, a partir de relacionamentos positivos.

Já ao considerar o Valor Compartilhado, percebemos que a empresa pode multiplicar seus resultados quando a comunidade em que ela está inserida também prospera. De um lado, a comunidade cria demandas de consumo de produtos e serviços, fornece ativos essenciais e oferece ambiente de apoio. Por outro lado, a comunidade também é beneficiada por empresas prósperas a partir de empregos e criação de riquezas para os cidadãos.

Uma empresa, além de contribuir para a sociedade, com empregos, salários, consumo e impostos, atua também no estímulo à ampliação do valor econômico e social, principalmente quando se reconhece como interdependente entre partes interessadas.

Comunidades no coração do “S” - Social

Nos anos 2000, surgem novas práticas de gestão de negócios com o olhar para a construção de uma nova cultura de sucesso organizacional. Nasce o termo ESG, o Movimento B e outras estratégias que abarcam o sucesso organizacional a partir da geração de valor do negócio para além do lucro.

Assim, começam a nascer empresas orientadas pelo propósito e mais cautelosas com o impacto negativo e com foco em criar mais impacto positivo no mundo.



Porém, apesar da horizontalidade das práticas ESG, trazendo para a pauta a importância da Ambiental, do Social e da Governança, não é assim ainda que se opera nas organizações. As práticas ambientais ampliaram seu escopo, como era de se esperar, e a governança ganha força nas práticas de gestão. Entretanto, o Social passa a ser adotado como responsabilidade da equipe de pessoas com práticas sem grande aprofundamento em relação aos demais eixos.

Ouso afirmar que o olhar da interdependência ainda é algo incipiente e desconhecido, o que afasta as estratégias do negócio para a geração de valor compartilhado.

Ao se debruçar sobre a norma técnica ABNT 2030 - ESG percebe-se o olhar do Social para comunidade apenas para ações voltadas para a mitigação de danos e, principalmente, ao estímulo à obtenção de licença social para operar. Por sua vez, ao olhar para o Movimento B, por meio da ferramenta de avaliação de impacto BIA - Business Impact Assessment, que oportuniza a certificação como B Corps (Sistema B), já é possível identificar alguns avanços nas empresas reconhecidas pelo seu impacto gerado.

E este ponto é algo de grande relevância, pois práticas reconhecidas como responsabilidade social nos anos 2000 não podem continuar sendo referências quando se diz respeito ao trabalho com diálogo entre partes interessadas, investimento social privado e impacto social. Práticas ultrapassadas continuam a fazer parte do portfólio de atuação como roupagem vendida como ESG. O olhar da interdependência entre empresas, comunidade e pessoas de seu entorno ainda é desafiador. Pois o sucesso da corporação ainda é visto apenas como resultado financeiro e a geração de valor ainda está longe de ser compreendida.

É por meio das pequenas revoluções que é possível fazer grandes mudanças, assim, compreender a potência das comunidades é o primeiro passo, seguido do diálogo intencional entre as partes, quando se percebem como interdependentes. Daí nascerá o real valor compartilhado que beneficiará diretamente as pessoas e o planeta.

Para além da emergência climática



Barbara Alves

- Engenheira Química;
- Pós-graduanda em Sustentabilidade e ESG;
- Especialista em Sustentabilidade para o Setor de Energia.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A conta de nossas ações na terra **chegou**. O temido “aquecimento global” deu palco para a emergência climática. A problemática é considerada de ordem transversal e digna de afetar TODAS as áreas de nossa vida: saúde, economia, segurança alimentar, conforto e longevidade, está a poucos passos de se tornar irreversível.

Neste artigo, comentarei a respeito do estudo divulgado pela ONG Carbon Plan, em parceria com o jornal The Washington Post, em setembro de 2023. Este estudo buscou trazer a partir de modelos estatísticos climáticos, para estimar o calor extremo em centros urbanos, seus efeitos sobre a saúde pública e a infraestrutura social. Meu objetivo é gerar reflexões importantes a partir da correlação de calor extremo e justiça climática.

Na pesquisa, foram realizadas projeções de 26 (vinte e seis) modelos climáticos globais para um período histórico de 1985-2014 e dois períodos futuros: Entre 2020 e 2039 e 2040 a 2059 em um cenário de emissões moderadas. Estes dados podem ser consultados [aqui](#).

Onde tudo começa

À medida que o calor extremo se torna um fator comum na realidade da maioria das pessoas, elas precisam tomar conhecimento dos seus efeitos e as futuras ocorrências.

O estudo considera um dos índices de avaliação do grau de exposição ao calor, a metodologia do Globo do Bulbo Úmido (WBGT), que combina quatro variáveis principais: Temperatura, Umidade, Radiação solar e Vento e em quatro lugares, como Dubai, Karachi, Bangkok e Phoenix.

Os limites foram desenvolvidos no contexto do trabalho, especialmente ao ar livre. No modelo, quando o Bulbo Úmido é superior a 32°C, um curto período de trabalho ao ar livre, mesmo em um indivíduo saudável, representa risco de doença ou morte. O WBGT considera majoritariamente as variáveis físicas de impacto por calor extremo.

As consequências

O impacto fisiológico do calor extremo, como a insolação, prejudica o funcionamento do coração e dos rins. Com a umidade acima de 50% a temperaturas elevadas, o corpo perde a capacidade de dissipar o excesso de calor através da transpiração¹, e portanto, também não consegue se resfriar, acarretando riscos prejudiciais à saúde.

Por exemplo, se o ar estiver muito úmido para absorver o suor, a temperatura interna do corpo de uma pessoa continuará a subir. O coração bombeará mais rápido e os vasos sanguíneos se expandirão para levar mais sangue para perto da pele, a fim de resfriar o corpo. Ao mesmo tempo, o cérebro enviará um sinal para enviar menos sangue aos rins para que eles parem de perder líquido pela urina, privando os rins de oxigênio.

Os cientistas afirmam que quanto mais a temperatura de bulbo úmido aumenta, mais difícil se torna manter a temperatura e o coração, levando à falência dos rins (que trabalham horas extras para manter a pressão arterial e o fluxo de fluídos no corpo).

Conforto Térmico VS Justiça Climática?

Todos somos afetados pelas mudanças climáticas, porém, nem todos da mesma forma. Os efeitos e, conseqüentemente, o tratamento dado a quem sente esses impactos é completamente diferente, a depender da classe, da raça ou do gênero.

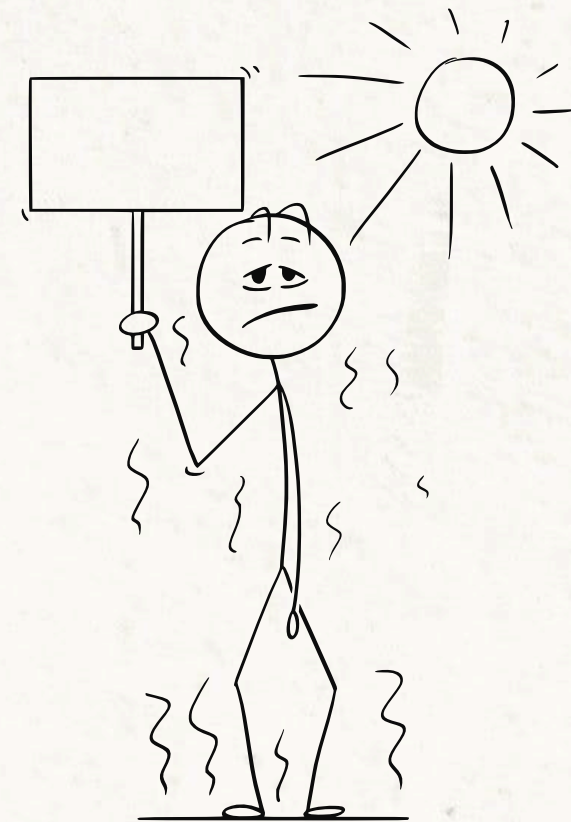
E o que dizem os especialistas, sobre Justiça Climática?

Justiça que vincula o desenvolvimento e os direitos humanos para alcançar uma abordagem centrada no ser humano para lidar com as mudanças climáticas, protegendo os direitos das pessoas mais vulneráveis e compartilhando os ônus e benefícios das mudanças climáticas e seus impactos de forma equitativa e de forma justa (Princípios de Justiça Climática - Fundação Mary Robinson para a Climate Justice).

- IPCC, 2022: Anexo II: Glossário 2

A verdade é que, muitos dos países MAIS afetados por esse calor extremo, foram os que MENOS contribuíram para a crise climática, além de obviamente estarem impossibilitados de gerenciar as consequências.

Como fugir desse calor?



Implementar soluções de longo prazo para o aumento das temperaturas, como reforçar a infraestrutura de água instável da comunidade e plantar árvores, que gerarão sombra e equilibrarão as temperaturas, pode ser uma boa saída.

Mas quando comparamos justiça climática com o conforto térmico, os fatores como acesso a refrigeração, capacidade de mudar o horário de trabalho ao ar livre para evitar o calor e tecido de roupas, todos esses aspectos afetam a experiência do calor e variam de acordo com o status socioeconômico. Portanto, o “mesmo” calor é experimentado de forma completamente diferente entre as pessoas.

Não à toa, conceitos como:



Estresse Climático, Desconforto Térmico e Eco-ansiedade

... estão em alta e traduzem o sentimento a respeito da emergência climática.

Em março de 2017, a APA, Associação Americana de Psicologia, publicou um estudo chamado “Mental Health and our changing climate: Impacts, Implication and Guidance”, apresentando o conceito de ecoansiedade, em tradução adaptada, como “A observância aparentemente irrevogável das mudanças climáticas, ao se preocupar com o futuro de si mesmo, dos filhos e das gerações futuras, gerando uma fonte adicional de estresse”.²

O artigo elenca aspectos que farão cada vez mais parte do nosso dia a dia, além de citar fontes científicas e de credibilidade, gerando reflexões importantes sobre como será nossa nova realidade.

Esses estresses serão vividos com mais frequência, uma vez que as ondas de calor chegam mais cedo e duram mais do que nunca, além de passarem a ser muito sentidas em centros urbanos, onde a atividade humana é mais intensa. Ou seja, 36°C em um determinado lugar pode ser, bastante incômodo, mas em outro, muito perigoso.

A caracterização completa desses riscos continua sendo uma área de trabalho ativa na interseção da ciência climática e trabalhos dessa natureza nos ajudarão a buscar soluções para o enfrentamento climático.

1 A evaporação do suor depende da quantidade de vapor d'água existente no ar.

2 O responsável por cunhar o termo foi Glenn Albrecht, professor de sustentabilidade na Universidade de Murdoch, Austrália, em 2011, no livro “Climate Change and Human Well Being” ou em tradução literal, “Mudanças climáticas e bem-estar humano”.



Bárbara Franco Martin

- Relações Internacionais;
- Especialista em Desenvolvimento Humano e Organizacional;
- Gerente de Recursos Humanos.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Além do Compliance: O papel estratégico da liderança na adoção das práticas ESG

A crescente importância das práticas de Governança Ambiental, Social e Corporativa (ESG) nas corporações reflete uma mudança significativa na mentalidade empresarial global. À medida que o mundo se torna mais consciente das questões ambientais, sociais e de governança, as empresas que se destacam são aquelas que incorporam essas práticas não apenas como uma formalidade, mas como um compromisso verdadeiro e profundo. A integração do ESG na estratégia de negócios não é mais uma opção, mas uma necessidade para aqueles que buscam relevância e respeito no mercado.

Neste contexto, a liderança é peça-chave para o sucesso do ESG. Os líderes devem ir além do mero apoio, exemplificando na prática como a sustentabilidade é essencial para o desenvolvimento e inovação das empresas. Compreende-se que a integração do ESG é uma transformação profunda, alterando o funcionamento e a imagem corporativa no mercado. Portanto, é imperativo que os líderes sejam os protagonistas dessa mudança, encorajando uma cultura organizacional que priorize a responsabilidade ambiental, social e de governança como pilares de um crescimento sustentável e inovador.

O desafio da liderança

A liderança corporativa é essencial na incorporação das práticas ESG, agindo como um agente propulsor para a transição rumo a modelos de negócios sustentáveis e éticos.

A liderança ESG 2.0 demanda um engajamento completo com a sustentabilidade, permeando todas as facetas da organização. Isso significa que os executivos devem incorporar as iniciativas ESG nas estratégias centrais da empresa, cultivando uma cultura que priorize a responsabilidade social e ambiental.

Entretanto, a implementação dessas práticas encontra obstáculos significativos, como resistência cultural interna, falta de conhecimento técnico específico e dificuldades em medir o retorno sobre investimento das iniciativas ESG. Para superá-los, é necessário que os líderes promovam a educação continuada sobre ESG, estabeleçam metas claras alinhadas com objetivos de longo prazo e incentivem uma abordagem participativa na tomada de decisões.

O valor intrínseco das práticas ESG

A importância das práticas ESG é destacada por estudos, como o da McKinsey (2021), que apontam como elas podem impulsionar o crescimento e reduzir custos, além de minimizar riscos legais e regulatórios. Aumentam também a produtividade dos funcionários e aprimoram investimentos. Líderes eficazes sabem converter essas práticas em benefícios competitivos.

Os benefícios do ESG transcendem a simples melhoria da imagem corporativa, contribuindo para a atração e retenção de talentos e facilitando novos investimentos. Líderes que promovem uma cultura ESG forte colocam suas empresas em uma posição vantajosa frente aos stakeholders que prezam por princípios de sustentabilidade e ética.

Estudos apontam que estratégias organizacionais voltadas ao ESG são vitais para o êxito na Gestão Estratégica de Recursos Humanos. Líderes devem incentivar uma cultura de inovação que esteja em sintonia com os valores ESG. Além disso, deve-se destacar a relevância do engajamento e desenvolvimento dos colaboradores, sugerindo que lideranças incentivem a capacitação e mantenham ambientes de trabalho inclusivos e diversificados para atingir objetivos ESG.

Uma pesquisa da Multidisciplinary Digital Publishing Institute (MDPI) de 2023, evidencia que lideranças comprometidas com práticas ESG são capazes de melhorar os índices ambientais e sociais e promover um valor econômico sustentável.

Liderança e o futuro ESG

Em essência, líderes corporativos carregam a responsabilidade de moldar o futuro das práticas ESG em suas organizações. Ao se anteciparem e adotarem medidas abrangentes, esses gestores asseguram que suas companhias atendam aos deveres éticos e sociais, distinguindo-se em um ambiente de negócios que preza por uma consciência ambiental crescente.

Essa jornada rumo à integração das práticas ESG nas estratégias corporativas é complexa e desafiadora. Contudo, os dados apresentados confirmam o impacto positivo dessas iniciativas na performance organizacional e no reconhecimento de mercado. O papel dos executivos é crucial na promoção desses valores, não apenas por uma questão de compromisso ético, mas também como um elemento chave para o êxito no mundo dos negócios atual.

À medida que caminhamos para um futuro cada vez mais voltado para a sustentabilidade e a responsabilidade social, a liderança ESG emerge não apenas como uma prática ideal, mas como um pré-requisito indispensável para o sucesso empresarial e a resiliência organizacional.

O compromisso com as práticas ESG, sobretudo por parte da liderança, posiciona as empresas à frente em um mercado que valoriza de forma crescente a ética, a sustentabilidade e a governança. Portanto, os líderes possuem o papel fundamental de integrar esses valores ao núcleo estratégico de suas organizações, garantindo assim um crescimento sustentável que respeite os limites do nosso planeta e promova o bem-estar social. A adoção de práticas ESG pela liderança não só transforma positivamente o ambiente empresarial, mas também reflete uma contribuição significativa para um mundo mais justo e sustentável.



Camila Mattana

- Engenheira Ambiental;
- CEO da CM Consultoria Ambiental e Engajamento ESG;
- Mentora de Negócios na FIESP;
- Conselheira em diversos comitês e organizações.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O ecossistema por trás daquilo que você ouve – Por que lancei um podcast para falar do ESG

A primorar a comunicação interna e externa é essencial para fortalecer os laços da equipe e impulsionar a produtividade. Ao criar conteúdos relevantes, estamos não apenas informando, mas também envolvendo e motivando nosso ecossistema a alcançar objetivos comuns. A comunicação voltada para a sustentabilidade não é apenas uma responsabilidade, mas uma oportunidade de liderar positivas mudanças, unindo esforços em prol de um impacto duradouro.

Segundo Camila, mentora e idealizadora, também do Podcast Geração ESG, o convite ao lançamento dos episódios dos convidados são sempre muito estratégicos, e surge como um instrumento de posicionamento, exposição de marca e relacionamento intersetorial para novos negócios, por meio do qual instituições, especialistas e entusiastas interagem para educar os players em busca de soluções positivas.

O palco do Podcast Geração ESG (Ambiental, Social e Governança) é o lugar onde empresas podem e devem demonstrar publicamente seus compromissos e ações relacionados a práticas sustentáveis, responsabilidade social e governança. Esse cenário destaca os esforços da empresa em alinhar suas operações com critérios ESG, influenciando positivamente sua reputação, atraindo investidores que valorizam a sustentabilidade e fortalecendo as relações com partes interessadas. É um espaço estratégico para comunicar e evidenciar as iniciativas que contribuem para o desenvolvimento sustentável e responsável da organização. Falar do ESG, ter palco para ser ouvido, é exercer também, influência e transparência para além do business.

É como sair do lugar sozinho, mas com a força do coletivo. Em cada episódio mergulhamos nas estratégias líderes do setor, destacando casos de sucesso e discutindo profundamente as tecnologias mais avançadas da engenharia ambiental, por exemplo.

Nosso Podcast é um espaço dinâmico onde as empresas se conectam com especialistas, compartilham experiências valiosas e moldam o futuro dos negócios de forma responsável e regenerativa, rumo a economia de baixo carbono.

Ao participar, você estará na vanguarda da mudança, construindo redes influentes, ampliando sua compreensão das melhores práticas ESG e fortalecendo sua posição como líder comprometido com a sustentabilidade. Junte-se a nós e inspire-se para fazer a diferença em um mundo que valoriza não apenas o sucesso financeiro, mas também o impacto positivo. Sua jornada ESG pode começar aqui.

Descubra o poder da transformação sustentável. Estamos ansiosos para criar, inspirar e regenerar junto com você.

Tudo isso por quê?

Elas não estragam o meio ambiente porque querem, eles estragam porque não sabem.

- Camila Mattana

Vivemos em um mundo onde as ações humanas muitas vezes resultam em danos ao meio ambiente. A reflexão sobre essa realidade nos leva a considerar que a degradação ambiental não ocorre por intenção maliciosa, mas muitas vezes por falta de conhecimento.

A preservação do meio ambiente exige uma compreensão profunda de nossas ações e de como elas impactam o ecossistema. Muitas vezes, as pessoas não estão cientes do impacto negativo de suas escolhas diárias, seja no consumo excessivo, na produção de resíduos ou em práticas que prejudicam a biodiversidade.

A conscientização e a educação ambiental desempenham um papel crucial. Ao compreendermos melhor as consequências de nossos comportamentos, podemos adotar práticas mais sustentáveis. Isso não apenas beneficia o meio ambiente, mas também contribui para um futuro mais equilibrado e saudável para as gerações vindouras.

Somente através da troca de conhecimento e da educação ambiental, podemos esperar mudanças positivas significativas em prol da preservação do nosso planeta.

Simplemente pelo poder da COMUNICAÇÃO assertiva, alinhada e conectada com o único planeta que existe.

Para isso é preciso entender, que o ESG é "diferente" em cada nível, mas que ele é para todos os níveis, e precisa ser imediatamente pertencido a todos.





Carmem de Fátima Seguro Sanches

- Assistente Social;
- Especialista em Gestão de Organizações Sociais;
- MBA em Gestão Comercial;
- MBA em Liderança com Ênfase em Gestão;
- Supervisora do Setor de Responsabilidade Social da Copel Distribuição.



Daiana Franciele Gapski Burkoot

- Bióloga;
- Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade;
- Pós-graduanda em Licenciamento Ambiental.

A contribuição dos programas sociais corporativos na comunidade para alcançar os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)

Os projetos sociais são intervenções governamentais ou de iniciativas de organizações da sociedade civil e desempenham um papel fundamental na promoção do bem-estar e na redução das desigualdades nas comunidades em todo o mundo.

No cenário empresarial, os projetos sociais corporativos são um pilar fundamental da Responsabilidade Social Corporativa, compondo uma de suas principais dimensões, com foco em iniciativas que visam gerar impacto positivo na sociedade, indo além das obrigações legais da empresa. São ações que contribuem para o desenvolvimento social, ambiental e econômico nas comunidades, visando melhorar a qualidade de vida da população. Esse modelo estratégico contribui para o alcance dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) foram estabelecidos pela ONU, em 2015, como um plano de ação global para acabar com a pobreza, proteger o planeta e garantir que todas as pessoas desfrutem de paz e prosperidade até 2030.

Ao correlacionar os ODS aos programas sociais corporativos voltados à comunidade, as empresas podem gerar impactos sociais positivos e duradouros, além de fortalecer sua marca e reputação. A conexão com os ODS demonstra o compromisso da empresa com a sustentabilidade e responsabilidade social. Essa integração estratégica gera benefícios para a empresa, para a sociedade e para o meio ambiente, como:

- ▶ Ao correlacionar os projetos sociais aos ODS, a empresa direciona seus esforços para as necessidades mais urgentes da sociedade como o combate à pobreza, à fome, às mudanças climáticas e à desigualdade social;

- ▶ A empresa concentra seus investimentos em iniciativas com maior potencial de impacto positivo, evitando desperdícios e maximizando resultados;
- ▶ Ao definir metas e indicadores específicos, vinculados às metas globais dos ODS, a empresa acompanha e avalia a efetividade dos projetos sociais, garantindo a transparência e geração de valor para a empresa e para a sociedade;
- ▶ A correlação com os ODS demonstra o compromisso da empresa com a sustentabilidade e a responsabilidade social, atraindo e fidelizando clientes, colaboradores, parceiros e investidores;
- ▶ Ao contribuir com as metas dos ODS, a empresa se torna um agente ativo na construção de um futuro mais sustentável, contribuindo para o alcance dos ODS e para a Agenda 2030 da ONU;
- ▶ Ao desenvolver programas sociais corporativos, a empresa incentiva a cultura da sustentabilidade entre seus colaboradores, clientes e parceiros, promovendo práticas mais conscientes e responsáveis.

A efetividade de práticas que promovam a redução da pegada ambiental, como a reciclagem, a redução do consumo de água e energia, que resultem no apoio as comunidades locais, podem ser medidas de diversas formas, como com a redução da pobreza, a melhoria da educação, o aumento do acesso à saúde, a promoção da igualdade de gênero, a preservação do meio ambiente.

Os projetos sociais corporativos são ferramentas valiosas para que as empresas assumam um papel mais ativo na construção de uma sociedade mais justa e sustentável, pois quando alinhados aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) representam uma estratégia poderosa para as empresas comprometidas com a responsabilidade socioambiental.

Enfim, ao investir em projetos sociais voltados a comunidade, as empresas não apenas se posicionam como agentes ativos na construção de um futuro mais sustentável, mas também incentivam uma cultura de responsabilidade e conscientização entre seus colaboradores, clientes e parceiros, promovendo uma transformação positiva e duradoura na sociedade e no meio ambiente.



Qual a relação das normas ISO com o ESG?



Claudia Leite

- Engenheira Química;
- Mestre em Engenharia Metalúrgica e de Minas;
- Especialista em Engenharia Sanitária com ênfase em gestão ambiental, segurança e saúde do trabalho, gestão de negócios, extensão em governança, riscos e Compliance;
- Auditora das normas ISO 9001, ISO 14001, ISO 450001 e ISO 37301;
- Membro da comissão CEE-256 da ABNT;
- Multiplicadora do Sistema B;
- Embaixadora do Capitalismo Consciente em Minas Gerais;
- Cofundadora da Essentia Consultoria em Sustentabilidade.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A sigla ISO vem do inglês e significa International Organization for Standardization, com origem em 1947, em Genebra, na Suíça. Essa organização é voltada para a normatização e padronização.

O foco principal da ISO é aplicar normas internacionais em todos os mercados, como normas técnicas de procedimentos e processos, nos países afiliados. No Brasil, a entidade é representada pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

As normas ISO têm como objetivo fornecer um conjunto de requisitos que assegurem maior confiabilidade na empresa e atestem que a capacidade de fornecer produtos e serviços que atendam às necessidades, às expectativas de seus clientes, conformidade com as leis e regulamentos aplicáveis. Já o termo ESG (Environmental, Social, and Governance) foi citado em 2004 em uma publicação do Banco Mundial em parceria com o Pacto Global da ONU e 20 instituições financeiras de 9 países responsáveis pela gestão de USD6 trilhões, chamada “Who Cares Wins”.

O ESG ou ASG (Ambiental, Social e Governança) define padrões e práticas que identificam se a empresa é transparente e ética e se é social, ambiental e financeiramente sustentável. Os objetivos das normas ISO mais atuais e os princípios ESG são complementares, interligados e têm em comum, aspectos essenciais como a gestão de riscos e oportunidades socioambientais e econômicas que considerem toda a cadeia de valor.

As normas ISO e o ESG se aplicam a empresas de qualquer segmento e de qualquer porte. É importante dizer que a implementação de normas de sistemas de gestão e de certificações ISO já acontecem em muitas empresas no Brasil. Esse movimento pela busca de padronização ISO de processos pela indústria, mineração, transporte, construção civil e pesada, telefonia, entre outros, teve início na década de 80 e continua até hoje. Já o ESG começou a ter seu conceito e padrões mais divulgados a partir de 2015 no Brasil.

Então, há mais de 20 anos, existem empresas, grandes na sua maioria, certificadas pela ISO, comprometidas em minimizar seus impactos, diminuir os riscos, aumentar sua eficiência, reduzir o desperdício, mitigar impactos negativos e gerar impacto positivo com sua atuação consciente voltada para as áreas social, de segurança e ambiental.

Normas como a ABNT NBR 16001 de Responsabilidade Social já existiam em 2004, assim como as normas ABNT NBR 14001 de Sistema de Gestão Ambiental em 1996, a ABNT NBR 90001 de Sistema de Gestão da Qualidade em 1987 e ABNT NBR 31000 de Sistema de Gestão de Riscos em 2009. Muitas empresas já são certificadas em normas ISO, mas estão iniciando sua jornada em ESG.

As empresas dos setores público e privado têm procurado por metodologias para avaliar riscos, quantificar seus temas materiais ESG e traçar planos para atingir os resultados esperados. Existem muitas métricas, bases normativas, frameworks, iniciativas de mercados financeiros, entre outros, que podem ser usados como metodologia para auxiliar na avaliação de riscos e identificação da materialidade. As normas ISO, já implementadas nestas empresas de referencial metodológico para o ESG, operacionalizando a sustentabilidade no ambiente corporativo através de métricas socioambientais e do negócio.

As normas ISO já utilizam os conceitos de gestão de riscos e oportunidades e determinam que, além das questões internas e externas que afetam a gestão, devem ser identificadas as necessidades e expectativas das partes interessadas da organização.

Veja como alguns padrões ISO (ABNT/NBR) relacionam-se com os critérios de ESG, na tabela abaixo.

Tabela 1 – Normas ISO x Princípios ESG

NORMAS ISO	ESG	EIXO
ISO 50001 – Sistemas de Gestão da Energia ISO 14090 – Adaptação a Mudanças Climáticas	Mudanças climáticas	E
ISO 9001 – Sistemas de Gestão da Qualidade ISO 14046 – Gestão Ambiental – Pegada Hídrica	Recursos hídricos	E
ISO 14001 – Sistemas de Gestão Ambiental	Biodiversidade	E
ISO 14001 – Sistemas de Gestão Ambiental ISO 17100-1 – Gerenciamento de Resíduos	Economia circular e gestão de resíduos	E
ISO 14001 – Sistemas de Gestão Ambiental	Gestão ambiental	E
ISO 55001 – Sistemas de Gestão de Ativos ISO 26000 – Diretrizes para Responsabilidade Social	Diálogo social	S
ISO 26000 – Diretrizes para Responsabilidade Social ISO 16001 – Responsabilidade Social – Requisitos	Direitos humanos	S
ISO 20121 – Sistemas de Gestão para Sustent. de Eventos ISO 26000 – Diretrizes para Responsabilidade Social	Diversidade, equidade e inclusão	S
ISO 45001 – Sistemas de Gestão de Saúde e Segurança Ocupacional	Práticas de trabalho	S
ISO 44001 – Sistemas Colaborativos de Gestão de Relacionamento ISO 55001 – Sistemas de Gestão de Ativos ISO 14001 – Sistemas de Gestão Ambiental	Responsabilidade na cadeia de valor	S
ISO 37000 – Governança de Organizações ISO 9001 – Sistemas de Gestão da Qualidade	Governança corporativa	G
ISO 37001 – Sistemas de Gestão Antissuborno ISO 37301 – Sistema de Gestão de Compliance ISO/IEC 27001 – Sistema de Gestão de Segurança da Informação	Conduta empresarial	G
ISO 20400 – Compras Sustentáveis ISO 9001 – Sistemas de Gestão da Qualidade	Práticas de controle e gestão	G
ISO 45001 – Sistemas de Gestão de Saúde e Seg. Ocupacional ISO 37000 - Governança de organizações	Transparência na gestão	G

Nota: E= Ambiental, S= Social e G= Governance

Realizar a jornada ESG e utilizar normas ISO simultaneamente não é uma obrigatoriedade e ambos podem coexistir ou existir separadamente. Como são padrões complementares e interligados entre si, é mais eficiente aproveitar e otimizar a sinergia que existe entre eles, uma vez que possuem diretrizes para as empresas contribuírem de forma significativa para atingimento das metas globais de sustentabilidade.

É importante ressaltar que padrões, metodologias, métricas e indicadores de sustentabilidade estão em constante evolução, cabendo às empresas adaptarem suas abordagens de acordo com seu planejamento estratégico e contextos específicos. Muitas vezes, as normas ISO podem ser a resposta para alguns problemas da jornada ESG, pois ambos consideram os impactos dos negócios em uma agenda sustentável cheia de expectativas da sociedade em relação às empresas.

Em resumo, as normas ISO e os princípios do ESG têm objetivos semelhantes de promover uma atuação empresarial mais responsável e sustentável, e sua relação é caracterizada pela complementaridade, compartilhamento de conceitos e metodologias, além de uma abordagem integrada para a gestão de riscos e oportunidades.



Cynthia Marinovic

- Graduada em Administração de Empresas;
- Graduada em Gestão Hospitalar;
- Graduada em Ciências Contábeis;
- Master Business Administration em Gestão Empresarial;
- Pós-graduada em Compliance e Integridade Corporativa;
- Pós-graduada em Segurança da Informação;
- Fundadora da Braem Consultoria & Auditoria.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Tecendo uma cultura inclusiva: A inclusão de diversidade como pilar do sucesso empresarial

Em um mundo historicamente dominado por homens, a jornada das mulheres por inclusão e reconhecimento profissional ainda encontra desafios consideráveis. Este capítulo se propõe a tecer uma narrativa inspiradora e transformadora, explorando a luta por igualdade de oportunidades e a conquista de espaços tradicionalmente masculinos.

Oferecendo um convite à reflexão por meio de dados, pesquisas e exemplos reais, este capítulo busca compreender a complexa relação entre gênero e mercado de trabalho, assim como papel das mulheres na sociedade. Mais do que isso, busca-se encontrar inspiração para promover mudança justas e igualitárias.

Tecendo os fios da história

Traçar um panorama histórico da participação feminina no mercado de trabalho, desde as pioneiras que abriram caminho até as conquistas e desafios da atualidade, é uma tarefa crucial e permite desvendar as raízes da desigualdade de gênero e os mecanismos que perpetuam a exclusão das mulheres em diversos setores. Alguns destaques da jornada:

As primeiras mulheres ingressaram no mercado de trabalho na indústria têxtil, enfrentando longas jornadas e baixos salários. No início do século XX, o movimento sufragista conquistou o direito ao voto feminino, abrindo caminho para maior participação social e política.

A Segunda Guerra Mundial impulsionou a inserção das mulheres em funções antes exclusivas dos homens, comprovando sua capacidade e competência. A década de 1960, trouxe a pílula anticoncepcional e o movimento feminista, contribuindo para a autonomia das mulheres e sua crescente inserção no mercado de trabalho.

Ao analisar essa trajetória, é possível identificar os mecanismos que perpetuam a desigualdade de gênero:

- ▶ **Estereótipos de gênero:** A crença de que as mulheres são menos aptas para determinadas áreas ou cargos.
- ▶ **Discriminação:** Preconceitos e práticas que limitam as oportunidades das mulheres no mercado de trabalho.
- ▶ **Falta de políticas públicas:** A ausência de medidas que conciliem a vida profissional e familiar e que promovam a igualdade de oportunidades.

Compreender esse panorama histórico é fundamental para construirmos um futuro mais justo e igualitário para as mulheres no mercado de trabalho.

As desigualdades de gênero no mercado de trabalho ainda são gritantes. As mulheres, em média, ganham 20% menos que os homens para o mesmo trabalho, enfrentando o "teto de vidro", que limita seu acesso a cargos de liderança. Apenas 28% dos cargos de gerência sênior e 17% dos cargos de CEO em grandes empresas são ocupados por mulheres. Além disso, a sobrecarga da "dupla jornada", com a responsabilidade majoritária pelo trabalho doméstico e cuidado com os filhos, limita o tempo e energia das mulheres para o desenvolvimento profissional, perpetuando as disparidades.

Histórias inspiradoras de mulheres que desafiam estereótipos em áreas como tecnologia, engenharia, ciência, política e outras tradicionalmente masculinizadas demonstram resiliência, talento e determinação, servindo como exemplos para as novas gerações.

1. Ada Lovelace: Considerada a primeira programadora da história, colaborou com Charles Babbage no desenvolvimento da Máquina Analítica. Sua visão e perspicácia abriram caminho para a era da computação.

2. Marie Curie: Pioneira na pesquisa sobre radioatividade, foi a primeira mulher a ganhar um Prêmio Nobel e a única pessoa a ganhar o prêmio em duas áreas científicas diferentes. Sua dedicação e paixão pela ciência abriram portas para outras mulheres seguirem carreiras científicas.

3. Katherine Johnson: Matemática afro-americana que desempenhou um papel crucial na NASA, calculando as trajetórias espaciais para as missões Apollo. Sua inteligência e perseverança desafiaram o racismo e o sexismo da época, inspirando outras mulheres negras a ingressarem na área espacial.

4. Michelle Obama: Advogada, escritora e ex-primeira-dama dos Estados Unidos, é um exemplo de liderança e empoderamento feminino. Sua atuação na Casa Branca promoveu causas importantes como educação, saúde e igualdade de gênero.

5. Malala Yousafzai: Ativista paquistanesa e a mais jovem ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, luta pelo direito à educação para meninas em todo o mundo. Sua coragem e determinação inspiram milhões de pessoas a defenderem os direitos humanos.

6. Ruth Bader Ginsburg: Juíza da Suprema Corte dos Estados Unidos, foi um ícone da luta pela igualdade de gênero. Sua atuação na corte contribuiu para derrubar leis discriminatórias e promover a justiça social.

Através de suas histórias, demonstram que o talento, a determinação e a resiliência podem superar qualquer obstáculo.

Tecendo o Processo

Empresas que desejam construir uma cultura de inclusão e equidade de gênero podem embarcar em uma jornada inspiradora, tecendo um futuro em que todas as desconstruções de discursos, combate ao machismo, assim como, à misoginia possam engajar profissionais extremamente valiosas no mercado e que foram deixadas de lado ou desconsideradas por conta de estereótipos e crenças limitantes sobre o papel das mulheres.

A criação de ambientes livres de assédio e discriminação, ou pelo menos com clima que influencie as pessoas a evitar esses comportamentos, a promoção do respeito e a valorização de todas as pessoas de forma costumeira e não apenas em datas pontuais, possibilitam uma jornada totalmente integrada de valores estabelecidos em diretrizes extraídas de códigos de conduta profissional e vivenciadas por todos na organização.

Incentivar a ascensão de mulheres a cargos de liderança, celebrar seus talentos e oferecer programas de mentoria e desenvolvimento promovem engajamento e senso de pertencimento que nenhuma proposta financeira pode superar.

O ambiente que possibilita a oportunidade de se adaptar a diversidade de profissionais ingressantes no mercado de trabalho, comprova que a flexibilidade e facilitação da conciliação entre vida profissional e pessoal fazem parte dessa tão falada inclusão. Assim, será possível construir empresas mais fortes, inovadoras e resilientes.

Tecendo o Futuro

Acreditar na inclusão das mulheres é fundamental para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, próspera e inovadora, na qual todas as pessoas, independentemente do gênero, tenham as mesmas oportunidades de alcançar seus sonhos e objetivos. É sobre novos caminhos a escolher, moldando uma jornada inspiradora e transformadora em áreas tradicionalmente masculinizadas. Por meio de estratégias para construir uma cultura de inclusão e equidade de gênero, o objetivo é mobilizar todos que desejam contribuir para um futuro mais justo e igualitário.

Reflexão sobre ESG e o mercado de trabalho da mulher



Daniela da Silva Martins

- ✔ Técnica em Eletrotécnica;
- ✔ Graduada em Ciências Econômicas;
- ✔ Pós-Graduada em Gestão da Qualidade;
- ✔ Pós-Graduada em Sustentabilidade Empresarial: ESG na Operações.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A participação das mulheres no mercado de trabalho tem sido um assunto de grande interesse para mim há muito tempo, tanto que escolhi esse tema para minha monografia de conclusão de curso na faculdade. Talvez essa escolha seja influenciada pelo fato de ter crescido em uma família onde as mulheres trabalhavam fora, enquanto a maioria das outras mães e tias assumiam o papel de donas de casa. Além disso, minha experiência como uma das poucas meninas em um curso técnico, bem como meu trabalho em uma área técnica de uma empresa predominantemente masculina, contribuiu para aumentar meu interesse nesse assunto. Por isso, comemorei muito no ano passado quando a norte-americana Claudia Godin recebeu o Prêmio Nobel de Economia por seu trabalho sobre a participação da mulher no mercado de trabalho.

Sobre a questão salarial, várias pesquisas atestam que, de fato, as mulheres ganham menos. A conclusão da economista vencedora do Nobel é que a disparidade atual ocorre nos mesmos empregos e que costuma começar quando a mulher tem seu primeiro filho, pois a estrutura do trabalho e as normas sociais ainda são fatores limitantes. Hoje no Brasil é lei a igualdade salarial entre homens e mulheres que exercem trabalho de igual valor ou atuam na mesma função, mas será que estamos em igualdade de condições? Será que há preconceito contra as profissionais que são mães? Será que acontecem reuniões e eventos de trabalho na hora que a mãe precisa buscar o filho na escola? E mais, todos são beneficiados por promoções ou somente os funcionários que podem trabalhar em qualquer dia e qualquer hora? Bem, são pontos de reflexão para as empresas e líderes, principalmente para os ESG de verdade.

Quando falamos em ESG, especificamente sobre “S”, a questão da diversidade tem destaque. A situação das mulheres nas organizações figura nos relatórios de sustentabilidade das empresas, incluindo estatísticas sobre a ocupação de cargos por gênero e metas para aumento da participação feminina em conselhos administrativos, cargos de liderança ou em áreas de tecnologia.

Isso se deve ao reconhecimento da importância da diversidade para melhoria dos ambientes de trabalho, criatividade, inovação e vários outros aspectos. Um estudo realizado pela FGV e publicado em 2022 com empresas brasileiras, por exemplo, relacionou a presença de mulheres na diretoria a melhores resultados e desempenho ESG.

E o mercado de trabalho das profissionais em ESG? Muitas empresas quando dão os primeiros passos neste assunto, acabam atribuindo ações para as áreas de Recursos Humanos ou Serviço Social, áreas tradicionalmente com maioria feminina. Já ouvi relatos do uso da expressão “as meninas do ESG”, por parte de alguns gestores. Talvez isso ocorra por estarmos nos destacando nesta área, ou quem sabe seja porque estendemos aquele conhecido cuidado com todos, que a maioria de nós possui internalizado, também ao meio ambiente, ou é porque é um mercado promissor com uma causa valorosa e resolvemos abraçá-lo. No curso de pós-graduação em Sustentabilidade Empresarial: Estratégias ESG nas Operações que estou realizando, nós, mulheres, representamos 78% da turma. Outro dado interessante, levantado pelos pesquisadores do LinkedIn Economic Graph, é que das contratações para o cargo de Gerente de Sustentabilidade, no ano de 2022, 62% eram mulheres e 38% homens.

Bem, mesmo com algumas vozes contrárias, sabemos que o ESG é uma realidade e não tem mais volta. O mercado de trabalho e as carreiras relacionadas a ele só crescem, pois precisamos de mão de obra especializada para propor as soluções necessárias para criar um mundo mais sustentável, igualitário e justo, independente de gênero, os humanos, mulheres e homens, precisam de união para garantir o futuro do nosso planeta.



Daniela Fontana

- ✔ Mestre e Engenheira Química (UFRGS), com formação complementar em Finanças, Capacitação Executiva, Gestão da Educação Corporativa, Stakeholders e ESG;
- ✔ Professora, Orientadora, Consultora, Pesquisadora e Escritora de Sustentabilidade, ESG e Economia Circular.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A agenda ESG: O caminho para a sustentabilidade dos negócios

Vou começar meu texto falando sobre propósito, como consultora e professora, meu sonho é levar Educação e Sustentabilidade para o maior número de pessoas.

Eu acredito muito no poder da Educação e Sustentabilidade como ferramentas na construção de um Mundo Melhor para se viver.

ESG (Ambiental, Social e Governança, em português) é gestão de riscos nos três pilares: Ambiental, Social e Governança e está intimamente ligada à Sustentabilidade dos Negócios. Desde que John Elkington trouxe os três tripés da Sustentabilidade no mundo, (ou seja, ambiental, social e econômico) e a governança sendo essencial para dar a diretriz do negócio para ser Sustentável ou não, reconheço que esses assuntos são intimamente relacionados. Inclusive os frameworks (diretrizes, padrões de relatórios) ESG tem sua origem na Sustentabilidade. Exemplos de fatores em cada um dos pilares da Agenda ESG, tem-se:

Entre os maiores desafios da área ambiental estão o aquecimento global (identificado como um dos maiores riscos da humanidade, no Relatório de Riscos do Fórum Econômico Mundial, o qual já havia previsto a pandemia), o aumento da poluição e a perda da biodiversidade. As mudanças climáticas afetam toda a nossa economia, pois impactam na segurança hídrica, segurança energética, segurança alimentar e segurança sanitária.

Quanto ao aspecto social, os desafios estão relacionados à saúde e segurança dos funcionários, às relações com as comunidades, aos direitos humanos, à diversidade e inclusão, bem como à privacidade e proteção de dados.

No pilar governança os desafios são relacionados com a independência do conselho, diversidade no conselho, estrutura dos comitês de auditoria e fiscal, combate à corrupção, política de remuneração, ética e transparência.

A Agenda ESG é regulamentada para empresas de capital aberto, com ações listadas nas bolsas de valores (no Brasil a Bolsa do mercado de ações é a B3), sendo uma legislação mais restritiva, com mais regras, nos países europeus (a Europa está à frente sob este aspecto e é lanterna para o Mundo).

Como vivemos num mundo globalizado, com comércio internacional, os mercados são interligados, assim as empresas que desejam exportar precisam se adequar. O Banco Central do Brasil também regula as operações de crédito para os bancos, exigindo cada vez mais ações na Agenda ESG.

Desta forma, para conseguir dinheiro para investir nos negócios (toda empresa precisa de investimento para crescer), via mercado financeiro é necessário se enquadrar na Agenda ESG. Sendo necessário que ESG seja em toda a cadeia de valor, as PMEs (Pequenas e Médias empresas) que fornecem para as grandes empresas também precisam se adaptar a esta Agenda (mercado B2B – negócio para negócio).



Além da regulação, existe a pressão da sociedade, dos stakeholders (partes interessadas e tomadores de risco) e dos consumidores das novas gerações, que possuem seus valores e princípios (B2C – negócio para clientes) mais voltados para uma sociedade com menos impacto ambiental e socialmente justa.

Eu acredito que não podemos mais gerir negócios sem nos preocuparmos com o nosso planeta e sem pensar em gerar valor compartilhado para os stakeholders.

Ética, direitos humanos, diversidade e inclusão e a redução das externalidades negativas, são fundamentais para a integridade dos negócios.

Outro aspecto muito relevante para mim, como uma pessoa que busca uma evolução constante, é a Consciência.

Cada vez mais vejo que o acesso à informação, a troca de conhecimento, o autoconhecimento, as nossas ações cada vez mais próximas das nossas palavras (algo que ainda estou buscando e acredito que algumas empresas também, via transparência nas informações, principalmente pela reputação a zelar), são mecanismos que contribuem com a Agenda ESG.

Empresas que aderem à Agenda ESG tendem a contribuir para a mitigação de riscos, melhorar sua reputação perante os stakeholders, possuir mais acesso ao crédito, reduzir taxas de financiamentos em bancos, ajudar a atrair e reter talentos (muitos funcionários tem orgulho de trabalhar numa empresa que contribua com o social e faça ações para mitigar impactos negativos no meio ambiente), criar novas oportunidades de negócio (para contribuir com uma cadeia de valor sustentável), atrair e fidelizar consumidores mais atentos, que preferem marcas mais responsáveis.

A Agenda ESG é desafiadora pois questões econômicas ainda imperam o mundo dos negócios, e nem sempre as empresas estão dispostas a investir para colher resultados a médio e longo prazo. No entanto, a liderança que entender a importância dessa Agenda deverá ter coragem, consciência, ética, incluir conhecimentos (incluindo saberes culturais, aqueles que não estão nos livros), ter um propósito claro e desenvolver uma cultura que siga esses valores e execute a Agenda.

Entendo que a Agenda ESG é um caminho sem volta, apesar das barreiras a serem superadas. Precisamos de um planeta vivo (o “E” do ESG), o qual as mudanças climáticas colocam em risco, pois é a nossa fonte de todos os recursos. Geração de valor compartilhado aos stakeholders (o “S” do ESG) cada vez mais será um diferencial competitivo. Tudo isso é feito com uma governança (o “G” do ESG) que monitore os resultados, seja ética, transparente e prese pela integridade do negócio.

Saúde e Segurança no Trabalho sob a ótica ESG



Daniele Ciotta

- Engenheira Ambiental;
- Engenheira de Segurança do Trabalho;
- Pós-graduanda em ESG - Gestão Responsável;
- Gerente da Divisão de Meio Ambiente e Responsabilidade Social da Copel Distribuição.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O eixo social do ESG abrange o relacionamento, as interações e os impactos, tanto positivos quanto negativos, das empresas sobre as partes interessadas, sejam elas clientes, fornecedores, colaboradores, comunidade. Portanto, as tratativas com a força de trabalho também integram as diretrizes ESG.

O conceito de Saúde e Segurança no Trabalho (SST) pode ser entendido como um conjunto de políticas, normas, procedimentos e práticas que visam à melhoria das condições laborais e à prevenção de acidentes e doenças ocupacionais, além de figurar - a partir de 2022 - entre os cinco princípios e direitos fundamentais trabalhistas, estabelecidos pela OIT - Organização Internacional do Trabalho.

Uma abordagem centrada nos colaboradores implica em adotar medidas que propiciem o cuidado e o bem-estar das pessoas. Organizações que atestam comprometimento com o cumprimento dos direitos trabalhistas, a segurança e a saúde dos trabalhadores, o gerenciamento de riscos ocupacionais e o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional, produzem resultados benéficos tanto internamente, aumentando o engajamento e a produtividade e reduzindo o turnover, quanto externamente, sendo bem avaliadas pelo mercado e pela sociedade como um todo. Outro fator relevante a ser considerado é a redução de despesas com acidentes, cujas repercussões financeiras são tanto corporativas quanto públicas, uma vez que incidem sobre o sistema de saúde e a Previdência Social.

Nesse sentido, estar em conformidade com as normas de SST é somente o ponto de partida. Não se trata apenas de uma responsabilidade legal e ética das empresas, é necessário ir além e investir em medidas preventivas que garantam realmente condições dignas e um ambiente saudável, seguro e favorável ao bem-estar físico e mental dos colaboradores. Dessa forma, é possível diminuir ou evitar os acidentes e as doenças ocupacionais, melhorando a qualidade de vida e aumentando a satisfação dos trabalhadores.

Métricas e indicadores relacionados à ocorrência de acidentes (Taxas de Frequência e Gravidade, por exemplo), absenteísmo, entre outros, são importantes para mensurar o desempenho da organização nessa área e identificar oportunidades de melhoria.

Do mesmo modo, é fundamental estimular o fortalecimento de uma cultura organizacional que priorize o tema, desde a alta liderança até as equipes operacionais.

Eu arriscaria dizer que o nível de responsabilidade com Saúde e Segurança do Trabalho de uma empresa está diretamente atrelado ao seu grau de compreensão e maturidade em ESG. Isto porque, quando uma instituição se compromete verdadeiramente com a agenda ESG, ela demonstra uma consciência ampliada das consequências das suas operações e da responsabilidade para com as partes interessadas, entendendo suas expectativas e necessidades e agindo com protagonismo para minimizar os impactos negativos da sua atuação e maximizar os positivos.

As empresas que incorporam ESG, contemplando Saúde e Segurança do Trabalho em suas estratégias, têm a oportunidade de construir uma imagem positiva no mercado, atraindo investidores e clientes engajados com a pauta. O enfoque proativo em relação ao assunto pode evitar custos com acidentes para a organização e a sociedade, processos trabalhistas e danos à reputação, contribuindo para a sustentabilidade financeira e a longevidade da instituição.

Ações direcionadas à promoção da Saúde e Segurança no Trabalho também colaboram para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). As práticas desenvolvidas pelas empresas normalmente estão mais diretamente vinculadas aos ODS 3 (Saúde e Bem-estar) e 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico), mas podem abarcar outros objetivos.

De acordo com o Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho, em 2022, foram registrados no Brasil 612,9 mil acidentes de trabalho, com 2,5 mil óbitos. Há também uma taxa estimada de subnotificação de acidentes de 18,9%, que corresponde a aproximadamente 116 mil acidentes ocorridos sem emissão de CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho).

Em 2021, o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) contabilizou 17,7 bilhões de reais em gastos previdenciários com auxílio-doença e 70,6 bilhões com aposentadoria por invalidez.

É preciso ressaltar que não estão incluídos nessa conta outros custos, como os administrativos com processamento de atendimentos e casos no INSS, ações judiciais, despesas para o sistema de saúde e perdas pessoais e familiares, de difícil mensuração.

Além dos prejuízos associados ao capital humano, as estimativas da OIT destacam os danos à produtividade, causados por ambientes laborais inseguros ou insalubres, já que a economia mundial perde anualmente cerca de 4% do PIB (Produto Interno Bruto), em função de doenças e acidentes de trabalho.

Diante desse cenário, torna-se essencial enxergar saúde e segurança como ativos das organizações e instrumentos para geração de valor, alinhados aos princípios ESG e às estratégias de negócios. Empregar esforços na prevenção de acidentes e na promoção da saúde dos trabalhadores não é apenas uma obrigação moral e legal, mas um caminho inteligente para o sucesso sustentável das empresas, traduzido em respeito ao bem mais precioso e inegociável, concedido ao ser humano: a vida.

A Governança Corporativa sob a perspectiva do Mercado de Capitais



Daniele Soares Rosa

- Advogada;
- Consultora e Conselheira Certificada;
- Atua nos setores financeiro, de mercado de capitais e indústria de fundos;
- Especializada em Governança, Compliance, Regulação, Controles Internos, Fundos de Investimentos, Risco e PLD/FTP.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A governança corporativa é um pilar fundamental e indispensável na condução, no sucesso, na gestão ética e eficiente das organizações, desempenhando um papel crucial na relação entre gestores, acionistas e demais partes interessadas. Neste artigo, vamos tratar da governança corporativa no contexto do mercado de capitais, ressaltando sua natureza, princípios fundamentais, impacto no cenário financeiro e os desafios na implementação.

A Governança Corporativa e Seus Princípios Fundamentais

A governança corporativa engloba práticas, processos, políticas e estruturas que uma organização institui para garantir a tomada de decisões eficazes e éticas. Ela estabelece a estrutura pela qual os objetivos da empresa são definidos e alcançados, levando em conta os interesses dos acionistas, colaboradores, clientes e demais partes interessadas.

O Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) define governança corporativa como um sistema formado por princípios, regras, estruturas e processos pelo qual as organizações são dirigidas e monitoradas, com vistas à geração de valor sustentável para a organização, para seus sócios e para a sociedade em geral.

Esse sistema baliza a atuação dos agentes de governança e demais indivíduos de uma organização na busca pelo equilíbrio entre os interesses de todas as partes, contribuindo positivamente para a sociedade e para o meio ambiente.

Esses princípios fundamentais têm uma enorme relevância na construção de organizações éticas e transparentes. A integridade, como alicerce moral, promove a honestidade e a ética nas práticas empresariais e cultiva a confiança entre os stakeholders. A transparência, por sua vez, envolve a divulgação abrangente de informações financeiras, ambientais e sociais para construir uma relação sólida entre a empresa e seus investidores. Além disso, a accountability e a equidade são componentes essenciais, assegurando a responsabilização da liderança e garantindo tratamento justo a todas as partes interessadas. Por fim, a sustentabilidade é reconhecida como vital, enfatizando a importância de atender às demandas do presente sem comprometer o futuro, contribuindo para a preservação do meio ambiente e fortalecendo a imagem da organização. Esses princípios, quando incorporados, possibilitam a construção contínua de uma cultura responsável e contribuem para um ambiente organizacional saudável e ético.

A importância da governança corporativa no mercado de capitais

A implementação de uma estrutura de governança e práticas sólidas é muito importante para o sucesso de uma empresa no mercado de capitais. Uma das vantagens mais evidentes é a capacidade de atrair investidores. Empresas que adotam princípios eficazes de governança corporativa são vistas como mais confiáveis e seguras, aumentando a confiança dos investidores em relação aos seus investimentos.

Além disso, desempenha um papel ímpar na redução de riscos. Ao adotar práticas eficazes, as empresas criam um ambiente de negócios transparente e diminuem significativamente as chances de fraudes e má gestão. Isso resulta em uma redução dos riscos enfrentados pelos investidores, contribuindo para a estabilidade e sustentabilidade do mercado financeiro.

Outro ponto importante é o acesso a recursos financeiros. Empresas que incorporam boas práticas de governança, geralmente, têm a captação de recursos para projetos, expansões e iniciativas estratégicas simplificada. A confiança dos investidores, que é resultado de práticas de governanças efetivas, faz com que estas empresas sejam mais atraentes para instituições financeiras e investidores, facilitando o processo de captação de recursos.

Desafios e Oportunidades na Implementação da Governança Corporativa

A adoção de práticas de governança corporativa pode ser um desafio, mas também oferece oportunidades importantes para as empresas que estão dispostas a enfrentá-lo. Um dos principais obstáculos é a resistência à mudança, tanto entre os colaboradores quanto entre os líderes da organização. No entanto, é importante lembrar que a governança corporativa tem como objetivo aprimorar a transparência, a prestação de contas e a eficiência da empresa como um todo.

Outro desafio comum é o custo inicial da implementação, com a necessidade do fortalecimento da cultura, treinamentos, contratação de consultorias especializadas ou na criação de estruturas internas adequadas. Neste caso, é importante enxergar todo o processo como um investimento a longo prazo, com retornos financeiros e reputacionais significativos.

Além disso, a falta de compreensão sobre os benefícios pode ser um entrave. Muitas empresas ainda não compreendem completamente como a adoção destas práticas podem fortalecer sua reputação, aumentar seu valor de mercado e atrair um leque mais amplo de investidores. É fundamental investir em educação e conscientização para que todos os envolvidos na organização entendam os benefícios e se engajem nesse processo de transformação.

Por outro lado, a implementação da governança corporativa traz muitas oportunidades e empresas que superam os desafios iniciais e adotam a governança corporativa colhem benefícios como o reforço da reputação no mercado. A transparência e a prestação de contas são altamente valorizadas pelos stakeholders, resultando em maior confiança e lealdade por parte de clientes, fornecedores e investidores. Esse conjunto de fatores, por sua vez, contribui para uma elevação consequente no valor de mercado da empresa. Os investidores estão cada vez mais atentos às práticas de governança das empresas em que investem, e aquelas com uma governança sólida tendem a ser mais valorizadas.

Em um cenário cada vez mais competitivo, a governança corporativa não é apenas uma formalidade, mas uma ferramenta estratégica. A aplicação de princípios sólidos de governança atrai investidores e promove a sustentabilidade e longevidade das empresas no mercado de capitais. Ao entender e abraçar esses fundamentos, as organizações estarão posicionadas para prosperar em um ambiente de negócios dinâmico e desafiador.



Danielle Mafra

- ✔ Mestre em Administração e Gestão Estratégica de Negócios;
- ✔ Executiva em ESG pela Nova School of Business and Economics;
- ✔ Secretária Executiva de Concessões e PPPs na cidade do Natal/RN.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Lucratividade e sustentabilidade através da tecnologia responsável e empatia digital

É indiscutível que, cada vez mais, o uso da tecnologia impacta a sociedade de inúmeras maneiras simples e complexas, positivas e negativas! Percebe-se, assim, que há um movimento crescente e justificável para que as empresas sejam conscientes dos impactos daquilo que criam. Para qualquer pessoa entusiasmada com as oportunidades que ela oferece, pode ser até fácil esquecer que, mesmo quando construída com as melhores intenções, sua entrega pode provocar consequências não intencionais.

De modo que é imperativo garantir que riscos e implicações sociais da tecnologia sejam avaliados adequadamente e sejam incorporados de forma definitiva valores de privacidade, empatia, equidade e inclusão em soluções de tecnologia, colocando a responsabilidade coletiva no centro desta discussão e abordando a sustentabilidade de forma holística, incluindo tópicos sociais e ambientais. Como afirma Eduardo Meneses (Global Head, Social Impact Group, Thoughtworks) é preciso nos concentrarmos na construção de um futuro tecnológico equitativo, “o que significa que o sistema social por trás da construção das tecnologias digitais precisa incluir vozes que foram historicamente excluídas e internalizar os efeitos sociais dessas inovações.”

Nesse sentido, conhecida como tecnologia ética ou tecnologia consciente, a tecnologia responsável é uma abordagem que visa garantir que o desenvolvimento, a implementação e o uso de novos recursos ocorram de maneira segura e sustentável. Esse tema relaciona-se estreitamente com o Objetivo do Desenvolvimento Sustentável da ONU (9) de criar infraestrutura e inovações que não são apenas funcionais e eficazes, mas inclusivas e sustentáveis, pois conscientes que estamos sendo impactados tanto de forma positiva quanto negativa, temos a responsabilidade de considerar cada parte interessada, mesmo aquelas que ficam invisíveis, quando utilizamos a tecnologia nos negócios e no relacionamento com o cliente.

Quando a tecnologia responsável é aplicada em empresas, ela minimiza potenciais efeitos negativos da tecnologia na sociedade, meio ambiente e nos indivíduos, enquanto maximiza os benefícios aos negócios.



São alguns dos benefícios da adoção de tecnologia responsável:

- ▶ A retenção de consumidores;
- ▶ A melhoria da percepção de marca;
- ▶ A conformidade legal;
- ▶ A atração de talentos;
- ▶ Gerenciamento prévio de consequências negativas não-intencionais.

Para adotar esse conceito nos negócios, formar equipes com diversidade, permite que se “coloque a luz” em diferentes perspectivas para tudo que é criado e seja ofertado o máximo de empatia das marcas para com as pessoas e o planeta. A diversidade de pontos de vista é fundamental para a capacidade de inovar e criar uma tecnologia que apoie, e não prejudique, a transformação positiva da sociedade. Ainda assim, desenvolver um posicionamento de marca no mundo digital e tecnológico voltado para ser compreendido e respeitado por toda e qualquer pessoa pode parecer um grande desafio, mas como diz o ditado, a jornada de mil quilômetros começa com o primeiro passo! O objetivo deve ser tornar a responsabilidade e a empatia não apenas um modo de se posicionar e comunicar, mas um princípio transversal em tudo o que a empresa faz.

Salientando ainda que a forma tradicional como nos comunicamos é bastante complexa e envolve aspectos verbais e não verbais, sendo o nosso cérebro desenhado para interações face a face. Durante esse processo, o feedback imediato - incluindo as reações verbais e, especialmente, as não verbais - é fundamental para ajustarmos nossas ações com precisão, evitando impulsos e gestos que possam levar a mal-entendidos na interação. Essa capacidade de compreender o outro, suas emoções e perspectivas, é o que define a empatia, uma habilidade primordial para estabelecermos relacionamentos eficazes. A questão é que durante uma comunicação virtual, puramente baseada em mensagens de texto ou imagens, perdemos todo o ciclo de feedback em tempo real e nossa empatia fica comprometida.

As pistas emocionais e não verbais, que nos auxiliam a compreender a reação e intenção do outro, são praticamente inexistentes, e precisamos adaptar nosso comportamento apenas com base no que a pessoa escreve ou na mensagem transmitida por meios digitais.

Por exemplo, além das pessoas com deficiência, é preciso também pensar na parcela do seu público que pode carregar consigo inúmeras dificuldades para compreensão do seu conteúdo, como idosos que já não contam com 100% da visão, pessoas que não estão familiarizados com a web, não nativos no idioma do seu site ou aplicativo, pessoas pouco ou nada alfabetizadas e, até mesmo, limitações situacionais, como a internet lenta.

Quando mencionamos a empatia digital, enfatizamos a importância de uma internet mais inclusiva e acessível. E parte do desafio em prover inclusão e acessibilidade encontra-se no nível técnico, ou seja, diz respeito à criação de conteúdos que estejam de acordo com as diretrizes que o tornam acessíveis. Levando em consideração o Censo 2023 do IBGE, 8,9% de toda a população brasileira a partir de dois anos de idade tem alguma deficiência, e se sua comunicação não praticar a empatia digital, pode não estar conversando com nenhuma dessas pessoas e perdendo dinheiro. Convém destacar ainda que de acordo com um estudo realizado através de uma parceria do Movimento Web para Todos com a BigData, dos 14 milhões de sites brasileiros analisados, 99% ainda não está acessível para pessoas com deficiência.

Compreender que o uso responsável da tecnologia e seus recursos digitais, com foco nas questões éticas e utilizando os princípios da empatia possibilitará compreender mais o outro e suas reais necessidades, criar produtos e soluções que satisfazem o cliente, potencializar entregas assertivas e principalmente construir um legado de um negócio sustentável e comprometido com as futuras gerações.

Construindo uma carreira de impacto



Deborah Regina Mendes

- 🌿 Especialista em ESG - MBA;
- 🌿 Engenheira Ambiental, Gestora Ambiental e Empresarial;
- 🌿 Top Sustainable Design Voice - LinkedIn;
- 🌿 Coordenadora de Sustentabilidade e Responsabilidade Social Corporativa.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Quem me vê hoje como a Deborah, mãe da Isabella, Top Sustainable Design Voice, Embaixadora de Equidade Racial, finalizando a formação de multiplicadora de Sistema B, membro da Forbes Black e do Instituto Brasileiro de ESG, além de atuar como responsável de sustentabilidade na divisão de adesivos e selantes de uma multinacional francesa, pensa que sempre foi assim.

Mas não foi, e vou aproveitar esse espaço para contar como realizei a redefinição dos meus passos, direcionando para uma carreira de impacto, a um pouco mais de um ano, quando estava retornando para São Paulo, depois de ter recebido a primeira demissão da minha vida profissional, aos 28 anos.

O primeiro sentimento após uma demissão é a busca pela transição de carreira e foi assim comigo também. E dentre as áreas de atuação, como a maioria das pessoas, me identifiquei com a Sustentabilidade e o ESG, até porque, quem não quer atuar com a carreira do futuro e gerar impacto positivo para construir um mundo melhor? Mas fique tranquilo, não vou contar aqui passos mágicos para alcançar o sucesso e sim, compartilhar cinco direcionadores que descobri ao longo dessa jornada, que foram essenciais para avançar e que são passíveis de replicação, independente do seu momento. Então, vamos lá!

Começo contando o primeiro direcionador que descobri nesse processo. A melhor forma de construir uma carreira de impacto não é pela transição de carreira e sim pelo **autoconhecimento** da carreira que trilhou até esse momento. Mas não descobri esse segredo sozinha, a **mentoria profissional** foi uma grande aliada nesse processo, pois profissionais com experiência e vivência consolidada nos dão dicas muito valiosas. E, aqui, dedico esse conhecimento a **Izabel Rocha**, que me ensinou a importância de saber monetizar o conhecimento que eu tinha, além disso, que monetizar não necessariamente significa abrir uma consultoria (confesso já fiz isso no passado e ser empreendedor não é tão simples como parece), mas que eu poderia encontrar sinergias para aplicar o conhecimento que havia adquirido nos últimos treze anos de profissão, pois a atuação direcionada a um propósito sempre me acompanhou, independente do cargo ou área que eu ocupasse, para atuar com o intraempreendedorismo no mundo corporativo, para a construção de projetos e iniciativas que tenham um retorno valorizado e daí a monetização do conhecimento. Obrigada, **Izabel!**

O segundo direcionador que descobri e foi fundamental para canalizar a energia em iniciativas que trazem um impacto real e não são vagas ou embasadas no greenwashing, foi a importância da **escuta ativa** das diferentes pessoas envolvidas (ou como costumamos falar, os stakeholders) das iniciativas e projetos que pensamos construir.

Esse segredo dedico a **Elisangela Matos**, que atua com o propósito de tirar o invisível da invisibilidade. Ter tido a oportunidade de construir um relacionamento com ela, inclusive com uma visita conjunta a unidade da Reciclazaro para entender a importância de conectar o que achamos que deve ser feito com as necessidades reais a serem trabalhadas me permitiu entender a importância de identificar o momento e contexto que estamos vivendo e os objetivos que devemos alcançar em conjunto. E se hoje estou aqui contando sobre a minha jornada é porque uma invisível da zona norte de São Paulo saiu da invisibilidade. Obrigada, **Elis!**

O terceiro direcionador que descobri foi a importância de **conectar as iniciativas de sustentabilidade com a estratégia do negócio**, construindo ações que fazem sentido com o mercado de atuação, com os fornecedores e comunidade, por meio dos consumidores dos seus produtos e serviços (como falamos, com os temas materiais da companhia e sua cadeia de valor). Esse segredo dedico a **Gabryella Cerri Mendonça**, que vem sendo uma grande inspiração de como construir um departamento de sustentabilidade que esteja conectado as necessidades do negócio, com a internalização dos cases de sucesso das grandes companhias para o contexto e momento do negócio em que estamos atuando. Obrigada, **Gaby!**

O quarto direcionador que descobri foi a importância da participação em redes que estão comprometidas com a construção de um mundo melhor e seus eventos para estabelecer conexões (ou o famoso networking) com profissionais que são referência no tema. E esse segredo dedico a Renata Tozzi, que me apresentou Rede B e a atuação em jornada para um mundo mais equitativo, igualitário e regenerativo, e que constantemente nos encontramos em eventos da área, nos quais identificamos as boas práticas que estão sendo desenvolvidas pelas empresas e as oportunidades para melhoria contínua das iniciativas.

Nesse espaço, aprendemos exemplos para replicação, mas é importante lembrar do que falamos no segredo anterior, a replicação dependerá do contexto do negócio e o momento em que ele se encontra. Obrigada, **Re!**

O quinto direcionador que descobri e não está por último por ser o menos importante e sim, por ser o que fez a maior diferença para transformar a intenção de construir uma carreira de impacto em uma realidade, foi poder atuar em equipe com pessoas que acreditaram no meu potencial e com isso abriram oportunidades para atuação, seja por projetos, grupos de trabalho, eventos e ou novos cursos, afinal nós sabemos todas as desigualdades de acesso que temos no mundo e a quantidade de barreiras que temos a superar. E esse fechamento dedico a algumas pessoas que estiveram na minha vida nos momentos mais importantes e confiaram em mim, antes de mim mesma. Essas pessoas são: **Roger Silva, Carla Klein, Douglas Oliveira, Marco Checchia, Priscila Zamprogno, Indaiá Nunes e Janaina Rampasso.**

Encerro aqui os cinco principais direcionadores que descobri nessa jornada que venho trilhando para construir uma carreira de impacto e os protagonistas que pela sororidade vem construindo comigo uma carreira de impacto. Não é um guia consolidado para que se possa copiar e colar, mas espero que contribua como inspiração para que, com o autoconhecimento da sua jornada e suas conexões, possamos juntos construir o mundo que tanto queremos.



Denise Baumgratz

- ✦ Economista;
- ✦ Especialista em Administração Financeira, Gestão de Negócios, Comunicação Estratégica e Extensão em ESG e Stakeholders;
- ✦ Líder da Filial Regional do Capitalismo Consciente em Belo Horizonte;
- ✦ Cofundadora da Essentia Consultoria em Sustentabilidade.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Capitalismo Consciente e ESG no centro da transformação corporativa

O Capitalismo Consciente é um movimento global que propõe repensar os negócios a partir de uma consciência ampliada sobre o seu papel na sociedade. Nasceu nos Estados Unidos a partir de uma pesquisa de marketing que investigava o sucesso de empresas sem grandes investimentos em publicidade, constatando que essas organizações se destacavam por ter uma gestão humanizada. Ao colocarem as pessoas no centro e estreitarem os laços com seus stakeholders (partes interessadas), clientes, fornecedores, parceiros, colaboradores, investidores e comunidade, criavam mais valor e performavam melhor do que seus pares setoriais. E o que consciência organizacional tem a ver com os critérios ESG?

Embora a origem do ESG seja externa às empresas, tendo surgido de uma demanda do mercado financeiro com foco em gestão de riscos e impacto nos resultados, e o Capitalismo Consciente seja um movimento que parte de dentro para fora, é no centro que eles se encontram, no compromisso em adotar práticas empresariais éticas, responsáveis e sustentáveis. Seja para reduzir riscos ou ampliar a consciência organizacional, ambos compartilham a visão de que promover o desenvolvimento sustentável gera mais valor a longo prazo para todas as partes interessadas.

O Capitalismo Consciente é, assim, o solo fértil para que os critérios ESG floresçam e se desenvolvam de forma duradoura. Ao trabalhar quatro pilares - propósito maior, liderança consciente, cultura organizacional e orientação para stakeholders - cria as bases para que o ESG aconteça. Quando o negócio tem o propósito de servir a sociedade e/ou o planeta, e uma liderança que o leve adiante, a cultura e o relacionamento com as partes interessadas se fortalecem, tornando-se uma base sólida para a incorporação efetiva de critérios socioambientais e de governança.

Bem ancorada, a organização consegue identificar seu propósito, a causa pela qual existe, de forma a também orientar o ecossistema de stakeholders, norteando tanto estratégias como ações diárias.

Feito isso, as questões socioambientais serão bem cuidadas e não apenas endereçadas de forma isolada.

Sob a lente do ESG, tudo começa pela governança e por um valor aparentemente óbvio, mas que precisa ser cultivado nas organizações: a ética. É ela que deve orientar a conduta de todos os indivíduos presentes no complexo ecossistema organizacional, essa teia de pessoas conectadas dentro e fora da organização. É ela que também irá embasar os cinco princípios de governança corporativa apresentados pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC): integridade, transparência, equidade, responsabilização e sustentabilidade. Por isso, é tão importante dar visibilidade à cultura da integridade por meio de procedimentos e políticas, para que todos tomem decisões com autonomia partindo dos mesmos princípios.

Convergência entre Capitalismo Consciente e ESG

Pilares do Capitalismo Consciente

	Propósito Maior	Liderança Consciente	Cultura Consciente	Orientação p/ Stakeholders
G Governança	Bússola do processo decisório	Elo entre o propósito e as partes, para geração de valor sustentável no longo prazo	Aprimoramento da cultura ética	Geração de valor compartilhado entre sócios e partes interessadas
S Social	Impacto positivo para a sociedade	Promoção de responsabilidade na cadeia de fornecedores e clientes	Relações e práticas de trabalho; Direitos humanos; Diversidade, Equidade e Inclusão	Diálogo e engajamento das partes interessadas
E Ambiental	Impacto positivo para o meio ambiente	Gestão ambiental, direta e indireta	Consciência ambiental coletiva	Escuta do stakeholder silencioso: o meio ambiente

Fonte: Essentia Consultoria

Empresas que adotam, simultaneamente, os pilares do Capitalismo Consciente e do ESG se destacam não só pela capacidade de mitigar riscos, mas de gerar oportunidades, pois estão mais aptas a conquistar a lealdade dos consumidores, melhorar a reputação, atrair e reter talentos, fomentar a colaboração e impulsionar a inovação, entre outros. Negócios conscientes não só atendem os critérios ESG, mas os transcendem. Não só mitigam riscos por meio da gestão socioambiental e da governança estruturada, mas também buscam impactar positivamente o mundo. Com o estrago causado pelo crescimento populacional e econômico sobre os recursos naturais, não basta apenas fazer o que é exigido por lei, é preciso ir além, é preciso trabalhar em prol da regeneração.

Como diz o professor Raj Sisodia, cofundador do movimento do Capitalismo Consciente e realizador da pesquisa citada no início desse artigo, se você não escolher conscientemente ser parte da cura do mundo, você certamente será parte da dor. Assim, o Capitalismo Consciente é um caminho que começa no indivíduo e torna-se uma jornada de líderes que escolhem elevar a consciência para engajar as pessoas. Pessoas conscientes transformam negócios e negócios ajudam a transformar o mundo. Juntos, Capitalismo Consciente e ESG tornam-se uma poderosa alavanca de transformação não só corporativa, mas global.



Elenize Avelino

- ✦ Economista;
- ✦ Mestre em Ciências Ambientais e Sustentabilidade na Amazônia;
- ✦ Conselheira suplente do Conselho Regional de Economia - 13ª Região AM;
- ✦ Membro Oficial do Instituto Brasileiro de ESG (IBESG).

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Reflexões de um profissional de ESG: Desafios e aprendizados do dia a dia

Recentemente, me perguntaram, o que é ESG? Como é trabalhar com isso?

Admito que parei uns momentos para refletir sobre a pergunta, para mim parece tão óbvio que penso que todos já sabem, ledô engano.

Para aqueles que não conhecem o termo ESG, nada mais é do que um conjunto de práticas sociais, ambientais e de governança adotadas pelas empresas.

E como é trabalhar com ESG?



Devo admitir que é desafiador.

Por ser uma temática que está em ascensão contínua, todos que trabalham nessa área aprendem coisas novas todos os dias. É preciso muito estudo, pois se faz necessário cultivar um olhar multidisciplinar para todos esses aspectos.

Tomemos como exemplo o pilar social, que reflete as condições trabalhistas dos colaboradores, o impacto do negócio nas comunidades adjacentes a empresa e o relacionamento com o cliente. O pilar ambiental atenta para impacto do negócio sobre o meio ambiente, o que pode se dar pela quantidade de resíduos gerada e o seu tratamento, emissões de gases de efeito estufa, água, dentre outros. E o pilar de governança, que diz respeito tanto a questões de representatividade nos cargos de gerência e conselhos de administração quanto à saúde financeira de uma empresa. Todos os três pilares andam em conjunto e são necessários para reduzir o impacto negativo das empresas e solidificar os negócios.

De modo a atender todos esses aspectos, é preciso se manter atualizado com as tendências de mercado e ter como norteadores os principais frameworks disponíveis (GRI, ODS, Sistema B, entre outros).

Além do contínuo aprendizado, eu digo que é desafiador trabalhar nessa área porque práticas ESG são feitas por pessoas e não meramente por números que trazem o resultado desejado. Não existe uma fórmula mágica que trará o resultado esperado. O profissional de ESG deve ser capaz de vender a ideia e os projetos e convencer os colaboradores a colocar em prática. Sabemos que na teoria é tudo parece perfeito, mas na prática encontramos inúmeras dificuldades. E é com persistência e paciência que, aos poucos, conseguimos implementar essas práticas nas empresas.

É preciso reconhecer que somos todos iniciantes e que não existe fórmula mágica para fazer dar certo. Cada empresa, de acordo com sua materialidade, tem seu próprio caminho rumo a trajetória ESG. O essencial é dar o primeiro passo e reconhecer que o trajeto tem muitos percalços e curvas, mas se faz necessário ser perseverante e reinventar-se na medida do possível, sempre que necessário.

Confesso que trabalhar com ESG me deixa feliz, gosto de contribuir com o impacto positivo dos negócios na vida das pessoas. Para isso, todos os dias, busco me capacitar cada vez mais, seja por leituras, podcasts, vídeos e conversas com pessoas que trabalham na área, de modo a entregar o melhor que eu posso conseguir. O importante é persistir e continuar em contínuo aprendizado.

Se você tem interesse em se aprofundar nessa área, converse com profissionais que já atuem no ramo e busque boas referências. **O mercado de ESG precisa cada vez mais de bons profissionais. Por que você não poderia ser o próximo?**



Elisandra Régia De Lima Oliveira Nogueira

- ✔ Gestora ambiental e Gestora de Qualidade;
- ✔ Pós-graduada em Geografia, Meio Ambiente e Sustentabilidade;
- ✔ Estudante de MBA em ESG Manager - Gestão e Governança Corporativa;
- ✔ Pós-graduanda em Gestão de Resíduos e Logística Reversa;
- ✔ Membro da Comissão de Estudo para Sustentabilidade e ESG da OAB - CE.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A importância das mulheres em cargos de liderança: Impulsionando a diversidade e o sucesso organizacional

Este artigo explora os benefícios tangíveis e intangíveis que as mulheres trazem para as posições de liderança e como sua inclusão fortalece as empresas em diversos aspectos. Nos últimos anos, tem havido um reconhecimento crescente de que a presença de mulheres em cargos de liderança desempenha um papel fundamental na promoção da diversidade e no impulsionamento do sucesso das organizações.

A presença significativa de mulheres em cargos de liderança, especialmente em empresas comprometidas com práticas de ESG (Ambientais, Sociais e de Governança), é mais do que uma questão de justiça social, é uma necessidade imperativa para o sucesso empresarial sustentável e para a construção de uma sociedade mais equitativa. A diversidade de gênero nas lideranças não apenas reflete um compromisso genuíno com a igualdade e a inclusão, mas também traz consigo uma gama de benefícios tangíveis.

Mulheres líderes trazem perspectivas únicas, habilidades diversas e uma sensibilidade diferenciada para questões ambientais, sociais e de governança, que são fundamentais no mundo empresarial atual. Sua presença não só fortalece a resiliência das organizações diante de desafios emergentes, como também impulsiona a inovação, melhora o desempenho financeiro e fortalece a reputação corporativa. Portanto, promover, ativamente, a ascensão das mulheres aos mais altos escalões de liderança não é apenas uma escolha ética, mas também uma estratégia inteligente para empresas que buscam prosperar num mundo cada vez mais desperto e conectado entre si.

A variedade é crucial para impulsionar a inovação e o desenvolvimento das organizações. As mulheres trazem perspectivas únicas e experiências diversas para a mesa, enriquecendo a tomada de decisões e impulsionando a criatividade e a resolução de problemas.

Em um mundo cada vez mais globalizado e complexo, as organizações que valorizam e promovem a diversidade estão melhor posicionadas para se adaptar e prosperar em ambientes em constante mudança.

As mulheres, frequentemente, trazem habilidades e qualidades de liderança que complementam e enriquecem o estilo tradicional de liderança. Estudos mostram que as mulheres tendem a ser mais colaborativas, empáticas e orientadas para o desenvolvimento de equipe. Essas características são essenciais para criar ambientes de trabalho inclusivos, promover o engajamento dos funcionários e cultivar uma cultura organizacional positiva.

Além dos benefícios culturais e de engajamento, a presença de mulheres em cargos de liderança também está diretamente ligada aos resultados financeiros das empresas. Pesquisas demonstraram, consistentemente, uma correlação positiva entre a diversidade de gênero na liderança e o desempenho financeiro superior. Empresas com mulheres em cargos de liderança tendem a ter melhor retorno sobre o investimento, maior rentabilidade e maior resiliência em tempos de crise.

A ascensão das mulheres a cargos de liderança serve como inspiração e modelo para futuras gerações de líderes femininas. Mulheres que ocupam cargos de liderança não apenas rompem com obstáculos e padrões de gênero, mas também desempenham um papel crucial na orientação e no desenvolvimento de talentos emergentes. Programas de mentoria e redes de suporte podem ser ferramentas valiosas para impulsionar a progressão das mulheres em suas carreiras e estabelecer um sólido caminho para a liderança feminina no futuro.

Em resumo, a presença feminina em posições de liderança vai muito além de apenas uma questão de justiça social, é uma estratégia de negócios inteligente e fundamentada em evidências. Ao promover a diversidade e a inclusão em todos os níveis da organização, as empresas podem colher os benefícios de uma força de trabalho mais inovadora, engajada e orientada para o sucesso a longo prazo. Investir no desenvolvimento e no avanço das mulheres é investir no futuro das organizações e na sociedade como um todo.

ESG e sustentabilidade em canteiro de obras – Construção Civil



Elizandra Ugino

- Engenheira Ambiental e Sanitária;
- Auditora Ambiental.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Quando nos referimos ao setor de construção civil, lembramos de promover práticas ambientais e responsáveis, como ferramentas de Gestão Ambiental nos canteiros de obras, as quais são instrumentos de apoio para as empresas. Porém, há uma grande lacuna na implementação de práticas de ESG e Sustentabilidade crucial como estratégia de aprimoramento para as empresas e investidores. Essas iniciativas não apenas se configuram como requisitos ambientais obrigatórios, mas também representam uma transformação comportamental decorrente de um novo padrão de conduta e preocupação com o futuro, buscando maior responsabilidade e transparência nas boas práticas organizacionais e governamentais.

O setor da construção civil pode ter vários impactos ambientais, tanto relacionados às atividades diretas que lhe estão associadas quanto aos efeitos indiretos resultantes das escolhas de materiais e do uso de recursos naturais. Dentre os aspectos ambientais envolvidos, destacam-se o consumo de recursos naturais, geração de resíduos, emissões de gases de efeitos estufa, desmatamento, degradação ambiental, consumo energético e poluição na qualidade do ar e da água, fauna e flora. Por isso, é fundamental ter políticas ambientais e procedimentos como: controle de consumo de água, monitoramento de fumaça preta, inventário de resíduos da obra, armazenamentos correto de resíduos, transporte e destinação final adequada. Ao abordarmos a Gestão de Resíduos Sólidos gerados desde o início até o término de uma obra, é fundamental considerar todas as atividades envolvidas que possam gerar resíduos, incluindo entulhos, madeira, embalagens de produtos, papel, plástico, vidro, metal, orgânico e não recicláveis. O peso das atividades é enorme quando se trata dos impactos negativos no meio ambiente, sendo motivo de crescente preocupação e atenção no setor da construção civil.

Portanto, as questões ambientais, sociais e de governança tornam-se elementos-chave na estratégia de boas práticas na construção civil, refletindo-se nas tomadas de decisões socialmente responsáveis e moralmente corretas.

Assim, o investidor assume prioridades e responsabilidades ambientais nas suas decisões finais. Afinal, o desempenho ambiental não apenas auxilia as empresas na atração de um público que valoriza a certificação ecológica, mas também atende às expectativas de um consumidor que prioriza aspectos de sustentabilidade, buscando eficiência nos recursos naturais sem comprometer a qualidade, segurança e eficácia da obra.

Esse conceito encontra destaque na Agenda 2030, elaborada pela ONU, que estabelece os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O foco desses objetivos reside na promoção da sustentabilidade e na preservação dos recursos para as próximas gerações. O compromisso em criar e implementar estratégias corporativas inclui investimentos no meio ambiente local, comunidades do entorno e infraestrutura de governança.

Nos últimos anos, os assuntos relacionados à sustentabilidade e responsabilidade corporativa ganharam destaque nos mercados globais, tornando-se métricas cruciais para avaliar o desempenho das empresas em termos de sustentabilidade e ética. Quando nos referimos ao meio ambiente, temos principais direcionamentos: assumir, desenvolver e incentivar. Assumir práticas que adotem uma abordagem preventiva, responsável e proativa para o desenvolvimento ambiental; desenvolver iniciativas e ações para promover e disseminar a responsabilidade ambiental na sociedade; e incentivar o desenvolvimento e a difusão de tecnologias ambientais.

No setor da construção civil, desponta a construção verde, um método que inclui todo o processo de design, planejamento e execução de uma obra, com ênfase na melhoria do meio ambiente e da saúde humana. Com isso, é possível otimizar a energia, reduzir a quantidade de água utilizada e minimizar o desperdício de materiais. Seu principal objetivo é a utilização de materiais sustentáveis e reciclados, juntamente com a minimização dos impactos do consumo de energia, através do emprego de fontes sustentáveis, como as energias renováveis.

Simplesmente construir novas estruturas de forma rápida e barata não é suficiente para o setor da construção civil, pois as empresas são responsáveis pelos impactos ambientais de seus projetos. O resultado de uma construção sustentável tornou-se um requisito importante no planejamento e execução de novas construções. Nesse contexto, a sustentabilidade e o ESG tornam-se cada vez mais relevantes no setor.

A integração da economia circular é uma abordagem que vai além dos tradicionais (reduzir, reutilizar e reciclar), unindo o modelo sustentável à tecnologia e ao comércio do mundo contemporânea. Além da responsabilidade com os resíduos gerados, há também a preocupação com o esgotamento de matérias-primas inseridas no sistema produtivo mundial a cada ano.

A economia circular visa a eliminar o desperdício, agregando um novo ciclo a cada resíduo ou produto, transformando resíduos em insumos, originando uma nova matéria prima. Surgem assim novos procedimentos de economia restaurativa e regenerativa. Dessa forma, o desenvolvimento sustentável busca equilibrar a preservação dos recursos renováveis e o reaproveitamento de resíduos sólidos em cada obra, contribuindo para um ciclo consciente e responsável.



Érika de Almeida Sampaio Braga

- Graduada em Química Industrial;
- Mestre e Doutora em Engenharia Civil – Saneamento Ambiental;
- Auditora em Sistemas de Gestão Integrada.



Eveline Cunha Lima

- Consultora da ECL Consultoria Empresarial;
- Engenheira Química;
- Engenheira de Segurança do Trabalho;
- Mestre em Engenharia Química, com ênfase na área ambiental;
- Doutoranda em Engenharia Química;
- MBA em ESG.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

"Corrida maluca" do ESG

Fazendo uma profunda reflexão sobre o atual cenário da sustentabilidade empresarial, decidi resumir esse movimento com alguns fatos marcantes nos últimos 24 anos. O tema ESG surgiu em 2000, quando o então secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, convocou empresas de todo o mundo por meio do Pacto Global para perfilarem suas operações e estratégias aos Dez Princípios universais nas áreas de Direitos Humanos, Trabalho, Meio Ambiente e Anticorrupção, bem como desenvolverem ações que contribuam para o enfrentamento dos desafios da sociedade.

Com a finalidade de promover uma abordagem mais sustentável para os investimentos e influenciar as práticas empresariais a uma maior sustentabilidade, os Princípios para o Investimento Responsável (PRI) foram criados em 2006, por um grupo internacional de investidores institucionais. O PRI trabalha em conjunto com sua rede internacional de signatários do Pacto Global que se comprometeram em colocar em prática os seis Princípios para o Investimento Responsável:

- ▶ Incorporaremos os temas Environmental Social Governance (ESG) às análises de investimento e aos processos de tomada de decisão;
- ▶ Seremos pró-ativos e incorporaremos os temas ESG às nossas políticas e práticas de propriedade de ativos;
- ▶ Buscaremos sempre fazer com que as entidades nas quais investimos divulguem suas ações relacionadas aos temas ESG; Promoveremos a aceitação e implementação dos Princípios dentro do setor do investimento;
- ▶ Trabalharemos unidos para ampliar a eficácia na implementação dos Princípios;
- ▶ Cada um de nós divulgará relatórios sobre atividades e progresso da implementação dos Princípios.

Os investidores criaram esses princípios com o interesse na sustentabilidade empresarial, que ao implantarem os critérios de ESG poderiam mitigar riscos, fortalecer a reputação, garantir conformidade regulatória, contribuindo para um bom desempenho financeiro e garantindo assim o retorno ao investimento.

O ano de 2015 foi marcado pelo compromisso das empresas com a Agenda 2030, que se refere à sua adesão e contribuição com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas inter-relacionadas, que abrangem uma ampla gama de questões sociais, econômicas e ambientais. Esses objetivos visam acabar com a pobreza, promover a prosperidade econômica, proteger o meio ambiente e garantir o bem-estar para todos até o ano 2030.

A Organização Meteorológica Mundial (OMM) oficializa que 2023 foi o ano mais quente já registrado. Os dados internacionais confirmaram que a média global anual foi 1,45°C acima dos níveis pré-industriais, com margem de erro de mais ou menos 0,12°C. O valor se aproxima cada vez mais de 1,5°C, o marco limite do Acordo de Paris.

Observamos ao longo desses anos um aumento significativo no interesse das empresas na adoção de práticas ESG, onde podemos atribuir uma série de fatores e incluir as preocupações com os futuros impactos financeiros devido a contribuição com o aquecimento global.

O movimento acelerado (CORRIDA MALUCA), muitas vezes não entendido e atendido pelas empresas, gerou um termo muito falado atualmente: o "Greenwashing", que descreve uma prática na qual uma empresa, organização ou entidade tenta projetar uma imagem de compromisso com a proteção do meio ambiente, sustentabilidade ou práticas ambientalmente responsáveis, muitas vezes de forma enganosa, exagerada ou insincera. Embora seja comumente associado ao não cumprimento as práticas ambientais, ele também pode ser aplicado a outras áreas, como as práticas sociais de diversidade e inclusão no mercado de trabalho, especialmente quando se trata do assédio moral enfrentado pelas mulheres.

O "Diversity washing" ou "Inclusion washing" é um termo que pode ser usado para descrever situações em que uma empresa tenta projetar uma imagem de comprometimento com a diversidade, inclusão e igualdade de gênero, mas na realidade suas práticas internas podem não refletir esse com-

promisso de forma significativa.

Alguns exemplos de "Diversity washing" ou "Inclusion washing" relacionados ao assédio moral enfrentado pelas mulheres no local de trabalho podem incluir:

- ▶ Políticas de diversidade e treinamentos superficiais;
- ▶ Falta de medidas concretas para abordar o assédio moral;
- ▶ Publicidade enganosa ou relações públicas;
- ▶ Falta de representatividade em posições de liderança.

Em suma, o "Diversity washing" ou "Inclusion washing" no contexto do assédio moral enfrentado pelas mulheres no mercado de trabalho envolve a projeção de uma imagem de apoio à diversidade e inclusão que não é sustentada por práticas internas efetivas e um compromisso real em abordar os desafios enfrentados pelas mulheres, incluindo o assédio moral.

O assédio no ambiente de trabalho é uma questão séria e complexa que pode ocorrer entre pessoas de diferentes gêneros, incluindo mulheres assediando outras mulheres. Embora o assédio no local de trabalho seja frequentemente associado a homens assediando mulheres, é importante reconhecer que o assédio pode ocorrer em diversas formas e entre colegas de qualquer gênero.

O assédio no ambiente de trabalho pode assumir várias formas, incluindo assédio moral, assédio sexual, discriminação, intimidação, bullying e comportamento abusivo. Quando uma mulher assedia outra mulher no ambiente de trabalho, isso pode ser motivado por uma variedade de fatores, incluindo desejo de poder, competição, inveja, discriminação de gênero internalizada ou outras dinâmicas complexas.

É crucial que as empresas e organizações estejam atentas ao assédio no local de trabalho e adotem medidas para prevenir, detectar e abordar esses comportamentos de maneira eficaz. Isso pode incluir a implementação de políticas claras de prevenção ao assédio, treinamento para funcionários e gestores, canais seguros para denúncias e uma cultura organizacional que promova o respeito, a igualdade e a diversidade.

Além disso, é importante fornecer apoio adequado às vítimas de assédio, independentemente do gênero, e garantir que haja consequências para os assediadores.

Educar os funcionários sobre o impacto do assédio e promover uma cultura de respeito mútuo e apoio pode ajudar a prevenir esses comportamentos e criar ambientes de trabalho mais saudáveis e inclusivos para todos.



Fernanda Dutra Vieira Lopes

- Advogada;
- Especialista em Compliance e Direito Digital;
- Especialista em LGPD;
- Voluntária no programa OAB Vai à Escola, da subseção Jabaquara;
- Coordenadora do Grupo de Trabalho de Programas da OAB do Grupo de Compliance.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Governança do ESG no Compliance: Integrando Sustentabilidade e Conformidade Empresarial

A integração de práticas sustentáveis nas operações empresariais ascendeu a uma prioridade estratégica para organizações em todo o globo nos últimos anos. Nesse contexto, o conceito de ESG - Ambiental, Social e Governança - despontou como um arcabouço abrangente para avaliar e comunicar o desempenho corporativo em questões atinentes à sustentabilidade e responsabilidade social.

Em paralelo, o cumprimento de normas e padrões éticos desponta como pilar fundamental para assegurar a legitimidade e longevidade dos negócios. Desse modo, a governança do ESG no compliance surge como uma abordagem crucial para harmonizar as estratégias de sustentabilidade com as práticas de conformidade empresarial.

Integrando ESG e Compliance

A integração eficaz do ESG no compliance demanda uma abordagem multifacetada que abarque políticas, processos e cultura organizacional. Isso envolve:

▶ **Avaliação de Riscos ESG:**

As empresas devem identificar e avaliar os riscos ESG que podem afetar suas operações e reputação. Isso inclui análises de vulnerabilidades ambientais, preocupações sociais e práticas de governança interna.

▶ **Desenvolvimento de Políticas ESG:**

As organizações precisam estabelecer políticas claras e objetivas relacionadas ao ESG, alinhadas com seus valores corporativos e padrões éticos. Essas políticas devem abordar temas específicos, como práticas ambientais, direitos humanos e integridade corporativa.

▶ **Implementação de Controles Internos:**

Controles internos devem ser implementados para garantir o cumprimento das políticas ESG estabelecidas. Isso pode incluir sistemas de monitoramento ambiental, auditorias sociais e mecanismos de denúncia para questões éticas.

➤ **Educação e Treinamento:**

Conscientização e treinamento dos colaboradores são essenciais para promover uma cultura de responsabilidade corporativa. Os programas de capacitação devem abranger tópicos relacionados ao ESG e compliance, destacando a importância dessas questões para o sucesso organizacional.

Benefícios da Governança do ESG no Compliance

A adoção de uma abordagem integrada para a governança do ESG no compliance oferece uma série de benefícios tangíveis, incluindo:

➤ **Resiliência Corporativa:**

A gestão proativa dos riscos ESG fortalece a resiliência corporativa, reduzindo a exposição a crises e contingências imprevistas.

➤ **Reputação e Credibilidade:**

Empresas comprometidas com práticas sustentáveis e éticas desfrutam de uma reputação mais sólida e credibilidade junto aos stakeholders.

➤ **Acesso a Capital:**

Investidores e financiadores estão cada vez mais direcionando seus recursos para empresas com sólidos desempenhos ESG, oferecendo acesso a capital mais amplo e custos de financiamento potencialmente mais baixos.

➤ **Inovação e Competitividade:**

A integração do ESG no compliance estimula a inovação e a diferenciação no mercado, proporcionando vantagens competitivas a longo prazo.

A governança do ESG no compliance representa uma abordagem holística e estratégica para gerenciar os desafios e oportunidades associados à sustentabilidade e conformidade empresarial. Ao integrar considerações ESG em todas as áreas de operação e governança corporativa, as empresas podem fortalecer sua posição no mercado, mitigar

riscos e contribuir positivamente para a sociedade e o meio ambiente.

Exemplos de Aplicação

Empresa A



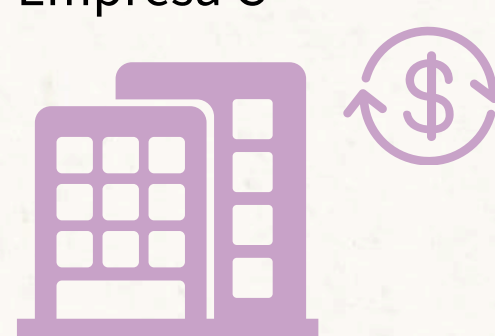
Uma empresa do setor de energia implementa um sistema de monitoramento ambiental para acompanhar suas emissões de gases de efeito estufa e garantir o cumprimento das normas regulatórias.

Empresa B



Uma empresa do setor têxtil realiza auditorias sociais em seus fornecedores para garantir que eles estejam em conformidade com os padrões trabalhistas internacionais.

Empresa C



Uma empresa do setor financeiro desenvolve um código de conduta para seus funcionários que inclui princípios relacionados à ética e à responsabilidade social.



Fernanda Mourão

- Arquiteta e Urbanista;
- Pós-graduada em Design e Gestão de Produto e MBA em Marketing;
- CEO da Futuro Labs & Arquiteta do Futuro do Trabalho.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Futuro do trabalho e o ESG: Como modelos flexíveis contribuem com a sustentabilidade e inclusão?

O cenário do trabalho está passando por uma metamorfose contínua, impulsionada por uma conscientização crescente sobre a importância de práticas que tenham impacto positivo em questões ambientais, sociais e de governança.

A atenção às questões de ESG emerge como um guia essencial na construção de espaços e modelos de trabalho mais resilientes, sustentáveis e que promovam o bem-estar de todos os envolvidos.

Como isso é possível?

A tecnologia desempenha um papel fundamental nesse processo, permitindo uma gestão mais eficaz dos recursos ambientais, físicos, financeiros e humanos. Além disso, a adoção de práticas simples, como a redução do consumo de energia e água, o compartilhamento de ativos como estratégia de negócio e a promoção da mobilidade compartilhada, são passos importantes na direção de um ambiente de trabalho mais sustentável.

O uso de materiais ecológicos e de baixo impacto ambiental também é essencial, seja na escolha de materiais de escritório, papéis ou móveis.

Móveis de escritório, por exemplo, são produtos bastante duráveis, com garantias de pelo menos 7 anos, e podem ser reaproveitados muitas vezes, contribuindo significativamente com a economia circular.

A reciclagem, compostagem e o descarte consciente são práticas que não apenas beneficiam o meio ambiente, mas também contribuem para a construção de uma cultura organizacional mais responsável, onde todos contribuem em prol de algo coletivamente.

Além disso, é fundamental apoiar o cuidado com a saúde mental dos colaboradores, proporcionando espaços adequados e incentivando o equilíbrio entre vida profissional e pessoal.

A Contribuição dos Modelos de Trabalho Flexíveis na Descentralização

Os modelos de trabalho flexíveis desempenham um papel crucial não apenas na redução das emissões de gases poluentes, mas também no impacto social. O trabalho remoto, por exemplo, torna acessíveis vagas de trabalho que antes não eram possíveis para pessoas com deficiência ou para aqueles que residem em áreas fora dos grandes centros urbanos. Isso não apenas promove a inclusão social, mas também amplia as oportunidades de emprego para uma gama mais diversificada de indivíduos. Além disso, ao descentralizar as regiões mais corporativas na cidade e implementar espaços de trabalho distribuídos em diferentes bairros da cidade, as empresas podem contribuir para a redução das desigualdades socioeconômicas, ao criar oportunidades de emprego em áreas que anteriormente estavam à margem do desenvolvimento econômico. Essa descentralização também pode ajudar a fortalecer a economia das comunidades locais, ao integrar as empresas às necessidades e dinâmicas locais, e ao promover um senso de pertencimento e identidade comunitária.

Quem se beneficia?

Empresas que adotam práticas ESG colhem uma série de benefícios, incluindo o aumento da produtividade, a atração de talentos, a redução de custos e riscos, e uma melhor reputação da marca.

Para os colaboradores, a implementação de espaços de trabalho que endereçam as metas de ESG resulta em maior satisfação e engajamento no trabalho, melhor saúde física e mental, e um equilíbrio mais saudável entre vida profissional e pessoal.

Além disso, a sociedade como um todo se beneficia com a redução do impacto ambiental, a melhoria da mobilidade e distribuição nas cidades, e o desenvolvimento sustentável das comunidades.

Em resumo: ESG é o futuro do trabalho!

Aqueles que ainda olham com desconfiança para as práticas ESG estão ignorando não apenas os benefícios tangíveis que elas proporcionam, mas também os riscos de não agir. ESG não é apenas uma tendência passageira; é um imperativo para qualquer empresa que deseje se manter relevante no mercado atual e futuro.

Portanto, é hora de reconhecer que ESG não é apenas papo para boi dormir, mas sim uma abordagem fundamental para a construção de espaços de trabalho melhores para todos - empresas, colaboradores e sociedade como um todo. É hora de agir, antes que seja tarde demais.



Gabriela Gutterres Berwanger

- Engenheira Ambiental;
- Mestra em Recursos Hídricos e Saneamento Ambiental;
- Analista de Estratégia ESG na Ecovalor;
- Consultora ambiental.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Matriz de materialidade, relatório de sustentabilidade, temas materiais... Que tal sair do piloto automático e entender ao menos o que define os stakeholders?

No mundo da sustentabilidade corporativa, já estamos acostumados a muitas siglas e alterações constantes nas normativas e frameworks que norteiam nosso trabalho (TCFD que foi englobado pelo IFRS, SASB que agora é coordenada pelo ISSB e conjunta ao IFRS, GRI Standards que já foi G4...). É necessário, ainda, ativar a atenção para acompanhamento de notícias também, visto que o ESG está diretamente relacionado à economia e a políticas públicas. Vale destacar aqui uma adrenalina recente do mercado: a carta anual de Larry Fink, fundador, Chairman e CEO da Black Rock, que em meado de 2021 tornou o ESG uma das palavras mais importantes para o mercado, agora em 2024, não citou em nenhum momento o termo ESG.

O mercado é dinâmico. Tendências corporativas, assim como algumas peças de roupa na indústria da moda, vêm e vão. Para funcionar, estratégias para o mundo corporativo precisam trazer resultados, atribuir valor e polir cada vez mais a reputação de uma instituição. O ESG promete, a priori, a receita do bolo para ter êxito em todos esses sentidos. Porém, assim como explorado no artigo de Aswath Damodaran, professor da NYU e um grande crítico ao ESG, o imaculado termo ESG pode estar gerando certa desconfiança de profissionais, principalmente visto alguns casos de greenwashing recentes (o processo da JBS no estado de Nova York, a participação e então exclusão da Braskem do ISE e o próprio case da Americanas, um pouco mais antigo em relação aos outros, que também era listada no ISE da B3), sem comprovação de que os resultados do ESG são tão bons assim. Com a complexidade dos termos associados ao ESG aumentando, talvez algumas feridas tapadas por um relatório de sustentabilidade possam começar a surgir.

Para os profissionais da sustentabilidade, considerando a dinamicidade do mundo ESG, não se sobra muito tempo para reflexão e entendimento aprofundado de alguns assuntos, deixando os profissionais em piloto automático dentro de práticas de sustentabilidade. A rotina só permite aplicar o que o benchmark realiza. Por exemplo: “precisamos nos certificar com X” ou “precisamos publicar o relatório de sustentabilidade urgente”, entre outros. Essa pressão do mercado, que de um lado possui empresas extremamente maduras e atualizadas, ocasiona que empresas menos estruturadas queiram dar passos maiores do que as pernas e caiam em um poço de greenwashing, muitas vezes omitindo dados através de palavras bonitas em um relatório de sustentabilidade ou até mesmo apresentando informações e dados sem nem entender direito o que os números significam.

Nesse sentido, podemos ver um efeito dominó: 1. ESG prometendo só vantagens para as empresas, o que eleva a expectativa dos executivos; 2. sustentabilidade sendo uma área, de certa forma, generalista e podendo adotar profissionais de áreas extremamente variadas entre si (publicidade, biologia, direito, engenharias, jornalismo); 3. o mercado trazendo atualizações muito rápidas; 4. rotinas corridas dos profissionais de sustentabilidade, que muitas vezes são times enxutos com poucas pessoas para dividir demandas; 5. a necessidade de compreender de forma muito aprofundada as três letras do ESG, que para um profissional generalista pode encarecer de questões chave (um profissional sem familiaridade com muitas leis tendo que relatar questões de governança); 6. a então apresentação de resultados ESG das empresas, principalmente que não envolvem auditoria de terceira parte, omitindo informações, trazendo dados pobres ou maquiando alguns resultados com promessas de melhorias; 7. stakeholders perdendo a confiança e vendo que relatórios podem ser discursos vazios; 8. o valor prometido para as companhias associadas ao ESG derretendo; 9. o ESG e a sustentabilidade, por fim, perdendo relevância no mercado.

E então, o que fazer? Por mais clichê que soe, devemos respirar fundo, dar um passo para trás e trabalhar algumas temáticas na raiz. Como o mercado não exige uma formação específica em ESG – até porque cada setor possui suas particularidades –, a disciplina de estudar cada termo do glossário sustentabilidade é um dever importante do profissional da área. Essa prática, inclusive, é uma forma de identificar qual dos três pilares do ESG o indivíduo mais se identifica – por mais que seja, de fato, relevante entender um pouco de todos.

Trago aqui um resumo, por fim, de algo que já está na ponta da língua dos profissionais, mas que pouco se discute e nem se sabe de onde surgiu: termo básico “stakeholders”. Criamos a matriz de materialidade, relatório de sustentabilidade, definimos nossos temas materiais e preparamos iniciativas de mobilização com eles, porém, de onde surgiu esse termo “stakeholders” e por que o utilizamos?

A teoria dos stakeholders não é uma verdade universal no mercado. Antes de seu surgimento, as formas tradicionais de gerenciamento de organizações eram focadas nos shareholders – ou seja, os proprietários e acionistas da empresa. O influente Morgan Friedman, um dos mais famosos premiados com o Prêmio Nobel de Economia (1976), foi quem cunhou a expressão “as empresas existem para dar retorno aos seus acionistas”. Já a teoria dos stakeholders, desde seus primórdios, propôs a necessidade de se incluir os agentes que interferem e impactam a organização, inclusive aqueles que a influenciam indiretamente a instituição. Assim, o acionista é somente mais um stakeholder.

A ponte mais clara na conexão de ESG com teoria dos stakeholders é a materialidade. Afinal, a materialidade é o processo de identificação e priorização dos aspectos relevantes para uma empresa através da consulta com as partes interessadas da empresa - stakeholders - para verificar “o limiar em que os aspectos da sustentabilidade se tornam suficientemente importantes para serem tratados pela empresa” (conforme GRI).

Portanto, a teoria dos stakeholders se tornou norteador na estratégia ESG das empresas. Afinal, para um mercado de capitais que logo mais será guiado por uma nova geração que, é claro, não deixa nunca de pensar em lucro, mas que possui mais afinidade com empregos que geram valor e sentido, entender na raiz o porquê de um relatório de sustentabilidade e para quem o fazemos é um exemplo de “passo para trás” para dar saltos para frente.



Gabryella Cerri Mendonça

- ✔ Técnica Têxtil;
- ✔ Engenheira Química;
- ✔ Pós-graduada em Sustentabilidade e ESG;
- ✔ Mestre em Engenharia de Materiais;
- ✔ Lidera a área de sustentabilidade da Capricórnio Têxtil.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Você já parou para pensar de onde vem o seu jeans? O viés da sustentabilidade em uma tecelagem familiar de Denim

O jeans é considerado a peça mais democrática nos guarda-roupas e representa perfeitamente a moda frente a diversidade, e o tecido que compõe as peças jeans é chamado de Denim. O Denim é composto por fios de urdume e trama, que entrelaçados em teares formam o tecido mais popular e que todos usam.

O tecido Denim nasce em campos de cotonicultura extensos, a principal matéria-prima do jeans é o algodão e a segunda é a água, e para que esses recursos se mantenham a longo-prazo é necessário se adaptar às mudanças, às inovações e ter ações em prol do desenvolvimento sustentável.

O setor têxtil é complexo e com impactos negativos ao meio ambiente e na sociedade, no entanto, estamos vendo mudanças significativas no setor, impulsionadas pela autorresponsabilidade e pelas novas gerações que mostram suas próprias necessidades e as das gerações futuras.

O meu papel diário é trazer ações que me ajudem com a mudança de mentalidade e de comportamento das pessoas tomadoras de decisão, mostrando que as decisões e a visão de longo-prazo são imprescindíveis para garantir um futuro com desenvolvimento sustentável, equitativo e justo.

Hoje, minha atuação profissional é uma tecelagem familiar, produtora de Denim e com clientes que valorizam a sustentabilidade, seus princípios de comportamento e responsabilidade frente às demandas que temos atualmente, como: mudanças climáticas, recursos hídricos, gestão de resíduos têxteis, responsabilidade social corporativa, diversidade, equidade e inclusão, impacto social, governança corporativa, entre outros.

Trabalhar essas temáticas em uma empresa familiar é desafiador, e iniciamos essa jornada realizando um mapeamento dos nossos impactos através do Movimento para Sustentabilidade pautado nos pilares: Produção, Comunidade e Governança, fomos norteados pelos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e pelo Pacto Global da ONU. Assim foi construída a nossa Matriz de Materialidade, e com essa visão sistêmica nasceu o primeiro Relatório de Sustentabilidade com base no Global Reporting Initiative (GRI) e foi traçada a consolidação dos indicadores de área norteados pelos principais impactos identificados e os alinhando aos objetivos estratégicos da empresa.

Essa ação inicial trouxe alguns retornos intangíveis importantes, como: maior visibilidade perante os clientes, fomento do trabalho de engajamento interno em prol de ações de mudanças de atitude em cada setor produtivo, criação de novos valores e credibilidade para que novos projetos fossem realizados, realização do Inventário de Gases do Efeito Estufa e ganho do selo Prata no programa GHG Protocol, aderência ao Science Based Targets initiative (SBTi) e aprovação da diretoria para começarmos a construir nossas metas de redução da pegada de carbono. Trouxemos o maior programa de responsabilidade social corporativa do Brasil para dentro da empresa, e os funcionários atuam como educadores voluntários para jovens baixa renda e a empresa no papel da escola, com o curso de Assistente Administrativo e Industrial, entre outras conquistas.

Foram muitas iniciativas para um primeiro ano em que a sustentabilidade se tornou uma área estratégica dentro da companhia. Temos metas estabelecidas que nos norteiam e orientam o objetivo de ser referência no que fazemos e trazem a sustentabilidade como um valor, preservando o equilíbrio econômico, social e ambiental.

Como mulher, liderar a área de sustentabilidade é tão gratificante quanto desafiador e destaco a importância de uma liderança democrática, coletivista, humanista, afetiva e corajosa para construção de boas relações e, assim, conseguir engajar mudanças significativas dentro e fora da empresa. Assim como as empresas, também temos o nosso propósito e queremos causar impacto positivo, e promover mudanças, que mesmo que pequenas agora, vejo que cada passo é importante para chegar nas metas ambiciosas que estamos traçando.

É imprescindível ressaltar que dentro de uma tecelagem familiar tem sido possível fazer a sustentabilidade acontecer dentro da sua realidade. Não existe receita de bolo, ela acontece com erros e acertos, mas o mais importante é que a roda não está mais girando como antigamente, hoje vejo todas as áreas engajadas em reduzir resíduos, água, buscar fontes alternativas de matéria-prima, engajando nos projetos sociais e como voluntários, e essa jornada está apenas começando. Temos transformações sólidas em vista, não na velocidade que precisamos, mas está acontecendo. Se olharmos com uma perspectiva de copo meio cheio, estamos saindo do lugar o primeiro passo e o mais importante já foi dado e temos acumulado conquistas neste pequeno espaço de tempo.

Deixo como principal motivador a persistência e a coragem de se colocar e defender seus ideais, e poder contar de forma genuína e transparente os primeiros passos de uma tecelagem familiar em sua trajetória de sustentabilidade é gratificante. Sempre digo que temos um caminho grande pela frente, no entanto quando a alta liderança permite e caminha junto, de forma alinhada, chegar nos objetivos desejados se torna muito mais fácil. É importante, como profissional de sustentabilidade, saber que não iremos ter um mundo próspero em desenvolvimento sustentável sem as empresas, e que precisamos de mais empresas de impacto positivo.



Gessiane Oliveira Silva

- ✔ Graduada em Direito;
- ✔ MBA em Controladoria, Auditoria e Finanças;
- ✔ Profissional nas áreas de compliance e ESG.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Minha jornada em transformação e impacto: Um exemplo de implementação de práticas ESG

Desde que entrei na administração do negócio da minha família, em 2015, enfrentei vários desafios. A empresa era um mercado de bairro no litoral do Estado de São Paulo e em funcionamento desde 1997. A falta de regras claras, as decisões tomadas de maneira pessoal e o desânimo visível entre os funcionários eram alguns dos obstáculos que encontrei. No entanto, decidi tomar algumas medidas para mudar essa situação e transformar a empresa na “melhor empresa para se trabalhar na cidade”, pelo menos esse era meu sonho na época.

Para começar, desenvolvi um código de ética e um manual do colaborador, fornecendo diretrizes claras e consistentes sobre assuntos da rotina de trabalho para todos os funcionários. Na ocasião, a empresa tinha cerca de vinte funcionários e todos receberam uma cópia do material para ler e fazer suas sugestões antes dele ser finalizado. Para fazer a implantação do código de ética e manual de conduta, eu distribuí um exemplar para cada colaborador, iniciei um cronograma de reuniões a cada quinze dias para abordar um tópico do código por vez e elaborei uma apresentação. Essa implantação aconteceu em 2016, na época eu ainda não conhecia a sigla ESG – Ambiental, Social e Governança, mas já estava aplicando suas diretrizes no mercado.

A utilização do Código de Ética e Manual do Colaborador foi o pontapé inicial para que outras mudanças acontecessem. No mesmo período, inscrevi a empresa na associação de classe e um dos benefícios dessa associação eram os cursos oferecidos aos funcionários de seus associados. Com isso, surgiu a necessidade de avaliar quais colaboradores seriam selecionados para fazer os cursos e como seria feita essa escolha. A partir daqui, criei uma ficha de avaliação baseada no cumprimento das diretrizes do código de ética e manual do colaborador e estabeleci feedbacks periódicos com a equipe.

Em pouco tempo, essas ações geraram resultados muitos positivos, pois com o intuito de serem selecionados para os cursos, os colaboradores se interessaram mais em aderir às novas diretrizes trazidas pelo código e manual. Essa transformação cultural da empresa fez uma seleção natural, onde algumas pessoas não se identificaram com as mudanças e deixaram o quadro, enquanto outras enxergaram uma oportunidade de desenvolvimento e de novos horizontes ali mesmo.

O cronograma de reuniões periódicas evoluiu para dinâmicas em grupo que promoveram um ambiente de trabalho mais positivo, estimulante e de comunicação aberta. Com essa aproximação da equipe, pude conhecer melhor as habilidades de cada funcionário e direcioná-los para setores e atividades mais compatíveis, o que gerou uma melhora notável na autoestima de cada um deles.

Ao ingressar na Associação, oferecemos benefícios educacionais a nossa equipe. Fico orgulhosa em dizer que três de nossos funcionários conseguiram realizar o sonho de frequentar a faculdade, graças a essa parceria. Assim como outros que, após nosso constante incentivo e ações que fortaleceram sua autoestima se sentiram confiantes para retomar os estudos e até tirar carteira de motorista.

É incrível como pequenas ações podem gerar reações transformadoras na vida das pessoas. A necessidade que senti de pôr ordem em uma empresa desorganizada, acabou fazendo com que pessoas tivessem diversas experiências pela primeira vez e que mudaram o curso das suas vidas, tais como: abrir conta num banco, ter acesso a médicos e profissionais da saúde como psicólogo, fisioterapeutas e nutricionistas em uma clínica parceira, viajar para outra cidade para fazer um curso ou participar de um evento, superar seus limites e se permitir sonhar e realizar.

Minha jornada em transformar a cultura organizacional da empresa foi desafiadora, mas incrivelmente gratificante. Ao priorizar práticas de ESG e investir no desenvolvimento de nossa equipe, conseguimos não apenas melhorar o negócio, mas também fazer diferença positiva em nossa comunidade, quebrando ciclos limitantes. Acredito firmemente que, ao abraçar a responsabilidade social corporativa, todas as empresas têm o poder de criar um impacto duradouro em seu entorno, assim como fizemos.



A natureza feminina da sustentabilidade



Giovana Baggio Bruns

- Engenheira florestal;
- Especialista em manejo de bacias e zonas costeiras;
- Pós-graduada em Liderança para a Conservação;
- Mestre em Gestão Ambiental;
- Diretora-proprietária da empresa de consultoria Comunità Advisors.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Não por acaso chamamos a natureza de Mãe, pois ela representa todo o feminino que acolhe, recebe, sustenta, cria, gesta, traz a nova vida. É nela que toda a pujança da vida repousa, e ao mesmo tempo é a base de toda a tecnologia moderna, que nada mais é que elementos naturais moldados, combinados, alterados por uma humanidade sedenta por se desenvolver, sem muitas vezes contabilizar a forma de fazê-lo em equilíbrio, assim como a natureza faz.

Por isso, não é coincidência ver a área de Sustentabilidade ser formada por tantas profissionais mulheres, pois é uma atuação que exige mais do que técnica, senso crítico ou boa gestão, bem como sensibilidade, visão holística, altruísmo, empatia, responsabilidade para com tudo, todos e com o todo.

Nesses 25 anos de atuação em gestão ambiental territorial, florestal e agrícola, percebi que muitas vezes temos que atuar na contramão do simples pensamento consumista, pós-revolução industrial, que até hoje dita as regras de desenvolvimento no mundo. Entendi que as mulheres tiveram e tem um papel crucial no despertar dessa nova economia, cujo lucro continua a fazer sentido, mas desde que considere o mercado justo para todos os elos da cadeia produtiva, principalmente daqueles que estão na base. Uma economia que inclua na conta tudo aquilo que é inexorável para manter a Terra com capacidade de não só produzir, mas de sustentar a miríade de seres, formas, substâncias e elementos que a formam ou que dela necessitam, ou seja, um modelo econômico que consegue ver a sustentabilidade socioambiental como parte do negócio e seus riscos, e não como um investimento extra e oneroso.

Nos exemplos mais simples e genuínos é que vemos a força do coletivo feminino em ação: no cantar das quebradeiras de coco do Maranhão, no sorriso das pequenas agricultoras agroecológicas do Semiárido, no olhar determinado das líderes de cooperativas rurais e extrativistas que conseguiram gerar mais renda para todas as suas comunidades, no trançar das artesãs, nas ervas milagrosas das curandeiras, nas associações de mães que se desdobram para gerar renda e dar o melhor para os seus filhos, e até mesmo na energia catalizadora de grandes fazendeiras que pensam além de suas porteiras e entendem que o desenvolvimento regional sustentável deve ser lucrativo e rentável para todos.

Em todas essas mulheres, vemos características em comum: a preocupação com todos à sua volta, a vontade de prosperar juntas, em querer preparar o terreno com esmero para os que virão.

Que o futuro incerto da humanidade possa carregar esse olhar mais inclusivo, generoso, autêntico e sustentável dessas mulheres. Que homens conscientes possam compreender que a força do feminino é o equilíbrio necessário para a salvaguarda da vida no planeta, e isso vai muito além das políticas corporativas ou governamentais de equidade de gênero.

Que nosso modelo de desenvolvimento em franca mudança, possa entender sobre o que é cuidar das condições ideais para que a vida continue e floresça, com a mesma preocupação de uma mãe que amamenta o filho, pelo amor natural que nos é instintivo e indispensável.

Mindset sustentável



Giovana Christina Frozi Soares Santos

- Entusiasta e atuante na causa de sensibilizar, disseminar, mobilizar projetos e ações para o avanço da Agenda ESG e impacto positivo nos negócios;
- Mãe do Pietro e da Rafaela;
- Profissional de Sustentabilidade no Setor Financeiro;
- Graduada em Administração de Empresas;
- MBA em Finanças Corporativas e Valor das Organizações;
- MBA em Ecossistemas de Inovação; Multiplicadora do Sistema B;
- Signatária do Capitalismo Consciente e Voluntária na Filial Regional do Rio Grande do Sul;
- Áreas de interesse: Inovação Social, Sustentabilidade/ESG, Finanças Sustentáveis; Empreendedorismo Social e Negócios de Impacto.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)



Se as coisas são inatingíveis... ora! não é motivo para não querê-las. Que tristes os caminhos, se não fora a mágica presença das estrelas!

- Mário Quintana

Há mais de 10 anos, trabalho na área de sustentabilidade. Este tema entrou em minha vida em uma busca incansável por um trabalho com propósito, que estivesse alinhado aos meus valores e, que pudesse gerar resultados efetivos ao mundo. De forma avassaladora me conquistou, me apaixonei quando entendi o seu significado, muitas peças se encaixaram e por ali quis ficar desvendando este conceito, tão complexo, profundo e que fez todo o sentido para mim.

Sim, precisamos cuidar do planeta, das pessoas. Sim, uma empresa que utiliza recursos naturais, deve preservá-los, manter sua integridade, devolver o que extraiu, responsabilizar-se pelo uso dos mesmos. Parece tão óbvio! E deve cuidar das pessoas que geram os resultados, seus colaboradores, do público que consome seus produtos, daqueles que investem recursos financeiros, da sociedade que é impactada por sua presença.

A pergunta é: Por que há tantas pessoas que não entendem isso?

Obter lucro a qualquer custo é insustentável.

Foram alguns anos lendo, estudando, pesquisando, e explorando com curiosidade muitas iniciativas, cases, referências de líderes e negócios. Também busquei capacitações em temas como sustentabilidade, impacto, empreendedorismo social, Agenda 2030, procurando avançar na compreensão, com uma sede insaciável por saber mais e mais e entender tudo isso. Venho procurando sempre levar adiante e, o principal, aplicar na prática para ver mudanças efetivas acontecendo.

Após vivências diversas, acredito que o caminho para que este conceito avance está na educação, para melhorar e até reverter modelos mentais de egoísmo e individualismo.

Na contramão, muitos já abriram os olhos e buscam trilhar caminhos alternativos, atuando em prol de melhores práticas onde estiverem, ajustando-se ao sistema, mas conseguindo promover muitas ações incríveis nas mais diversas áreas. Vejo muitas iniciativas genuínas e também há quem esteja surfando na onda das oportunidades, visando ganhar dinheiro com o tema, sem os valores do bem, necessariamente, que não tem o mindset sustentável, de quem está neste caminho para a cura da humanidade.

Eu fico feliz em ver a evolução dos movimentos do bem, diversos ao redor do mundo. Procurei me engajar em iniciativas como a Netimpact, Capitalismo Consciente, o Sistema B, a Economia Donut. Se você nunca ouviu falar, recomendo buscar informações a respeito de cada um deles.

E por estar engajada nesta rede de pessoas atuantes e iniciativas sustentáveis, diariamente testemunho acontecimentos incríveis, mudanças de paradigmas, empresas alterando suas operações de forma drástica. E cito exemplos: negócios criados para melhorar as condições insalubres de moradia em favelas, grandes corporações que destinam 100% dos lucros para causas sociais, multimilionários que assinam compromisso de abrir mão de suas fortunas após a morte, pessoas que dedicam suas horas para o voluntariado, famílias que adotam crianças que passam a ter oportunidades que jamais teriam, universidades ensinando sobre negócios de impacto e empreendedorismo social, enfim, ações das mais simples às mais complexas. Todas são importantes e necessárias.

Mas, infelizmente, estes são exemplos que representam uma minoria atuante sintonizada nesta vibe transformacional nos aspectos socioambientais. Ainda vemos ações maravilhosas e, ao mesmo tempo, na mesma empresa, erros imperdoáveis.

Contrassensos. Incoerências. A gente fica sem entender, mas é complexo mesmo, é um processo. Diante de tudo isso, ainda vejo muita luz no fim do túnel. Um passo de cada vez. Se você acredita que é preciso fazer algo, faça. E se você é líder, a sua responsabilidade é ainda maior, e, maior, também, o alcance e o impacto que promoverá.



Mas, afinal de contas, o que é o mindset sustentável?

Coloco aqui a minha própria definição: uma mente que já ampliou a consciência, ética é o mínimo, respeito sempre, fazer ao outro apenas o que gostaria que fizessem a você, ser crítico e questionar seu estilo de vida e o sistema em que vivemos, aplicar na vida pessoal e profissional estes valores, influenciar pessoas, levando adiante a mensagem que você já entendeu. É uma forma de viver que leva coisas boas por onde passa, que tem um perfil construtivo, que acredita em um mundo melhor, que tem otimismo, que mesmo diante das intercorrências, segue firme tentando encontrar mais motivos para prosseguir.

Esta causa eu adotei, claro que tenho temas dentro dela de maior afinidade, mas a disseminação em si do conceito geral me fascina, impulsionar este tema e seus desmembramentos é algo que me gratifica e eleva, sinto que tem conexão com minha essência e, assim, vou vivendo e aprendendo e me frustrando diversas vezes também. Me questionando. Vou por aqui ou por ali? Mas a determinação é grande e a cada passo, busco mais combustível para prosseguir. Parceiros de caminhada a cada dia tenho mais, encontrei minha tribo, pensei isso ao participar de um grupo de estudos, em 2020, em plena pandemia. Discutíamos a economia e suas contradições, efeitos, conceitos diversos e até mesmo os shampoos em barra, em substituição aos com embalagem plástica. Descobri nesta época que eu não era um ET, que muita gente também estava inquieta, buscando entender e fazer algo, que eu não era louca e nem radical, ao tentar mudar hábitos e práticas pessoais, enfim, muito aprendizado desde então. E quero muito mais!



Se um mundo sustentável é inatingível... ora!

Não é motivo para não querê-lo.

Que tristes os caminhos, se não fora a vontade louca de transformar e, assim, quem sabe?

Regenerar o planeta e um dia termos que ir a museus para saber como era viver na pobreza.



Gleicierle Rodrigues

- Bióloga;
- Pós-graduanda em Gestão de Projetos;
- Consultora de Negócios e de Projetos de Gestão e Valorização de Resíduos.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Inovação: Como o ramo da nutrição animal impulsiona a indústria de alimentos rumo ao ESG

A crescente demanda por práticas empresariais socialmente responsáveis, ambientalmente sustentáveis e com sólida governança (ESG), tem crescido na última década. Esse conceito prega a criação de uma aliança entre sustentabilidade ambiental, consciência social e eficiência empresarial e está remodelando as estratégias de negócios em todos os setores. Na indústria de alimentos, a inovação, pesquisa e desenvolvimento desempenha um papel crucial na adoção e avanço dessas práticas e a nutrição animal vem emergindo como um catalisador significativo. Neste artigo, exploraremos como a inovação na nutrição animal está impulsionando a indústria de alimentos em direção aos objetivos de ESG, especialmente em relação à gestão de resíduos alimentícios.

Nutrição Animal e Sustentabilidade: Uma Conexão Fundamental

A produção de alimentos enfrenta desafios cada vez maiores à medida que a população mundial cresce e os recursos naturais escasseiam. Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) em 2021 o consumo de proteína animal em específico derivados de carne suína bateu o recorde histórico no Brasil, nesse sentido a nutrição animal está no centro desse desafio, pois a demanda por proteína animal aumenta. No entanto, a maneira como os animais são alimentados não é apenas uma questão de eficiência produtiva; também tem sérias implicações para o meio ambiente e o bem-estar animal.

Reaproveitamento de Resíduos Alimentícios

Seguindo os princípios da Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), que preconiza a não geração, redução, reutilização, reciclagem e tratamento dos resíduos sólidos, as indústrias de insumos têm se voltado para o reaproveitamento de resíduos provenientes das indústrias de alimentos. Essa abordagem favorece a redução de custos, de desperdícios e o melhor reaproveitamento dos resíduos, tornando a indústria mais sustentável, adequada aos procedimentos legais, com respaldo documental e otimizada. Uma área-chave de reaproveitamento e inovação dentro do modelo de negócios de Cocriação que está na busca por ingredientes alternativos e sustentáveis para ração animal. Isso inclui o uso de subprodutos agrícolas, insetos, algas e proteínas cultivadas e de resíduos provenientes do processo produtivo das indústrias alimentícias.

Esses ingredientes não apenas reduzem a pressão sobre os recursos naturais, mas também abordam preocupações éticas sobre o uso de grãos destinados à alimentação humana na produção animal. O uso de coprodutos provenientes dos resíduos alimentícios das indústrias de massas, biscoitos, bolachas e chocolates estão sendo cada vez mais aproveitados na formulação de rações, contribuindo para a redução do desperdício e para a economia circular.

Além disso, esse reaproveitamento está alinhado para as práticas de ESG, buscando mitigar o impacto ambiental e promover a responsabilidade social.

Projetos de Gerenciamento Total de Resíduos

Algumas empresas e indústrias do setor de nutrição animal desenvolvem projetos de gerenciamento desses resíduos, comprometendo-se com a coleta e destinação adequada dos mesmos. Essas iniciativas asseguram o sigilo das informações e promovem a correta destinação e reutilização dos resíduos no processo produtivo. Isso não apenas reduz o impacto ambiental, mas também fortalece a imagem das empresas como agentes comprometidos com a sustentabilidade e a responsabilidade corporativa.

Impacto ESG: Uma Perspectiva Abrangente

Essas inovações na nutrição animal têm implicações profundas além da eficiência operacional. Elas estão alinhadas com os princípios ESG de várias maneiras:

▶ **Ambiental:**

Redução da Pegada Ambiental: Dietas mais eficientes e ingredientes sustentáveis reduzem a pressão sobre os recursos naturais, como os de soja e milho, minimizando a pegada de carbono e a poluição.

Aspectos Legais: Emissão de documentos como relatórios e certificados técnicos que envolvem a adequação às legislações vigentes que envolvem esse setor.

Conservação da Biodiversidade: O uso de ingredientes alternativos e à destinação de resíduos para nutrição animal ajuda a preservar a biodiversidade, reduzindo a necessidade de expansão agrícola em áreas sensíveis.

▶ **Social:**

Bem-Estar Animal: Dietas personalizadas, nutritivas, energéticas como práticas de criação mais sustentáveis promovem o bem-estar animal, atendendo às preocupações éticas dos consumidores.

Segurança Alimentar: Melhorar a eficiência na produção animal ajuda a garantir a segurança alimentar global, reduzindo a pressão sobre os sistemas de produção de alimentos.

Educação Ambiental: Treinamentos periódicos de modo a conscientizar toda equipe da empresa geradora sobre meio ambiente. Esse é um investimento que precisa ser regulares sobre gestão de resíduos para que a conscientização das etapas do processo ocorra.

▶ **Governança:**

Transparência na Cadeia de Suprimentos: A rastreabilidade e a transparência na cadeia de suprimentos são essenciais para garantir a qualidade e a segurança dos alimentos, promovendo uma governança sólida.

Gestão de Riscos: Abordar questões ambientais e sociais na produção animal ajuda as empresas a gerenciar riscos relacionados à reputação e conformidade regulatória.

A inovação na nutrição animal está desempenhando um papel crucial na transformação da indústria de alimentos em direção à sustentabilidade ESG. Ao otimizar a eficiência alimentar, promover o reaproveitamento de resíduos alimentícios e implementar projetos de gerenciamento total de resíduos, as empresas não apenas melhoram sua competitividade, mas também contribuem para um futuro mais sustentável e ético.

Ao abraçar essas práticas, a indústria de alimentos não apenas atende às legislações vigentes e as demandas do mercado, mas também cumpre seu papel na construção de um mundo mais consciente e responsável.



Hellen Patrícia Morais Fonseca

- 🌿 Jornalista Profissional com Especialização em Jornalismo Aplicado;
- 🌿 Mestra em Letras;
- 🌿 MBA Executivo em Gestão Empresarial;
- 🌿 Aluna de MBA em Desenvolvimento Sustentável e Economia Circular;
- 🌿 Consultora de Inovação, Marketing e Comunicação;
- 🌿 Gestora de Planejamento Estratégico;
- 🌿 Redatora.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O que antes era considerado apenas como justiça social, já é enxergado como essencial para a construção e consolidação da cultura corporativa e, principalmente, para estimular práticas inovadoras dentro da organização.

Mas como pessoas tão diferentes podem atuar colaborativamente? O segredo está justamente na diversidade, pois quando não conhecemos outros contextos, outras experiências profissionais e de vida, outros pontos de vista, tendemos a acreditar que nossa interpretação da realidade e nossas perspectivas são as ideais para todos.

Um exemplo? Uma notícia amplamente divulgada no Brasil no Dia Internacional da Mulher de 2024 gerou desconforto e indignação: a atual Comissão de Saúde, Promoção Social, Trabalho e Mulher da Câmara Municipal de São Paulo é composta apenas por homens. Durante o mês de março, a vereadora Luana Alves foi convidada a integrar temporariamente a Comissão, mas recusou o convite e justificou que o período não seria suficiente para ações substanciais.

Equidade de gênero: Pilar para a sustentabilidade financeira corporativa

Estamos cientes de que o ESG tem relação direta com a sustentabilidade financeira corporativa, uma vez que visa reduzir e mitigar riscos monetários das empresas. Entre os riscos, estão práticas ambientais impróprias e não conformidades regulatórias que podem resultar em multas, procedimentos contábeis inadequados, corrupção, problemas trabalhistas e outras situações que podem gerar perdas financeiras, desinteresse por parte de investidores e crise na reputação da companhia.

Embora também saibamos que os problemas ambientais são os desafios que geram o maior volume de punições, visto que o E está mais estruturado do que os outros dois pilares do ESG, e que a governança corporativa (G) é o alicerce fundamental do ESG, o social (S) tem sido bastante debatido recentemente.

Se considerarmos que mesmo nesses tempos recentes de grande avanço tecnológico, o que inclui os revolucionários aspectos positivos da inteligência artificial, os negócios ainda são feitos de pessoas e existem para atender pessoas. E, ultimamente, algumas empresas despertaram para o fato de que a diversidade é um maximizador da performance financeira.

O fato que ganhou manchetes em vários veículos de comunicação no Dia Internacional da Mulher pode ser considerado uma amostra da realidade corporativa, onde as mulheres são minoria, sobretudo em cargos de liderança, embora, segundo o IBGE, elas sejam mais de 50% da população brasileira e estudem mais do que os homens.

É verdade que as mulheres começaram a ter direitos no mercado de trabalho há menos de um século, a partir de 1932, e só há pouco mais de três décadas, com a Constituição Federal de 1988, foi estabelecida a igualdade de direitos e deveres de homens e mulheres e foi proibida a disparidade de salários sustentada em sexo, cor, idade ou estado civil.

Contudo, ainda não vemos a legislação ser cumprida como deveria e, quando o assunto é cargos de liderança, principalmente aqueles no topo da hierarquia corporativa (C-Level), a equidade de gêneros ainda é uma realidade distante. Segundo um estudo do Talenses Group e do Insper, o número de mulheres na presidência de empresas era de 17% em 2022.

As fotos da alta liderança da maioria das companhias ainda se assemelham à da Comissão de Saúde, Promoção Social, Trabalho e Mulher da Câmara Municipal de São Paulo, com totalidade ou maioria de homens predominantemente brancos.

Essa realidade com tão pouca diversidade pode ser justificada pela falta de competência não apenas de mulheres, mas também de negros, pessoas com deficiência, LGBTQIA+ e outros perfis sociais? Ou seria causada por um “Efeito Halo” das elites corporativas, em que o enviesamento inconsciente leva os indivíduos a atitudes tendenciosas baseadas nos ambientes que frequentam, nas experiências ao longo da vida e nas heranças culturais?

O que temos presenciado no universo corporativo é a falta de oportunidades para determinados grupos sociais em decorrência de gênero, orientação sexual, raça, religião, deficiência, origem socioeconômica e outras características.

Esse enviesamento inconsciente desperta julgamentos antecipados e sem conhecimento, generalizações e comportamentos discriminatórios sem justificativa.

Um desses vieses é o da maternidade, considerado redutor da produtividade feminina e geralmente utilizado como desculpa para a não concessão de promoções para mulheres em idade fértil. É um dos motivos do chamado degrau quebrado, situação em que, mesmo com diplomas, habilidades e experiências suficientes para a progressão na carreira, o profissional se depara com barreiras invisíveis que o impedem de progredir nas hierarquias organizacionais.

O viés da maternidade desconsidera, por exemplo, as habilidades desenvolvidas pelas mães, como a maior capacidade de notar e reagir a sinais emocionais e comportamentais de outras pessoas de forma empática e eficaz, a organização, inclusive de tempo, a escuta ativa, a disposição para aprender, o trabalho colaborativo e a liderança.

E quando o preconceito com mulheres em idade fértil acaba, começa outro: o etarismo.

De um lado, as empresas mencionam defasagem curricular, falta de energia e mais uma lista de motivos para não concederem uma promoção ou uma recolocação para mulheres antes mesmo dos 50 anos.

De outro lado, há um grande volume de profissionais maduras e empenhadas em fazer novas capacitações e inclusive transição de carreira para retornarem ao universo corporativo. É fato que elas não têm a energia da juventude, mas a experiência acumulada as capacita para serem mais resistentes ao estresse, além de terem na bagagem uma gama de erros e acertos que as preparam para encontrar novas soluções com maior rapidez e tomar decisões mais certas.

A maturidade também aprimora a inteligência emocional das profissionais, as prepara para a autêntica empatia nas relações interpessoais, sem contar que as habilita com a paciência e a qualificação necessária para liderarem e lapidarem jovens talentos.

Atentas aos grupos pouco ou nada representados nas lideranças (e agora não me refiro apenas às mulheres), há várias companhias mudando o discurso e o caminho que trilhavam, pois passaram a enxergar na diversidade e na colaboração o segredo para compreenderem melhor as pessoas, em especial os mercados consumidores, inovarem e serem financeiramente sustentáveis.

ESG – Fugindo do modismo



Isabelle Sá Sobrinho Cunha

- Internacionalista;
- Pós-graduanda em ESG e Sustentabilidade Corporativa;
- Elabora Estudos sobre ESG, Riscos e Compliance no ACI - Audit Committee Institute da KPMG Brasil.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

No mundo empresarial, de vez em quando, é comum o surgimento de jargões e temáticas que se tornam tendência. Com a crescente expansão do tema ESG é natural haver a preocupação sobre como realizar a avaliação da “qualidade” desses três pilares ofertados pelas empresas, pois cada vez mais as companhias adotam a opção de divulgar suas atividades socioambientais e seus reconhecimentos acerca do assunto. Isso acaba por ser uma via de mão dupla onde, além de resultar em benefícios para a sociedade, também auxilia na competitividade e reputação dos negócios. Porém, como diferenciar as empresas que se comprometem verdadeiramente com a sigla do momento daquelas que tendem a cair no modismo?

Para podermos responder isso cabe destacar alguns pontos importantes. O primeiro deles, e que pode ser considerado o mais significativo, é o fato de que a temática ESG é algo que deve ser pensado e considerado como uma estratégia, um modelo de negócios. É algo que deve ser desenvolvido e refletido para resultar em ações contínuas que visam o constante comprometimento da empresa a longo prazo para com as boas práticas voltadas às questões de meio ambiente, sociais e de governança corporativa. Essas ações devem estar intrínsecas e em total conformidade com o propósito da empresa, pois assim, há a garantia de continuidade e longevidade.

O segundo ponto a ser destacado é a importância da transparência para a empresa. Quando a transparência é utilizada como sendo a base de uma agenda ESG a eficácia dessa agenda é mais garantida. A divulgação dos dados, metas e métricas de uma empresa, bem como sua evolução em determinada questão associada aos pilares ESG acaba por ser um grande diferencial daquelas que apenas afirmam um fato, mas não divulgam os meios que utilizaram para chegar àqueles fins. Tornar público o caminho percorrido, as métricas aplicadas e atualizar esses dados periodicamente sinaliza que há um real comprometimento da empresa não somente em monitorar, mas também em melhorar cada vez mais os dados apontados. Dessa forma, na relação entre a empresa e todas as partes interessadas, há a geração de confiança e de solidez.

Adicionalmente, é preciso ter em mente que sustentabilidade e ESG não são a mesma coisa, suas perspectivas são distintas. Não se pode fazer a substituição de uma expressão pela outra pelo simples fato de que a “nova” sigla está em alta no mundo corporativo. ESG é algo muito mais amplo que engloba três dimensões: ambiental, social e governança. A substituição de um conceito pelo outro pode acarretar em um risco relevante para as empresas. O foco apenas na sustentabilidade em si resulta na não abrangência dos demais aspectos e, portanto, na falta de detecção das oportunidades e ameaças que podem impactar as companhias.

Ter todos esses fatores em mente pode auxiliar tanto as empresas, que têm como objetivo serem vistas com seriedade, quanto investidores e demais partes interessadas, a fazerem uma análise das oportunidades que tem como relevância serem mais competitivas, além de serem destaque no mercado. Contribuindo assim, para não caírem no modismo e em ações pontuais de curto prazo relacionadas a esse conceito.

Liderança com impacto



Jana Ricarte

- Administradora;
- Consultora Organizacional na Ricart Consultoria – Gestão, Processos & ESG;
- Especialista em Liderança Estratégica e em Consultoria em MPEs;
- Multiplicadora B;
- Colíder do Capitalismo Consciente Nordeste.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

No universo corporativo, como líder, eu tinha uma forte orientação a resultados, ponto alto na minha Avaliação de Desempenho, e durante muito tempo a prioridade foi atender às expectativas da empresa, desenvolver um bom time, estar aderente aos processos e atingir as metas.

Lembro que há dez anos, como Gerente Administrativa em uma grande empresa, junto a equipe e com gestores parceiros, lançamos um programa para conscientização dos colaboradores chamando atenção para: desperdício de alimentos, uso consciente dos recursos, ações de bem-estar e consciência ambiental. Fizemos também ações de voluntariado na comunidade. O programa se chamava Vida Consciente e na ocasião, não fazia parte das diretrizes corporativas da empresa.

Ainda lembro da integração e do entusiasmo da equipe na criação das ações, infelizmente muitas ações não puderam ser implantadas por falta de orçamento e apoio, pois não era prioridade naquele momento. Pensando agora, foi um projeto ousado, e já alinhado aos ODS (que na verdade ainda eram 8 ODMs e não era pauta na empresa), mesmo com restrições e muitas resistências, certamente trouxe impactos importantes, que talvez naquela época eu não tenha percebido.

Hoje, atuando com projetos alinhados a ESG e aos ODS, negócios de impacto socioambiental e com ações que fortaleçam principalmente a governança e as práticas sociais reforço que o papel do líder é muito mais do que alcançar os resultados pensando apenas na empresa, suas estratégias e seus processos. Não vejo como existir líder exponencial ou líder de alto impacto sem conexão com as demandas da sociedade, e isso não deve ser pensado só para grandes empresas, e a partir da alta gestão. Como na minha vivência, pode começar com pequenas ações junto às equipes, o fundamental é estar alinhado aos valores do negócio e ao Compliance (não infringir os inegociáveis).

O papel da liderança, nos últimos anos, vem sendo exigido para além das suas salas, aquários e dos muros das organizações. Antes é primordial olhar para dentro e arrumar a casa (realinhar estratégias, redesenhar processos e monitorar resultados), mas é de extrema importância olhar para o entorno e pensar em como reduzir as desigualdades, que são inúmeras. E além das desigualdades, é preciso fazer parte de uma mudança global, mesmo com ações simples e a princípio, de baixo impacto.

No capitalismo consciente, um dos pilares é a Liderança Consciente. Os líderes conscientes são responsáveis por criar valor para todos os seus stakeholders, cultivando uma cultura de confiança e cuidado, alinhado ao propósito da Organização.

No cenário atual e pensando em contribuir para a nova economia, com mudanças sistêmicas, a liderança deve se adaptar, desenvolver soft skills e promover o capitalismo de stakeholder.

Sem considerar todas as partes interessadas e sem uma visão sistêmica, a liderança continuará sendo a executora de resultados da Organização, o que é importante para atender as diretrizes e gerar sustentabilidade, principalmente financeira. A minha provocação aqui é como ser líder além dos resultados, que já são desafiadores o suficiente no dia a dia da liderança, que geralmente está “apagando incêndio” e envolvida no operacional na maior parte do tempo.

A pesquisa Panorama Liderança 2023, da Amcham e Humanizadas reflete como essas questões precisam evoluir. Apenas 27% dos respondentes consideram a Sustentabilidade e Responsabilidade Social como “ponto forte da liderança”, ficando em 8º lugar de 10 pontos relacionados. No índice sobre as “prioridades das lideranças na empresa” a questão relacionada diretamente a resultados (eficiência, produtividade) ocupa a 2ª posição e a que mais se aproxima sobre a geração de impacto positivo está na 8ª posição: Promover Sustentabilidade Ambiental e Social nas operações, sendo prioridade para apenas 34% das lideranças.

Quantos líderes você conhece que estão genuinamente comprometidos em: reduzir as desigualdades e promover a inclusão (ODS 10), promover a equidade de gênero (ODS 5), contribuir para erradicação da pobreza (ODS 1), promover a sustentabilidade nas comunidades e na produção interna (ODS 11 e 12)? Ou seja, quantos líderes você conhece que pensam em estratégias que estejam aderentes aos ODS? Que conseguem olhar além dos seus muros?

Essa reflexão diz muito do quanto nós líderes precisamos acordar para fazer parte da mudança que a sociedade precisa, contribuindo para gerar resultados e impactos socioambientais positivos.

Sigamos atentos e em busca da transformação organizacional e social! Vamos gerar impacto juntos?

Sustentabilidade é para todos?



Jaqueline Claro Polegatto

- Engenheira Ambiental;
- Consultora de Sustentabilidade.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Estamos todos no mesmo momento da história, mas não necessariamente no mesmo cenário. E esse contexto faz muita diferença na percepção que temos da nossa realidade. Segundo o filósofo Leonardo Boff, “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto”.

Sendo assim, para aqueles que vivem em regiões mais afastadas dos grandes centros, por exemplo, falar-se em conceitos “avançados” de sustentabilidade, como NET Zero ou greenwashing parece-me totalmente desconectado de seu universo, visto que essas pessoas podem conviver com situações mais primárias como disposição irregular de resíduos em lixões a céu aberto ou inexistência de tratamento de esgoto doméstico.

Esse contexto de divergências pode ser visto também dentro de uma grande cidade na qual, em áreas mais elitizadas, têm-se ambientes arborizados e limpos, porém, em áreas periféricas, os alagamentos são recorrentes e a sensação térmica muito mais intensa. E a essa desigualdade ambiental e climática intitulamos de racismo climático, ou seja, a mesma chuva atinge diferentes classes de forma desigual.

Esse desequilíbrio não está relacionado somente aos dados pluviométricos, mas ao potencial de degradação ambiental desproporcional a depender das condições de vida da pessoa. E o termo racismo deixa claro que os mais atingidos com esses impactos negativos são os grupos minoritários, como negros, mulheres e pessoas com deficiência.

Para esses, o déficit de oportunidades em educação e igualdade de condições de vida são historicamente estruturais. Então, chega-se a um ponto crucial, pois aqueles que mais são prejudicados são os mesmos que menos possuem oportunidades de formação de base para compreenderem o que está acontecendo no mundo, e, em especial, em sua realidade. Assim, é essencial, para a difusão da sustentabilidade, que todos, sem distinção de classe e cor, tenham acesso à educação de qualidade adaptada as suas diferenças culturais e regionais. Segundo o educador Paulo Freire,



Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Sendo assim, para o real acontecimento do desenvolvimento sustentável, precisamos das soluções inovadoras, mas precisamos também de pessoas engajadas nessa causa, a partir do conhecimento de sua importância para o processo. E não chegaremos a essa consciência coletiva utilizando somente terminologias em inglês ou requinte na fala.

O conhecimento é uma ferramenta para formação de pessoas críticas e, quando essa construção é falha, elas podem ser envolvidas em discursos infundados, por serem mais compreensíveis, apesar de, muitas vezes, inverídicos. Em relação a esse tema, o Relatório de Riscos Globais 2024 do Fórum Econômico Mundial considera a combinação de desinformação e desinformação como o risco mais severo para o mundo nos próximos dois anos, continuando entre os cinco maiores na próxima década.

Entre esses termos, a desinformação representa a divulgação intencional de informações falsas ou imprecisas, já a misinformação ocorre quando o conteúdo é distribuído sem que se tenha realizado uma verificação de veracidade, ou seja, é o tio do whatsapp que compartilha a fake news na rede social, achando que ela é verdadeira.

Essas formas de propagação de assuntos se comunicam, mas com atores e objetivos diversos, pois aqueles que o fazem intencionalmente tem um objetivo para tal e, em geral, tem consciência de seu ato leviano. Todavia, os que distribuem de forma não proposital, muitas vezes, acreditam no tema e ainda julgam necessário a ampla visibilidade a fim de ajudar outros nessa teia de informações descaídas.

Isso ocorre porque, em geral, o acesso ao conhecimento fundamentado não é direcionado a essas pessoas e, quando o são, estão em linguagem complexas. E, em contrapartida, a linguagem simplista, porém contestável, engaja mais, além de alienar o público-alvo.

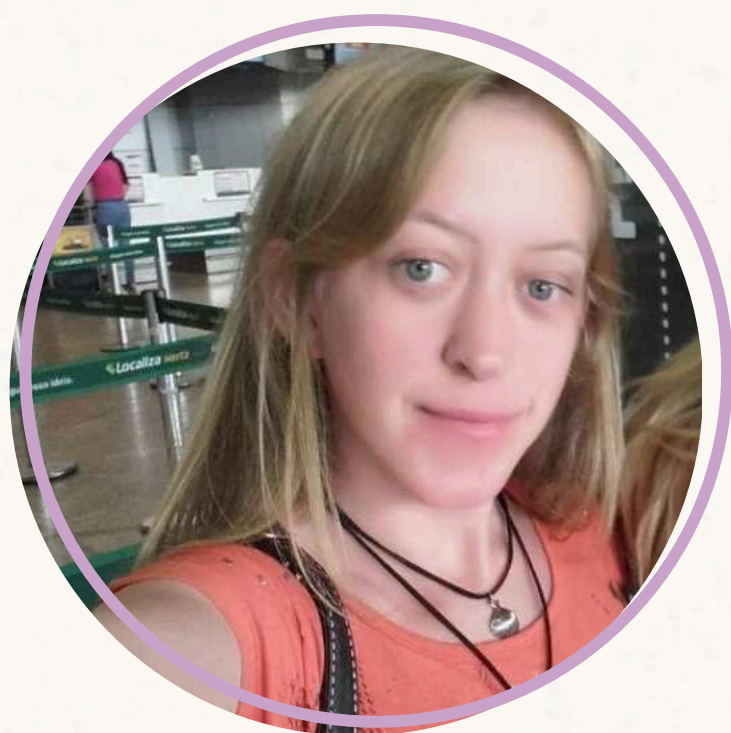
Desta forma, sustentabilidade, como já amplamente divulgado, é geração de valor e melhoria de processos nos negócios e no setor público. Todavia, é imprescindível compreender que as pessoas são parte dessa cultura e estratégia e, se não forem engajadas com acessibilidade do conhecimento, a prática do desenvolvimento sustentável jamais será possível em sua plenitude.



Juciele da Rocha Monzon

🌿 Pedagoga na área da Educação Especial.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)



Victória Walloth

🌿 Oceanógrafa;
🌿 Especialista em Gestão de Recursos Hídricos e Meio Ambiente;
🌿 Especialista em Ecologia e Sustentabilidade.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O papel da Educação Ambiental: Rumo a um futuro mais sustentável

A sustentabilidade e a educação ambiental estão diretamente relacionadas e são essenciais para promover um futuro mais equilibrado e saudável para as futuras gerações. Neste artigo, trouxemos nossos relatos pessoais de projetos dos quais participamos, evidenciando a relevância de incorporar a sustentabilidade em diversos setores na sociedade, lembrando e incentivando mais pessoas a trazerem o tema para suas cidades, escolas e eventos, conscientizando todos a sua volta a tomarem decisões que beneficiem o meio ambiente e o nosso planeta.

Trabalhar sustentabilidade por meio da educação ambiental vai além de dizer “Não jogue lixo no chão, vamos cuidar da natureza”. Há inúmeras maneiras de abordar a temática e nos lembrar da importância de inserir em nossa rotina hábitos que sejam mais sustentáveis, em diferentes contextos e esferas sociais, envolvendo a área da educação, prefeituras, ONGs, por meio de atividades, palestras, entre outros.

Apresentaremos breves relatos de projetos dos quais fizemos parte e seus resultados positivos, além de exemplos de como o reaproveitamento dos materiais descartados no nosso dia a dia podem fazer toda a diferença, promovendo conhecimento e aprendizado.

Os problemas ligados ao meio ambiente devem ser encarados com mais atenção, uma vez que a falta de solução para essas questões pode acarretar sérias consequências para nossas vidas. Por isso, é fundamental utilizar ferramentas que nos lembrem da importância de cuidar do planeta hoje para garantir um amanhã melhor.

O primeiro relato pessoal é referente à atuação como pedagoga, em projetos com crianças, jovens e adultos, dos quais participei e participo com grande dedicação e que foram e estão sendo experiências incríveis. Confeccionamos jogos de aprendizagem para desenvolver o raciocínio e a memória cognitiva, além de promover a coordenação motora fina. Também incentivamos o reaproveitamento de materiais recicláveis para criar trabalhos artísticos, como jogos e tabuleiros feitos com caixas de papelão e atividades sensoriais com tampinhas de garrafas PET.

Outra experiência que destacamos é a Colônia de Férias Sustentável, realizada pelo Instituto Escola do Mar, na Praia Bandeira Azul de Balneário de Piçarras, em Santa Catarina, entre 18 e 27 de janeiro de 2024. Ao todo, setenta e cinco crianças e adolescentes, de seis a catorze anos de idade foram inscritas para participar do projeto que teve duração de dez dias.

Entre as atividades realizadas estão a coleta de resíduos sólidos na faixa de areia, que foram posteriormente utilizados para criar quadros (arte como proposta pedagógica para criar valor ao “lixo”). Ainda foram abordados os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, bem como questões de segurança na praia, como identificação de correntes de retorno e prevenção de afogamentos.

No último dia do projeto, pudemos ver como esse período foi inesquecível para as crianças, que demonstraram entusiasmo em compartilhar com suas famílias e amigos o que aprenderam. Foram dias de ensinar e conscientizar sobre o meio ambiente, sustentabilidade e segurança na praia, mas também aprendemos muito com eles, inclusive sobre como este tipo de ação pode influenciar positivamente o futuro do planeta.

É essencial que as iniciativas de educação ambiental continuem a fomentar e realizar atividades nos mais diversos setores, para todas as idades e públicos. As experiências que apresentamos exemplificam como os resultados são positivos e capazes de gerar conscientização e reflexão em toda a sociedade, promovendo maior respeito e valorização pelo planeta em que vivemos.



Juliana D'Ávila Moura

- 🌿 Gestora Ambiental;
- 🌿 Gestora de ESG e Sustentabilidade Corporativa;
- 🌿 Pós-graduanda em ESG e Gestão Estratégica da Sustentabilidade;
- 🌿 Fundadora e Diretora da Colibrik - Consultoria em Sustentabilidade e ESG.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A ética como bússola no desenvolvimento das cidades inteligentes

O conceito de cidades inteligentes tem ganhado crescente atenção como uma resposta aos desafios urbanos contemporâneos. Essas cidades têm potencial para resolução de diversos dilemas que as cidades enfrentam atualmente, são alguns exemplos:

- **Desigualdade Socioeconômica:** Inclusão digital, programas de capacitação, acesso a serviços públicos e moradia acessível são questões que podem ser aprimoradas nas cidades inteligentes.
- **Segurança Pública:** Sistemas de vigilância e resposta a emergências mais eficazes, como câmeras de segurança inteligentes e sistemas de alerta precoce, podem melhorar a segurança pública, reduzindo o crime e aumentando a prontidão para desastres naturais.
- **Governança e Participação Cidadã:** Plataformas digitais e aplicativos podem facilitar a participação ativa dos cidadãos na governança local, permitindo que influenciem decisões políticas e forneçam feedback valioso para melhorar os serviços públicos.

A ética, por sua vez, é um conceito que acompanha a humanidade desde os seus primórdios. As primeiras sociedades humanas desenvolveram normas e valores para regular a convivência entre os indivíduos. Esses conceitos evoluíram ao longo do tempo, influenciados por diversos fatores, como a religião, a filosofia e a ciência.

A evolução do conceito de ética reflete a complexidade e a diversidade das culturas e sociedades. Nas civilizações antigas, a ética estava intrinsecamente ligada à religião. Por exemplo, na civilização egípcia, Ma'at era o conceito de ordem e justiça divina, orientando a conduta moral. Na Grécia Antiga, filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles exploraram questões éticas profundas, destacando a importância da virtude e da sabedoria na vida.

No século XX, a ética tomou novas dimensões à medida que a sociedade enfrentou desafios éticos complexos, como questões relacionadas a tecnologia, direitos humanos e ambientais. Teóricos como Albert Schweitzer, Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr. trouxeram à tona preocupações éticas relacionadas à justiça social e aos direitos civis.

No contexto das cidades inteligentes, a evolução da ética é relevante porque demonstra como a sociedade tem desenvolvido suas noções de certo e errado ao longo do tempo. A compreensão atual da ética envolve princípios de justiça, igualdade, liberdade e responsabilidade, todos fundamentais para orientar o desenvolvimento e a governança das cidades inteligentes de maneira sustentável.

O desenvolvimento das cidades também passou por diferentes fases, desde as primeiras aldeias pré-históricas até as grandes metrópoles contemporâneas. As cidades sempre foram um ambiente de desafios éticos. Compreender essa evolução é crucial para entender a importância da ética nas cidades inteligentes.

O surgimento das primeiras aglomerações urbanas conhecidas remonta a milhares de anos, como as cidades-estados da Mesopotâmia, como Ur e Uruk. Essas cidades eram centros de comércio, cultura e organização, e sua evolução estava intimamente ligada à agricultura, ao comércio e à formação de sociedades mais complexas.

A Revolução Industrial no século XIX desencadeou o êxodo rural e urbanização maciça. O século XX testemunhou a ascensão de metrópoles como Nova York, Tóquio e São Paulo. Essas cidades se tornaram centros de inovação, cultura e economia global. No entanto, a urbanização descontrolada levou a problemas como tráfego intenso, poluição do ar e falta de moradia acessível.

No início do século XXI, surgiu o conceito de "cidades inteligentes". Essas cidades buscam utilizar a tecnologia para resolver desafios urbanos, melhorar a qualidade de vida dos habitantes e promover a sustentabilidade.

No contexto das cidades inteligentes, a ética desempenha um papel vital ao garantir que o desenvolvimento tecnológico seja orientado para o bem comum, evitando a exclusão social, a vigilância excessiva e os danos ambientais.

A modernidade trouxe novos desafios éticos para a humanidade, relacionados ao desenvolvimento científico, médico e tecnológico. De acordo com Caio C. V. Machado, em sua obra CIDADE DOS ALGORITMOS: A ÉTICA DA INFORMAÇÃO NAS CIDADES INTELIGENTES: “após sua implementação, instituições e estruturas jurídicas são necessárias para identificar e corrigir vieses e danos provocados pelo emprego da tecnologia, assim como atribuir responsabilidade na cadeia de atores responsáveis pela prestação do serviço algorítmico.”

A tecnologia tem o potencial de melhorar a qualidade de vida das pessoas, mas também pode ser usada para fins ilegais e antiéticos. O desenvolvimento tecnológico sem ética pode ser desastroso para as cidades. Como disse Ana Cristina Bicharra Garcia, em: ÉTICA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: “Dados não são neutros. Eles registram decisões humanas que são processos de escolhas e tais escolhas podem estar impregnadas de preconceitos. Um sistema inteligente eficiente aprende dos dados tais preconceitos e os consolida. Mais grave ainda é que as decisões vindas da máquina vêm revestidas de mérito pela performance nas métricas matemáticas de acurácia e precisão, o que lhes confere uma pretensa aura de imparcialidade.”

À medida que as cidades se transformam em centros de inovação e progresso, é imperativo que a ética acompanhe esse avanço. Para garantir um futuro sustentável e justo, é crucial que a ética continue a evoluir e se adapte às demandas da era digital.

A ética é a base sobre a qual as cidades inteligentes e sustentáveis devem ser construídas. Ela não é apenas uma opção, mas sim uma condição essencial para assegurar que a tecnologia seja um catalisador positivo de mudanças nas áreas urbanas, beneficiando a todos os seus habitantes e preservando o meio ambiente. Portanto, a busca contínua por uma ética em evolução é fundamental para o sucesso das cidades inteligentes e da humanidade como um todo.



**Karlla Maria
Martini**

- ✔ Doutora em Políticas Públicas;
- ✔ Advogada Sênior da COPEL;
- ✔ Professora do MBA em Gestão do Setor Elétrico da Escola de Negócios da Faculdade FISUL.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O processo de licenciamento ambiental de atividades potencialmente poluidoras e a sua (inter) relação com as práticas ESG – A busca pelo desenvolvimento sustentável

A crise ambiental é o resultado, como descrito por Enrique Leff (Ecologia, capital e cultura: a territorialização da racionalidade ambiental), da racionalidade econômica que se instaurou no mundo como um núcleo duro da racionalidade da Modernidade. Isso desencadeou no imaginário economicista a ilusão de um crescimento sem limites, de uma produção infinita. A crise ambiental, por sua vez, anuncia não necessariamente o fim, mas um questionamento contundente deste projeto, à medida que remete a uma pergunta sobre o mundo, sobre o ser e o saber.

Delineado tal cenário, a partir da década de 1970 muitos países passaram a constitucionalizar a proteção socioambiental, conferindo ao meio ambiente, em termos globais, o status de direito fundamental.

No Brasil a percepção da crise e da necessidade de um tratamento especial à natureza ocorreu a partir de 1981, com a promulgação da Lei n. 6.938/81 que instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente e definiu o licenciamento ambiental como o principal instrumento a ser empregado na busca de equilíbrio entre crescimento econômico e sustentabilidade. (Auro de Quadros Machado, em Licenciamento Ambiental: atuação preventiva do Estado à luz da Constituição da República Federativa do Brasil).

Mas o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, pressuposto para a sadia qualidade da vida humana, ganhou real importância com o advento da Constituição Federal da República, promulgada em 05 de outubro de 1988.

O licenciamento ambiental tem como missão auxiliar em um grande problema que é como conciliar o desenvolvimento socioeconômico com a proteção ambiental. Para tanto, exige o reconhecimento por parte do Poder Público e do próprio empreendedor, de que o meio ambiente apresenta uma dimensão social, além da ecológica e econômica.

No interior deste debate, situado em torno da crise ambiental contemporânea, surge o ponto de intersecção entre o processo de licenciamento ambiental e as práticas ambientais, sociais e de governança (ESG), as quais podem e devem convergir na busca de processos mais sustentáveis.

O ESG tornou-se uma agenda adotada por organizações e empresas mundialmente e teve o seu nascedouro em 2004, mais especificamente na publicação “Who Cares Wins”, do Pacto Global, realizada em parceria com o Banco Mundial. A sigla representa, respectiva e literalmente, ambiental, social e governança. Trata-se da tríade a ser perseguida para o alcance do desenvolvimento sustentável. Por isso, é imperativo que o licenciamento ambiental seja conduzido à luz dos preceitos e práticas ambientais, sociais e de governança que norteiam o ESG, considerando sempre que o meio ambiente apresenta uma dimensão social, além da ecológica e econômica.

Se o licenciamento ambiental for compreendido como um instrumento constitucional, a disposição da concretização da sustentabilidade em seu sentido amplo (ambiental, social e de governança) poderá propiciar que os benefícios econômicos individuais resultantes do desenvolvimento de uma atividade empresarial, utilizadora de recursos naturais, sejam distribuídos por meio de medidas mitigadoras e compensatórias dos danos causados não somente à natureza, mas também à toda sociedade.

Como sanar a desigualdade de acesso por água?



Keli Vasconcelos

- Formada em Comunicação Social, Jornalismo;
 - Pós-graduanda em História Pública;
 - Jornalista freelancer e autora de dois livros: “Alguns verbos para o jardim de J.” (romance, 2022) e “São Miguel em (uns) 20 contos contados” (crônicas, 2014);
 - Produz textos sobre Saúde e Segurança do Trabalho e Meio Ambiente.
- [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) considerados mais importantes é o de número 6, que fala do acesso universal à água potável e ao saneamento básico. Contudo, o cenário que vemos é cada vez mais desigual, seja nas periferias das grandes metrópoles, seja nas regiões mais remotas do planeta.

Em maio de 2022, houve um evento em que o tema principal foi água e saneamento para o desenvolvimento sustentável e em seu terceiro dia, uma das sessões trouxe a discussão sobre a redução da desigualdade gerada por soluções não efetivas de saneamento em áreas de baixa renda e comunidades isoladas.

Um dos palestrantes demonstrou as ações empregadas nas regiões mais carentes em Manilla, capital das Filipinas, com um dos programas de implantação de torneiras públicas, com acesso gratuito, e palestras sobre higiene, em especial, durante a pandemia.

Outro enfatizou que, antes mesmo do Novo Marco Legal do Saneamento, aprovado em 2020, que prevê a coleta de esgoto para 90% da população no Brasil, até o fim de 2033, a Sabesp já realizava programas em localidades mais carentes, como o “De Olho da Rede”, que encaminha redes de esgoto para tratamento nas áreas chamadas informais, ou seja, de alta vulnerabilidade social, buscando aplicação de tecnologias, não só para baratear o serviço, mas também levar água às comunidades mais remotas, proporcionando qualidade de vida. Também há investimentos nas pessoas, especialmente as lideranças femininas, para entendimento das demandas comunitárias.

Também foi mencionado o caso da região metropolitana de Belo Horizonte, destacando a topografia como um dos desafios ao acesso à água (por conta da queda de pressão). Ligações clandestinas e inadimplência foram também mencionadas. Neste caso, houve conversas com a comunidade, contratação de mulheres para levar informação e incremento de novas tecnologias. Uma das inovações é a implantação de um hidrômetro que libera 20 litros/dia, dando dignidade e não deixando a pessoa sem fornecimento de água.

Por fim, um dos participantes traçou um panorama sobre captação na África. Com o diagnóstico de que quando não há um bom saneamento, não há bom acesso à água. Mais de 80% das casas na África do Sul têm acesso à água potável, contudo há ainda um gap de saneamento adequado para quase 16% da população, como ausência de tratamento de esgoto em assentamentos, por exemplo.

A África conta com muitas áreas desérticas e por meio da cooperação de universidades, empresas, fabricantes, é realizada a implantação de novos modelos de serviços. Um dos destaques de inovação foi um biorreator de membrana anaeróbica.

Áreas rurais e universalização da água

Como é alcance de água e esgoto em regiões rurais e comunidades isoladas, seja no território nacional, seja na América Latina? Essa e outras questões nortearam o quarto dia do evento.

A sessão que tratou do planejamento para a universalização do saneamento rural e de comunidades isoladas: Estado, políticas federais e as empresas privadas sob o mesmo propósito trouxe como ponto importante a percepção de grandes mudanças quando pensamos em saneamento, como a densidade demográfica, a migração para as cidades e as demandas e ações de gestão sustentável dentro das comunidades rurais.

Um modelo descentralizado, que abranja todas as pessoas, e mais clareza por parte dos governos locais, além da interação em levar informação confiável sobre higiene, acesso à água e gestão sanitária, às comunidades mais isoladas nos países da América Latina e Caribe foram itens apontados.

Outro palestrante falou das estratégias de universalização do acesso ao saneamento no Ceará, dentre elas o fomento na educação socioambiental e o destaque ficou para o sistema que envolve a participação comunitária na gestão do saneamento rural, o SISAR, que também é aplicado no Piauí, Pernambuco e Bahia, sendo reconhecido em outros países como Índia e Moçambique.

Este sistema traz inovações e tecnologias aplicadas como dessalinização, placas solares, recuperação e implantação de estações já existentes de tratamento.

Outro participante trouxe um contexto geral sobre a realidade no Panamá, com população na casa dos 4 milhões de habitantes.

“Mesmo sendo um país pequeno, vemos as enormes diferenças de acesso ao saneamento, especialmente nas áreas rurais (36%), o que engloba localidades indígenas. A disparidade é que as áreas onde há mais água, sua precipitação e disponibilidade não é igual. Ressalta-se que a definição de área rural aqui é aquela região com 1.500 habitantes, ou seja, uma com mais de 1.700 habitantes já não é considerada área rural, mas tem as mesmas ou mais dificuldades, como as de menor população. Os desafios e lacunas são ainda grandes”, pontuou o especialista.

Uma das metas é que até 2050, o Panamá tenha cobertura de saneamento e água. Um dos projetos já implantados foi levar água limpa e saneamento (inclusive latrinas) para duas mil residências rurais e indígenas.

Por fim, Marcelo Moreira, da Funasa, fez apanhado sobre o acesso ao saneamento básico, com foco nos municípios. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, em 2010 (último Censo), 8 milhões de domicílios estavam em regiões rurais. Destes, 5 milhões contavam com rede de distribuição por poços ou nascentes. A meta do Plano de Saneamento Básico (Plansab, 2014-2033), é que até 2033, o acesso a essa rede chegue a 7 milhões de domicílios. “Mas, sabemos da grande demanda. Uma das propostas da Funasa está no diálogo com os gestores municipais e ouvir as comunidades. O alcance da universalização engloba entender os sistemas de saneamento empregados e como as informações são apresentadas à população local e se ela é ouvida. Planejar, pesquisar e monitorar são essenciais”, concluiu.

Água. Esse elemento essencial nos mostra que nenhum cidadão pode ficar desassistido.



LÊNIA LUZ

- ✔ Signatária da ONU Mulheres – WEP’s (Women's Empowerment Principles);
- ✔ Fundadora da Illuminas Assessoria e Treinamentos;
- ✔ Mentora em autoliderança e liderança feminina;
- ✔ Fonoaudióloga com especializações em Psicomotricidade e Arteterapia;
- ✔ Especialista em Empreendedorismo Feminino;
- ✔ Representante exclusiva no Brasil do programa Lean In Circle;
- ✔ Certificada Internacionalmente como Chief Happiness Officer;
- ✔ Formada em Design de Conexões;
- ✔ Pós-graduada em Saúde Integral da Mulher Madura;
- ✔ Pós-graduada em ESG e Gestão Considerada pela revista PEGN – Pequenas Empresas Grandes Negócios – uma das “70 Mulheres Influentes no Empreendedorismo Brasileiro” (junho/2015), “Mentora em Liderança e Autoliderança Feminina” (abril/2020) e como referência na região Sul no trabalho realizado com mulheres com foco na gestão de carreira empreendedora e intraempreendedora (março/2023);
- ✔ Conselheira do Grupo Mulheres do Brasil.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

ESG e empoderamento feminino: O papel das empresas na promoção da igualdade e equidade de gênero

Ao ver a chamada de Daniele Ciotta no LinkedIn com o convite para participar deste projeto do e-book sobre temas inerentes ao ESG com foco na Sustentabilidade, escolhi imediatamente o tema que é norte e propósito de minha vida: Igualdade e Equidade de Gênero.

Nos últimos anos, a relevância do ESG no mundo empresarial tem crescido significativamente. Isso se deve também a uma maior conscientização sobre questões sociais, como diversidade e inclusão.

Mas aonde o empoderamento feminino entra neste S do ESG? Ele é fundamental para a promoção da igualdade de gênero e para o desenvolvimento sustentável. Mulheres empoderadas têm mais oportunidades de participar ativamente na economia, na política e na sociedade em geral, o que contribui para o crescimento econômico, a redução da pobreza e a promoção da paz e da estabilidade.

Em termos ambientais, as mulheres desempenham um papel crucial na gestão sustentável dos recursos naturais, muitas vezes sendo as principais responsáveis pela produção de alimentos e pela gestão da água e da energia em comunidades rurais. E, do ponto de vista social, a promoção do empoderamento feminino está alinhada com os princípios de inclusão e diversidade, fundamentais para a construção de sociedades mais justas e equitativas. Além disso, a participação das mulheres em todos os níveis de uma organização pode melhorar a governança e a tomada de decisão, contribuindo para a sustentabilidade e o sucesso a longo prazo da empresa.

Portanto, o empoderamento feminino não é apenas uma questão de direitos humanos e justiça social, mas também uma estratégia inteligente do ponto de vista empresarial, alinhada com os princípios de ESG e capaz de gerar impactos positivos tanto para as empresas quanto para a sociedade como um todo.

Políticas de inclusão, diversidade e igualdade de oportunidades desempenham um papel crucial no empoderamento feminino. E trago aqui, a partir de minhas escutas dentro das corporações, algumas formas pelas quais essas políticas podem promover o empoderamento feminino levando mais mulheres a cargos decisórios:

- ▶ **Oportunidades de emprego e avanço na carreira:** Garantem que as mulheres tenham acesso às mesmas oportunidades de emprego e avanço na carreira que os homens. Isso inclui políticas de recrutamento e seleção justas, avaliação de desempenho imparcial e promoção com base no mérito.
- ▶ **Equilíbrio entre trabalho e vida pessoal:** Horários flexíveis, licença-maternidade e paternidade, e creches no local de trabalho, podem ajudar as mulheres a conciliarem suas responsabilidades profissionais e familiares, permitindo-lhes avançar em suas carreiras.
- ▶ **Cultura organizacional inclusiva:** Promover um ambiente de trabalho onde as mulheres se sintam valorizadas e respeitadas. Isso aumenta a confiança das mulheres e as motiva a contribuir de forma mais significativa para a organização.
- ▶ **Liderança e mentoria:** Programas de mentoria e desenvolvimento de liderança específicos para mulheres estimulam o desenvolvimento de habilidades de liderança e aumentam a representação das mulheres em cargos de liderança, promovendo o empoderamento feminino dentro das organizações.

Mas, sabemos que assim como temos vantagens, os desafios também se apresentam na implementação de práticas no S do ESG com foco no empoderamento feminino.

Dentre elas, a viabilização de investimentos, mudança cultural, integração com estratégias de negócios, mensuração e divulgação de impacto e diversidade de contextos. E para superar esses desafios, se requer um compromisso firme por parte da liderança da empresa, bem como a colaboração de todos os níveis da organização.

Afirmo que a Sinergia (olhe mais um S aqui) entre ESG e empoderamento feminino são práticas que estão interligadas e se reforçam mutuamente. Portanto, incentivo as empresas a verem o empoderamento feminino e outras práticas inclusivas e sustentáveis não apenas como um dever moral, mas também como uma oportunidade estratégica para impulsionar o sucesso e a sustentabilidade de seus negócios a longo prazo.

E como diz bell Hooks em seu livro “Pertencimento: uma cultura do lugar”: “Precisamos homenagear o passado como um ponto de partida para que revisemos e renovemos nosso compromisso com o presente, com a criação de um mundo no qual todas as pessoas possam viver de forma plena e satisfatória, no qual todos tenham a sensação de pertencimento.”

Não adiantará “modernizar” o ESG se sua essência se perder nas ações realizadas dentro das corporações. O S ligado ao Empoderamento Feminino precisa ter a clareza do pertencimento, para ser, de fato, sustentável.



Leonor Nabais da Furriela D`Andréa

- 🌱 Mestre em Sustentabilidade;
- 🌱 Consultora em Food Service - Sustentabilidade.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Sistemas alimentares sustentáveis: Desafios e estratégias para o futuro

A sustentabilidade dos sistemas alimentares é crucial para enfrentar os desafios impostos pelo crescimento populacional e pela crise ambiental global. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, os sistemas alimentares incluem todos os atores e suas atividades interconectadas - desde a produção até o consumo e descarte de alimentos, que são essenciais para a segurança alimentar e nutricional das futuras gerações.

A transformação dos sistemas alimentares é vital para atender às metas dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU e ao Acordo de Paris. Atualmente, esses sistemas são grandes contribuintes para a perda de biodiversidade, degradação de ecossistemas, uso excessivo de água, poluição e mudanças climáticas. A necessidade de uma mudança rápida é enfatizada para garantir a resiliência e sustentabilidade frente aos desafios ambientais do Antropoceno.

Com a previsão de mais de 10 bilhões de pessoas para alimentar em 2050, é imperativo adotar dietas mais saudáveis, aumentar práticas de produção regenerativa e reduzir pela metade o desperdício e a perda de alimentos. A redução do desperdício de alimentos é essencial não apenas para alcançar os ODS, mas também para marcar a transição para sistemas alimentares sustentáveis.

No âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) estabelecidos pela ONU, o ODS 12.3 propõe especificamente a meta de cortar pela metade o desperdício de alimentos per capita no varejo e no consumo até o ano de 2030, em relação aos níveis de 2015. Para alcançar este objetivo, enfrenta-se o desafio significativo de que um terço da produção alimentar mundial é perdido ou desperdiçado em todas as etapas da cadeia de valor dos alimentos, abrangendo desde a produção agrícola até o consumo final pelo usuário.

Para desenvolver sistemas alimentares que sejam robustos e possam resistir a desafios simultâneos, tais como as alterações climáticas, a insegurança alimentar e a escassez de água, são essenciais fomentar a capacidade de adaptação e fortalecimento desses sistemas. Isso implica em uma gestão e fiscalização rigorosas de todas as etapas envolvidas na produção, distribuição e consumo de alimentos, com um foco particular na minimização do desperdício alimentar.

O desperdício de alimentos, influenciado por etapas anteriores ou posteriores na cadeia de abastecimento, deve ser analisado em todas as suas fases para identificar oportunidades de redução. Enquanto os impactos ambientais do desperdício são significativos, especialmente em países desenvolvidos durante a fase de consumo, a magnitude e a importância ambiental variam entre os países. Assim, minimizar perdas e desperdícios é vital para avançar em direção a um sistema alimentar mais eficiente e sustentável. A redução da disponibilidade de alimentos comestíveis devido às perdas e desperdícios ao longo da cadeia de abastecimento reduz a eficiência do sistema alimentar. Essas perdas ocorrem, principalmente, nas fases iniciais de produção, pós-colheita e processamento, devido a infraestruturas inadequadas, enquanto o desperdício é mais comum nas etapas finais de varejo e consumo, associado a comportamentos. Nos países em desenvolvimento, as perdas ocorrem principalmente nas etapas iniciais da cadeia, por problemas de armazenamento, transporte e clima. Já em países desenvolvidos, o desperdício é maior na fase de consumo. O Brasil apresenta desperdício significativo em ambas as etapas.

Do ponto de vista econômico, a gestão eficaz das perdas e desperdícios pode oferecer alimentos a preços mais acessíveis, beneficiando tanto produtores quanto consumidores, além de reduzir os custos associados à geração de resíduos. Ambientalmente, o descarte inadequado de alimentos contribui para a produção de gases de efeito estufa, como o metano, e o esgotamento de recursos naturais.

Socialmente, o desperdício de alimentos exacerba as desigualdades, prejudicando o combate à pobreza e à fome, ao diminuir a disponibilidade de alimentos para pessoas em vulnerabilidade.

O desperdício de alimentos é um problema global crítico, onde um estudo realizado pela FAO demonstrou que cerca de 1,3 bilhão de toneladas de alimentos desperdiçados anualmente, resultando em perdas econômicas de US\$ 940 bilhões. Nos Estados Unidos e na Europa, estudos indicam volumes significativos de desperdício, mas ainda há lacunas no entendimento das causas.

Uma ferramenta válida como referência para melhores práticas de gestão é a hierarquia de resíduos, que prioriza a prevenção do desperdício, seguida por reutilização, reciclagem, recuperação e, por último, descarte. Iniciativas como a Estratégia Intersetorial Para a Redução de Perdas e Desperdícios de Alimentos no Brasil buscam coordenar esforços para enfrentar o problema em diversos estágios da cadeia alimentar. Legislações como a Política Nacional de Saneamento Básico e a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) promove uma economia circular, tratando os resíduos como recursos secundários e incentivando a transformação de resíduos alimentares em energia ou outros materiais estabelecem diretrizes para o tratamento e destinação adequada dos resíduos, mas ainda enfrentam desafios na implementação efetiva.

A gestão adequada de resíduos alimentares é essencial para o desenvolvimento sustentável e a segurança alimentar, requerendo uma abordagem coordenada e consciente.

Em resumo, a transformação dos sistemas alimentares para um modelo sustentável requer uma abordagem holística que enfrente os desafios ambientais, promova práticas regenerativas e combata o desperdício de alimentos, assegurando a segurança alimentar e nutricional para as gerações futuras.

Vale salientar que dentro das possibilidades apresentadas na hierarquia dos resíduos, sem dúvida evitar o excesso de produção se apresenta como a melhor opção para evitar o desperdício de alimentos, sempre lembrando que alimento não é resíduo.



Leticia Guimarães de Andrade

- Bióloga;
- Bacharel em Ciências Biológicas;
- Mestre e Doutora em Biologia Vegetal.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)



Lívia Guimarães de Andrade

- Geógrafa;
- Bacharel e Licenciatura em Geografia;
- MBA em Gestão de Negócios e Mercado;
- MBA em ESG.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Aplicação do conceito ESG da educação de base ao meio corporativo

Muitos artigos e publicações abordam temas como Sustentabilidade, Ética e Transparência, Diversidade e Inclusão, Reciclagem e Meio Ambiente com a visão empresarial, governamental e contemporânea. Neste contexto, sabemos que é válido e necessário que discutamos os rumos de uma nova economia, a necessidade de mudarmos hábitos, gerirmos melhor os recursos e legislarmos sobre regulações necessárias para toda cadeia de produção e consumo, enquanto sociedade.



Mas, e quando olhamos o futuro, olhamos para quem estará no futuro?

Segundo a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente criada pela ONU, a definição de Sustentabilidade diz: "Desenvolvimento sustentável é aquele capaz de suprir as necessidades da geração atual, garantindo a capacidade de atender as necessidades de gerações futuras." Quando refletimos sobre esta definição da ONU, podemos trazer à luz dessa discussão um dos temas mais debatidos e prometidos em campanhas eleitorais por exemplo, que é A Educação como meio de Transformação Social.

Pode parecer clichê, mas a Educação sempre teve e terá papel fundamental em todas as mudanças de paradigmas na humanidade. Desde os primeiros anos escolares, é necessário trazer os temas atuais para as salas de aula, desenvolvendo uma discussão rica, baseada em casos reais de fracasso e de sucesso, pois ajuda a tangibilizar a dimensão e importância dos fatos para vida moderna. Dessa forma, usar da multidisciplinaridade, trabalhar por projetos que sejam transversais e que tragam problemáticas da 'vida lá fora', são formas de abordarmos os impactos de nossas escolhas e aguçar o senso do 'coletivo' como responsabilidade de todos.

Para tanto, deve-se observar uma composição equilibrada dos seguintes itens:

- 1) A presença de um curriculum voltado para temas ESG: Além da educação ambiental, falar de diversidade e inclusão na escola, da importância do respeito e direito de todos na sociedade e em todas as esferas.
- 2) A integração dos tópicos sobre cidadania local e mundial. Falar sobre economia circular, muito além que do que o tema reciclagem.
- 3) Ensinar o olhar para identificar potenciais parceiros para criação de projetos reais em comunidades locais que possam ser desenvolvidos temas ligados à Diversidade, Inclusão, Cidadania e Economia Circular, por exemplo.

4) Criação de comitês com pais, alunos e corpo docente para discussão de temas inerentes ao microsistema escolar ou mesmo o impacto na comunidade ao entorno.

5) Ensinar e exercitar a mensuração dos resultados dos projetos multidisciplinares desenvolvidos pelos alunos e de outras ações elaboradas pela escola, como um relatório, e com isso demonstrar aos alunos a importância da mensuração e transparência dos resultados. Isso pode trazer a ideia de que estes são pontos chave de sucesso para projetos, ações, políticas e empresas.

Dessa forma, os pontos supracitados são interessantes para desenvolver habilidades e competências nos alunos - cidadãos do futuro e futuros trabalhadores no mercado.

Onde pensamos em chegar trazendo esse tema?

Se tivermos uma formação diferente para nossas crianças e jovens hoje, todos os esforços dos indicadores Net Zero, ODSs e Agenda 2030 terão mais chances de perdurar e obter sucesso para alcançarmos suas metas.

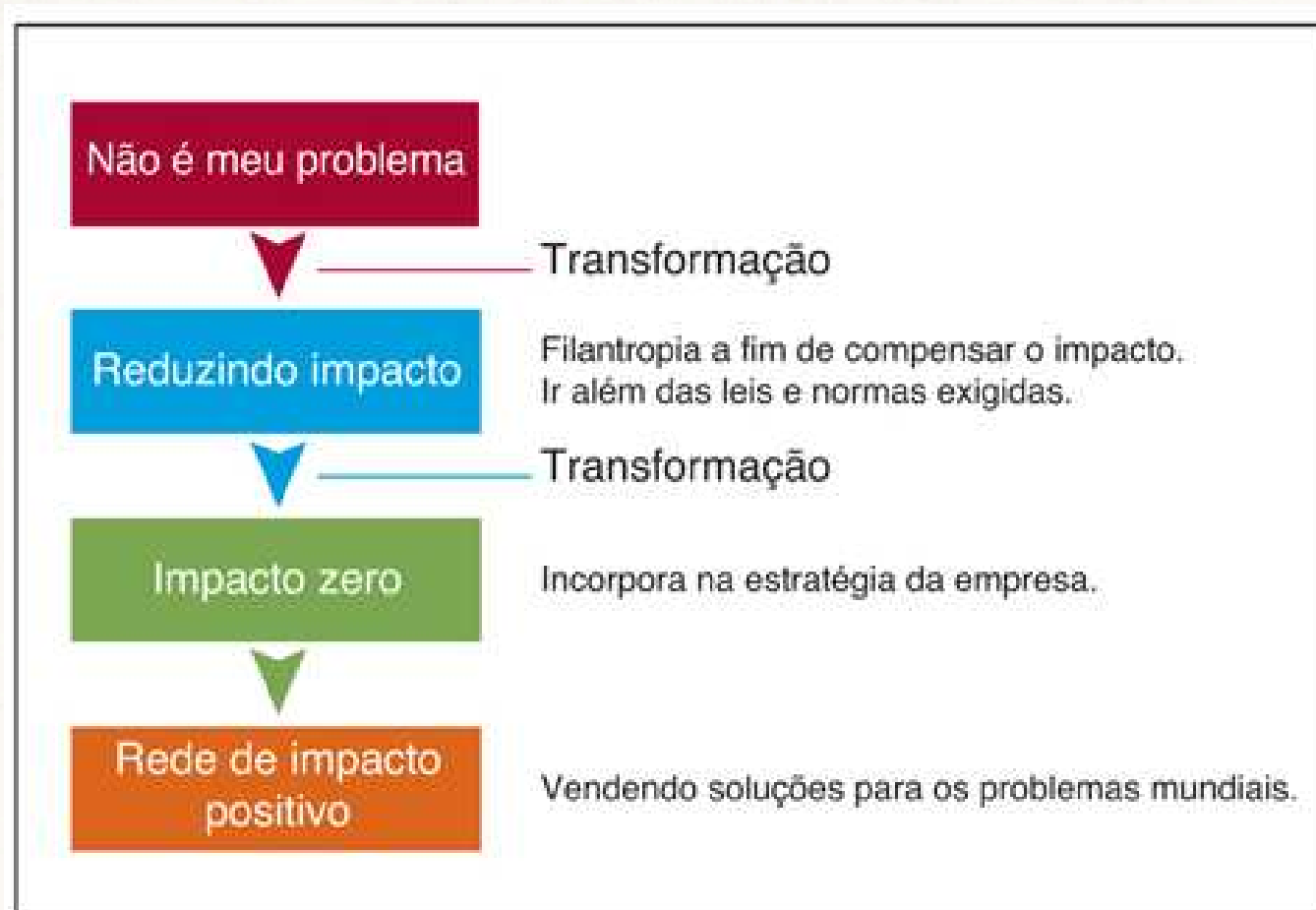
Podemos fundamentar essa percepção quando olhamos para o que Paulo Freire coloca em seu livro Educação como Prática da Liberdade de 1967 e tão atual até hoje, “uma sociedade aberta, no cenário democrático, a educação atinge patamares de tornar seus cidadãos mais críticos, logo mais conscientes e engajados”.

Buscando correlacionar as necessidades atuais de multidisciplinaridade encontramos base ainda de acordo com Paulo Freire (1967), em seu método criado quando era diretor do Departamento de Extensões Culturais da Universidade de Recife, que era trazer as práticas da Tematização e Problematização para sala de aula.

Nesse contexto, entendemos que, das escolas aos treinamentos corporativos, fazer com que os alunos (jovens e adultos) analisem os significados sociais de cada tema e passem a ter uma postura conscientizada sobre ações e impactos é cada vez mais necessário.

Assim, a educação como peça de transformação e conscientização na aplicação de escolhas sustentáveis e cumprimento das ODS, está relacionada à manutenção das empresas e que também passam por etapas de transformação e amadurecimento sobre seus métodos e estratégias. E, esse cenário, novo para muitos setores, permeia a educação corporativa, cursos de extensão, educação executiva e formação de líderes.

Segundo o WWF em seu website, Sustentabilidade e Responsabilidade Social Corporativa vem aos poucos se tornando parte da estratégia empresarial nos últimos anos. Além disso, demonstra como produção, retorno econômico e conservação estão intrinsecamente relacionadas.



Evolução Histórica da Sustentabilidade e da Responsabilidade Social Corporativa
© WWF-Brasil

No quadro apresentado pelo WWF em seu website, a evolução do tema no mundo corporativo demonstra, indiretamente, a importância da conscientização muito além das ações pontuais e do meio empresarial. Quando falamos em alcançar Redução de Impacto, Impacto Zero e Impacto Positivo, estamos falando de mudar/transformar consciências.

Para isso, as pessoas precisam vir para o mercado de trabalho com esse novo mindset, desenvolvendo lideranças com novo olhar, conhecimento e reflexão sobre a sociedade que necessita estar preparada para mudar. Assim, concluímos que, somente a Educação, desde a base até a corporativa, poderá ser o agente transformador que tanto necessitamos para um mundo mais justo social e ambientalmente.



Lívia Schoupal Gil Berrocal

- Formada em Relações Públicas;
- Pós-graduada em Planejamento Estratégico em Sustentabilidade;
- Formada em Impacto Social;
- Especialista em Sustentabilidade e Inovação Social com foco em impacto socioambiental e criação do valor social integrado à estratégia de negócio;
- Cofundadora do Coletivo Impulsionamos.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O valor da mudança: Por que as empresas devem promover transformações socioambientais reais?

O profissional da área de Sustentabilidade tem a missão de desenvolver programas de impacto social e ambiental, agregando valor à estratégia de negócio de uma marca ou de uma empresa. Acredito que a criação de uma área é essencial para a implementação e monitoramento das iniciativas de ESG (sigla em inglês para Ambiental, Social e Governança), tão importantes e complexas quanto qualquer outra parte do negócio. Infelizmente, embora muito se discuta sobre questões socioambientais, ainda estamos caminhando lentamente. Por isso, gostaria de falar sobre como podemos promover transformações socioambientais reais, alavancando a temática ESG nas empresas.

A pandemia nos fez perceber como vivíamos anteriormente - nosso trabalho, lazer, consumo e qualidade de vida em geral. O confronto com uma ameaça em escala global também nos fez olhar para a sustentabilidade do nosso planeta e refletir sobre outras possíveis ameaças e como preveni-las.

Dados da pesquisa Global Consumer Insights Pulse, publicada em junho de 2021 pela PwC (PricewaterhouseCoopers), mostraram que houve uma perceptível e irreversível reavaliação dos aspectos do processo industrial e hábitos de consumo. De acordo com o levantamento, 57% dos brasileiros passaram a optar por consumir intencionalmente itens com embalagens ecológicas ou menos embalagens, e 58% preferem escolher produtos com origem rastreável e transparente. A mais recente pesquisa Purpose Priorities Report, de 2022, diz ainda que 71% dos consumidores estão dispostos a passar a consumir produtos de uma empresa comprometida com Sustentabilidade e Propósito.

Como resultado, investidores, acionistas e funcionários estão mais conscientes e exigentes em relação às práticas de ESG.

As empresas precisam demonstrar a essas pessoas que seus produtos não só podem ser sustentáveis, mas que elas mesmas podem se desenvolver com menor impacto socioambiental. As novas gerações já não medem o valor de uma empresa apenas pelo lucro, mas também pelos benefícios que ela proporciona à sociedade e ao planeta.

Um dos principais desafios que nós, profissionais de ESG, encontramos começa pelo desconhecimento sobre esta sigla. Além de possuir seu próprio conjunto de termos e jargões técnicos, a agenda pode ser intimidadora com toda a sua diversidade e complexidade. Estamos falando de temas que vão desde a redução das emissões de carbono e a gestão dos recursos naturais até diversidade de gênero, transparência nos negócios e projetos de impacto. A implementação de iniciativas de sustentabilidade pode exigir investimentos significativos em tecnologia, infraestrutura, processos, treinamento e contratação de especialistas. Para empresas com várias prioridades estratégicas, esse passo pode parecer um desafio complexo demais.

No entanto, acredito que não devemos nos deixar desanimar por esses desafios. Eles são apenas um lembrete de que ainda temos muito trabalho a fazer para alcançar o desenvolvimento de uma proposta de negócios que seja realmente sustentável. Da mesma forma que a transformação digital alcançou todo o mundo corporativo nos anos pré-pandemia, as ações de ESG também estão se tornando cada vez mais presentes. Preparar o terreno para a implementação de práticas reais e transformadoras é um passo fundamental para as empresas que desejam continuar em crescimento e atuando em mercados cada vez mais exigentes.

Um bom primeiro passo é entender quais são as questões de sustentabilidade mais relevantes para seu setor de atuação com uma análise de materialidade. Assim, fica mais fácil determinar quais aspectos têm maior impacto no desempenho da empresa e na percepção dos públicos estratégicos, permitindo um foco mais direcionado e eficiente.

No entanto, é importante lembrar que identificar áreas de atuação não é suficiente se não houver conscientização e engajamento dos colaboradores, especialmente da alta liderança.

Conscientizá-los sobre os desafios sociais e ambientais que afligem o território brasileiro e apresentar como somos privilegiados em relação a maioria da população pode alavancar até mesmo a desafiadora, porém necessária, integração entre as práticas sustentáveis e as práticas do negócio e seus processos empresariais. Também é fundamental estabelecer metas e sistemas para coletar os dados de evolução dos programas implementados, lembrando que são processos longos e contínuos, que exigem planejamento e transparência.

É animador ver uma mudança de mentalidade da população em relação às questões sociais e ambientais. À medida que as empresas começam a se adaptar a essa (não tão) nova realidade, há um enorme potencial para criar um impacto positivo na sociedade e no meio ambiente. A "era do impacto" já está aí, e as empresas que liderarem essa transformação serão as mais bem-sucedidas e valorizadas no longo prazo.

Por que as empresas investem em sustentabilidade?



Luciana Costa Botelho Arabi

- ✦ Bacharel em Direito;
- ✦ Pós-graduada em Marketing, Responsabilidade Social e Comunicação Corporativa;
- ✦ MBA em International Management;
- ✦ Consultora ESG e Responsabilidade Social.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Passados mais de 30 anos do início da disseminação da ideia de desenvolvimento sustentável, atribuído à publicação do Relatório “Nosso Futuro Comum” ou Relatório Brundtland na década de 80, acredito que esta pergunta “por que as empresas investem em sustentabilidade?”, ainda seja latente, especialmente para os mais céticos, que acreditam que o investimento em práticas sustentáveis seria apenas uma ação de marketing.

A experiência mostrou que, claro, este tipo de abordagem existe, mas ela não se sustenta e a prática de comunicar sem ter consistência nas ações, que hoje é chamada de greenwashing, sofre escrutínio da própria sociedade e do mercado atingindo diretamente a reputação e o valor das empresas.

A comunicação das ações é importante e entendo que este tema demanda um outro artigo, mas para resumir, ela deve ser feita de forma responsável, traduzindo o que efetivamente são o propósito e o posicionamento das empresas nesta temática, tendo como referência suas práticas concretas.

Mas voltando à pergunta principal deste artigo, e eu me deparei com ela ao longo de toda minha carreira profissional, algumas ferramentas têm nos ajudado a respondê-la, tangibilizando o ganho que a sustentabilidade agrega às empresas.

As ações de filantropia ou mecenato, durante muito tempo, estiveram alicerçadas na motivação do fundador da empresa ou principal executivo e sustentavam as razões para o investimento social privado.

À medida que estas práticas alcançam as empresas de capital aberto e se consolidam como o pilar social na agenda de sustentabilidade, é esperado que essa esfera mais íntima das crenças dos fundadores ou executivos tenham novos contornos, na medida que há uma exigência, por parte do acionista, de uma demonstração mais objetiva do impacto para o negócio.

Neste contexto, as agências de rating, indicadores ligados ao mercado de ações, metodologias de reporting, começam a disponibilizar ferramentas que associam as práticas sustentáveis ao retorno para o negócio: reputação, maior valor de marca, maior valor das ações.

Empresas com boas práticas ambientais, de governança e social também passam a ser melhor avaliadas e ranqueadas em portfólios de análise de riscos, indicando para o detentor do capital melhores opções de investimento.

Mas, recentemente, essa agenda tem ganhado novos aliados.

A União Europeia publicou algumas normativas, dentre elas o CSRD, Corporate Sustainability Reporting Directive, tornando obrigatória para empresas de capital aberto, com sede nos países membro, a publicação de relatório com informações sobre os pilares social, ambiental e governança, reforçando critérios relacionados ao primeiro pilar como direitos humanos, investimento em comunidades impactadas, fomento ao desenvolvimento de fornecedores locais, além de exigir a dupla materialidade, que é a análise de impacto das empresas no ambiente e como fatores externos afetam o desempenho financeiro das organizações.

A SEC - Security Exchange Commission, comissão de Valores Mobiliários nos EUA adotou, também, regras para aprimorar e padronizar divulgações relacionadas ao clima por parte de empresas listadas em bolsa. Segundo a entidade, “as regras refletem os esforços para atender à demanda dos investidores por informações mais consistentes, comparáveis e confiáveis sobre os efeitos financeiros dos riscos relacionados ao clima nas operações de uma empresa e como ela gerencia esses riscos”.

Então, por que as empresas investem em sustentabilidade? Aos céticos, não há mais espaço para dúvida em torno da importância desta agenda. As empresas investem porque a sustentabilidade gera valor para o negócio e garante a perenidade de uma empresa. E também porque é o certo a fazer, porque gera reputação e maior competitividade.

As árvores urbanas no contexto das mudanças climáticas



Luciana Leal

- Engenheira Florestal;
 - Mestre e Doutora em Engenharia Florestal;
 - Arborista certificada pela International Society of Arboriculture (ISA);
 - Analista ambiental da Divisão de Meio Ambiente e Responsabilidade Social da Copel Distribuição S.A.;
 - Integrante do Comitê de Trabalho Interinstitucional para Análise dos Planos Municipais de Arborização Urbana no Estado do Paraná.
- [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Se em escala global ainda há incertezas para prever os impactos das mudanças climáticas, em escala local os efeitos da urbanização no clima das cidades são percebidos e documentados, destacando-se o fenômeno das “Ilhas de Calor Urbano”, áreas densamente construídas com temperaturas mais elevadas quando comparadas ao seu entorno. Em contrapartida, uma das principais estratégias para mitigar as ilhas de calor é implantar e manter as florestas urbanas, incluindo arborização de vias públicas, praças, parques e bosques, quintais de residências, dentre outras formas de presença de vegetação, gerando um resfriamento localizado na área intraurbana, as chamadas “Ilhas de Frescor Urbano”.

As árvores urbanas proporcionam serviços ecossistêmicos importantes e integram os espaços construídos e o ambiental natural, proporcionando sombra, evapotranspiração, absorção de gás carbônico e redução da poluição atmosférica, desempenhando um papel relevante na regulação do microclima urbano e conforto ambiental. Por isso, contribuem significativamente na melhoria do bem-estar e da qualidade de vida da população. Entendendo esta importância, são necessárias ações para dispor de diferentes tipologias de florestas urbanas em áreas públicas e particulares das cidades. Para isto, contudo, surgem muitos desafios, especialmente no caso da arborização de vias públicas, que será abordada neste texto.

Primeiramente, para plantio de árvores, é preciso dispor de espaço físico tridimensional disponível compatível, especialmente com espécies de grande porte, desejadas para maior sombreamento e benefícios microclimáticos. Isto evita os conflitos com outros equipamentos urbanos e proporciona melhor condição para o desenvolvimento das árvores. Considerando as dificuldades para plantio de espécies de grande porte nas ruas, deve-se buscar alternativas para a implantação de árvores, como ruas assimétricas, pequenas praças ou jardinetes e mesmo incentivo ao plantio nos quintais das residências.

Outro desafio é que espécie plantar. A escolha da árvore certa para um determinado local é determinante para obter os benefícios e objetivos desejados. Espécies comumente utilizadas para plantio em calçadas podem, com a intensificação da poluição e aumento da temperatura, tornar-se mais susceptíveis a problemas fitossanitários e, conseqüentemente, haver redução do tempo de vida das árvores. Novas espécies com características adequadas ao ambiente urbano, considerando-se a tolerância ao estresse como critério de seleção de árvores, precisam ser pesquisadas e testadas para plantio nestas condições. Certamente, considerando a grande biodiversidade dos ecossistemas brasileiros, há várias espécies nativas com potencial ornamental que poderão ser utilizadas.

Para manter árvores com saúde e vigor e compatíveis com o meio urbano e prevenir acidentes e transtornos causados por quedas de árvores, as Prefeituras Municipais deveriam executar programas contínuos de podas e de avaliação de risco de árvores. Com a intensificação dos fenômenos extremos, esperada com as mudanças climáticas, aumentam-se os riscos e custos associados a queda de galhos ou mesmo árvores inteiras em tempestades com ventos fortes. É preciso usar protocolos e estabelecer critérios de remoção e substituição de árvores para recomendações de manejo para mitigação de riscos ou monitoramento.

Todas estas questões devem ser tratadas no Plano Municipal de Arborização Urbana, documento oficial do município que descreve as ações referentes ao planejamento, implantação, manutenção, monitoramento e gestão das árvores urbanas. As ações de um plano de arborização podem servir tanto para intervir na arborização já existente, como para atuar em áreas que ainda não possuem arborização. O documento deve ser elaborado considerando as características de cada município.

No entanto, muitos municípios ainda não elaboraram seus planos ou estes foram elaborados sem correto embasamento técnico-científico. As Prefeituras Municipais necessitam ser criteriosas na contratação de serviços de elaboração e execução do Plano Municipal de Arborização Urbana. É preciso a atuação de profissionais legalmente habilitados e qualificados para atuar com o verde urbano, para o maior cuidado com o gasto de dinheiro público.

No Brasil estão em andamento projetos que incentivam a elaboração dos planos municipais de arborização urbana, como o Projeto Setorial do Ministério Público do Estado do Paraná “Arborização Urbana no Paraná”, e está em tramitação a proposição de lei de federal que instituirá a Política Nacional de Arborização Urbana. É importante também que em âmbito estadual e municipal sejam elaboradas leis que ordenem o plantio e manejo das árvores urbanas.

Ademais, é necessário citar que a população tem um importante papel na concretização de um plano de arborização urbana. Em muitos municípios, é a população que intervém e executa o plantio de árvores, porém muitas vezes atua de forma inadequada. É necessário ações de conscientização ambiental junto aos munícipes, que além da importância e benefícios das árvores urbanas, propiciem orientações técnicas e esclarecimento de atividades que podem ou não ser realizadas pela população.

Após uma tempestade, é comum crescer o número de pedidos de cortes de árvores devido ao aumento da preocupação das pessoas com acidentes com quedas de árvores. Também nas mídias, muitas vezes, são destacados mais os aspectos negativos do que positivos da arborização. É preciso atuar para uma comunicação assertiva, contribuindo para manter as árvores no ambiente urbano com segurança para a população.

Para fundamentar todas as ações abordadas, ressalta-se a relevância da pesquisa científica. Com o efeito das mudanças climáticas em escala local torna-se necessário entender ainda mais a fisiologia das árvores, o crescimento e desenvolvimento delas em condições restritivas, os efeitos das podas e outras práticas de manejo, interferência de fatores bióticos e abióticos, como maximizar os serviços ecossistêmicos, dentre outros temas.

Por fim, cabe destacar que investir na conservação e manejo das áreas arborizadas não apenas ajuda a enfrentar os desafios futuros, com as árvores tendo múltiplos papéis na mitigação e adaptação às mudanças climáticas, mas também contribui para a construção de comunidades mais saudáveis, resilientes e sustentáveis.



Marcela Aguiar Silva

- ✔ Graduada em Engenharia de Produção com ênfase em Mecânica;
- ✔ Especialista em Compliance;
- ✔ Pós-graduada em Gestão da Qualidade;
- ✔ Pós-graduanda em ESG;
- ✔ Graduanda em Direito.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Potencial completo do ESG: Além das causas ambientais e sociais, rumo à maximização do valor corporativo

Nos últimos anos tem se falado muito na sigla ESG, sempre referenciando imediatamente ao tema sustentabilidade. A crescente conscientização sobre os impactos do ESG nas organizações, e as preocupações dos stakeholders e dos consumidores é frequente. Seja por efeito manada ou pelo entendimento da necessidade de adotar as boas práticas nas organizações, é inevitável não falar sobre esta sigla e o que está ligado a ela, no contexto ambiental, social e mesmo que ainda deixado um pouco de lado, também no contexto de governança.

A propósito, a governança é um elemento chave que pode afetar o desenvolvimento e o perfil de risco das organizações, mas, mesmo assim tem sido ignorada por muitas empresas. A ManpowerGroup realizou uma pesquisa e obteve como resultado a priorização da governança em menos de 30% das organizações entrevistadas.

Governança é um conjunto de práticas, normas e processos que estabelecem como as empresas são dirigidas e controladas. As diretrizes de atuação refletem nas tomadas de decisões existentes, assim como as políticas visam garantir uma conduta transparente, responsável e ética. Portanto, somente com o uma boa estrutura do “G” de governança, que as demais siglas “E” e “S” terão sucesso em seus objetivos.

Mesmo sabendo da relevância da governança, porque o “G” tem sido menosprezado?

Os temas ambientais, aquecimento global, mudanças e disfunções climáticas, e os temas sociais de desigualdades, inclusão e outros, são muito presentes nos debates públicos, atraindo mais atenção e repercutindo diretamente na reputação das organizações, diferente da governança que é um processo interno.

Ainda que, no íntimo, a governança não deva ser subestimada pelas organizações, é preciso estratégia, planejamento e conhecimento para qualquer desenvolvimento virar prática. Um bom programa desenvolvido e praticado será o alicerce do ESG, e certamente, os resultados serão impulsionados pelas pautas sociais e ambientais abordadas.

A crescente necessidade de boas práticas focadas na sustentabilidade não pode, de forma alguma, deixar de lado a governança, que precisa de mais atenção entre essas três letras. Tendo em vista que a governança está relacionada a forma como uma empresa é administrada, envolvendo os níveis mais altos na administração, entre sócios, conselhos, comitês e outros interessados.

Toda mudança começa de dentro para fora, com conhecimento do negócio, dos pontos fortes, das vulnerabilidades e do apetite aos riscos inerentes. Bingo! É aí que começa. Conhecendo os riscos da organização que se aplica os princípios do ESG.

O ESG está intrinsicamente ligado à gestão de riscos nas organizações. As práticas de ESG visam garantir que as empresas operem de maneira sustentável, considerando os impactos ambientais, sociais e de governança em suas operações e decisões de investimento. Ao integrar um programa de ESG em suas estratégias de gestão de riscos, as empresas podem identificar e mitigar potenciais riscos associados a questões importantes, como os temas de maior atenção popular: mudanças climáticas, questões de direitos humanos, corrupção, e também a governança corporativa inadequada.

Com a valorização da governança, muitos problemas podem ser evitados no sistema organizacional das empresas, tanto pela transparência quanto pela gestão de riscos.

Além disso, uma abordagem de ESG sólida pode ajudar a fortalecer a reputação da empresa, atrair investidores responsáveis e aumentar a resiliência a longo prazo, diante de eventos disruptivos e incertezas do mercado.

Caso contrário, quando não há a valorização da governança e falta gestão de riscos, uma série de consequências negativas podem ocorrer, incluindo reputação prejudicada por meio de incidentes ambientais, e práticas ruins de direitos humanos produzindo danos significativos à reputação da empresa, afetando sua imagem e credibilidade no mercado.

Outros riscos considerados são os riscos legal e regulatório, pela falta de conformidade com regulamentos ambientais, sociais que podem resultar em multas, litígios e sanções legais, além de danos à marca e perda de licenças de operações. Impactos operacionais, falhas na gestão de riscos podem ocasionar interrupções com custos adicionais ou até mesmo fechamento de instalações, afetando a continuidade dos negócios.

A perda de talentos e engajamento dos funcionários devido a práticas deficientes de ESG podem trazer dificuldades na atração e retenção de colaboradores, além do baixo engajamento, que pode afetar negativamente a produtividade e a inovação. Assim como falta de consideração pelos impactos sociais das operações e condições de trabalho ou envolvimento em práticas injustas de fornecimento, podem levar a protestos, boicotes de consumidores e danos à relação com as comunidades locais.

Tudo isso leva diretamente aos riscos em que os investidores mais se preocupam, que são os riscos financeiros. Os investidores e acionistas estão cada vez mais atentos às questões de ESG e podem optar por retirar investimentos de empresas que não abordam adequadamente esses riscos, levando a perdas financeiras e desvalorização das ações. Ou seja, a ausência de uma gestão eficaz em programas de ESG pode trazer uma série de consequências prejudiciais que afetam não apenas as empresas, como também seus stakeholders e a sociedade em geral.

Liderança além do lucro: Inovação e pioneirismo na era do ESG



Marcela Argollo

- Formada em Administração de empresas e Ciências Contábeis;
- Professora de ESG, Governança Corporativa, Liderança Inovadora e Liderança Regenerativa e Soft Skills;
- Conselheira do Prêmio Nacional Impactos Positivos;
- Formação em Administração de empresas e Ciências Contábeis;
- MBA Finanças pela FGV e MBA Compliance, Certificação CPC-A, ESG e Managing Responsibly: Practicing Sustainability, Responsibility and Ethics, Cultura Regenerativa e Sistêmica - DDR e Psicanálise;
- Co-Autora do Livro “ESG: O Cisne Verde e o Capitalismo de Stakeholder”;
- Autora do Livro “A Arte do Equilíbrio: Alinhar-se é o melhor caminho para a Liderança Regenerativa”;
- Criadora da metodologia de Liderança Regenerativa – ALINHAR-SE.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A transição para novos modelos de negócio sob o olhar do conceito ESG requer uma abordagem inovadora sobre liderança, mais especificamente, a importância da liderança regenerativa (equilíbrio da energia masculina e feminina).

Este conceito se alinha perfeitamente com o conceito e necessidade de implementação do capitalismo regenerativo trazido por John Elkington, que possui uma visão mais holística e aprofundada de ampliação do modelo econômico tradicional que não busca somente evitar danos, mas ativamente regenerar e revitalizar os sistemas ecológicos, sociais e econômicos, quando se é sugerido um recall do triple bottom line, incluindo valores e propósito organizacional (People; Planet; Profit & Purpose).



O movimento ESG representa um despertar global para a urgência de práticas sustentáveis em todos os níveis da sociedade, especialmente no âmbito empresarial. Este quadro emergente coloca um novo desafio para os líderes: como gerir uma organização de modo que ela contribua positivamente para o meio ambiente, a sociedade e a governança interna e ainda seja viável financeiramente? A resposta está em adotar práticas que vão além da sustentabilidade, buscando regenerar o que foi degradado.

O capitalismo regenerativo surge como uma resposta a esse desafio, expandindo a visão de sucesso empresarial para além do lucro, enfatizando a regeneração dos recursos naturais, o bem-estar das comunidades, a equidade social e o desenvolvimento de um ecossistema corporativo saudável. Este modelo propõe uma nova forma de pensar e fazer negócios, que requer um tipo específico de liderança.

A liderança regenerativa, ou liderança consciente é fundamental dentro do contexto ESG e do capitalismo regenerativo, pois reflete a capacidade de liderar com uma consciência profunda do impacto das ações da empresa. Líderes regenerativos são visionários que entendem que os negócios podem ser uma força para o bem, promovendo a saúde e o bem-estar do planeta, da sociedade e da economia, possuem uma visão sistêmica, empatia e sororidade e trabalham de maneira colaborativa, têm um compromisso com a sustentabilidade, ou melhor, com a regeneração do planeta e da sociedade e estão sempre abertos a inovar e se adaptar.

A implementação dessa liderança dentro das organizações atuais exige uma transformação cultural profunda, que vai desde o reajuste de missão e valores até a alteração de práticas operacionais e de gestão, sendo um trabalho ampliado e mais aprofundado de Governança Corporativa, ou melhor, Governança Generativa. Esta transformação enfrenta resistências, especialmente em estruturas tradicionais e em setores altamente competitivos.

Contudo, a sobrevivência e o sucesso a longo prazo dos novos modelos de negócio ESG dependem diretamente da capacidade das lideranças em incorporar e viver os princípios do capitalismo regenerativo. Educando, inspirando e liderando pelo exemplo, os líderes regenerativos têm a capacidade de catalisar mudanças significativas, não apenas dentro de suas organizações, mas também na sociedade e no meio ambiente.

A liderança regenerativa é um pilar essencial para o sucesso de modelos de negócio voltados para o capitalismo regenerativo dentro do contexto ESG. Ao adotar práticas que buscam não apenas evitar danos, mas também regenerar ativamente os sistemas em que operam, as organizações podem contribuir para um futuro mais sustentável e justo.

Diversidade em pauta – Mudar de rota após os 40 anos



Marcia Moreira Yanitchkis Couto

- Administradora e Gestora de Projetos de D&I e ESG (PMI);
- Pós-graduada em Educação;
- Pós-graduanda em ESG e Sustentabilidade;
- Executiva de Diversidade e Inclusão/Program Manager/Gerente de Projetos/Consultora D&I/ Gestão estratégica.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)



É possível mudar de rota após os 40 anos? E aos 50 ou 60 anos?

Claro que sim! Só depende de você. Eu tive a oportunidade de trabalhar em duas empresas multinacionais, sendo uma o spin off da outra, onde eu pude atuar em diversas áreas diferentes e cada uma foi um desafio diferente do outro.

No início da carreira, tive que fazer muito trabalho manual e repetitivo, mas que eu compreendia o valor que tinha para a empresa. Éramos as "formiguinhas operárias" que colocavam para dentro da empresa o dinheiro do que tinha sido vendido! Uma área inteiramente dedicada ao suporte administrativo da empresa. E éramos muito bons no que fazíamos!

Desde a primeira área que passei, percebi a importância de três coisas, que me acompanharam durante TODA a minha trajetória como profissional: inovação em tudo que eu executava (como fazer melhor sempre); capacitação (estudar novas ferramentas, novos processos, novas línguas, novos conceitos); e ética (fazer o que é certo mesmo que alguém estivesse fazendo ou propondo fazer o errado).

Com o inglês, que tive a oportunidade de aprender desde pequena, novas portas se abriram. Veio então a necessidade de se aprender o espanhol e mais portas se abriram.

Tive que aprender sobre crédito e leasing, Operações e Suporte a vendas, Finanças, Gerência de Projetos, tirar minha certificação PMP, Métricas, Satisfação de Clientes, Cybersecurity, Backup, Banco de Dados e tudo de "tequiquês" para melhor atender as necessidades dos meus clientes, e por fim, terminar minha carreira nesta multinacional como Líder de Diversidade e Inclusão e também a focal de Cultura no Brasil.

Esta, sem dúvida alguma, foi a mudança de rota mais radical em toda a minha carreira e, assim como a gerência de projetos, a que mais gostei de trabalhar.

Recursos Humanos era um mundo muito diferente de tudo que eu tinha passado antes. Os temas de Diversidade e Inclusão, então, nem se fala!

E de novo, qual foi o segredo, para que tal mudança fosse bem-sucedida, bem executada e ter saído com elogios dos meus parceiros, colaboradores e líderes? Inovação, capacitação e ética!

Estou me preparando para dar mais um passo na minha carreira e estudando muito. Planejando bem os meus próximos passos e com certeza essas três palavrinhas continuarão sendo a base em qualquer nova oportunidade.

Fiz essa breve narrativa da minha carreira para vocês, para dizer que aos 50 anos quero ampliar meus horizontes e seguir a carreira em DEI e, ainda, aumentar esse meu escopo de atuação.

Por isso, tudo que você quiser aprender ou empreender, seja aos 40, aos 50 ou após os 60 anos, é possível. Claro que ter saúde para continuar produzindo e trabalhando é o requisito mais importante de todos, mas, em a tendo, todos nós podemos ser tudo que quisermos e mudar de rota mais de uma vez, inclusive.

Nós, profissionais da geração X, somos guerreiros e carregamos várias vantagens ao sermos contratados! Trabalhar e produzir sempre foi a nossa filosofia de vida. Deixávamos de lado nossos idealismos e nos dedicávamos com esmero, seja qual fosse o trabalho que nos pediam. Cultivávamos valores. Conhecemos o mundo analógico e o digital e aprendemos muito com as novas tecnologias.

Contratar profissionais, que eu chamo de sênior, é um investimento inteligente. Não estou desvalorizando outras gerações, mas valorizando a nossa geração, somos experientes e temos maturidade no mercado de trabalho.

Claro que o ambiente diverso é o melhor para a empresa, onde jovens e sênior trabalham juntos com respeito e usando o melhor que há em cada um deles. Empresas onde os sênior levam em consideração as opiniões e a formação dos mais jovens, possuem mais sucesso na tomada de decisões e na inovação.

Com o aumento da expectativa de vida média do brasileiro, além da diminuição da taxa de natalidade e mortalidade no país, vai ser cada vez mais comum a contratação de pessoas acima de 50 anos, até porque, a quantidade de jovens no Brasil vai cair e muito, já a partir de 2030.

Como escrevi em um outro artigo, há quase um ano atrás, os gráficos demográficos mostram que: hoje temos em torno de 146 milhões de pessoas entre a faixa etária de 20 a 39 anos, a maior quantidade de pessoas nesta faixa de todos os tempos. Como uma comparação para que fique mais fácil visualizar o crescimento, em 1980, a quantidade de pessoas nesta mesma faixa etária era de 73 milhões (metade do que temos hoje e sempre foi predominantemente jovem). A partir de 2030 esse número começará a diminuir, chegando a 55 milhões até 2050 (previsão). A queda será drástica!

Já entre a faixa etária de 40 a 64 anos, hoje temos 56 milhões de pessoas. Em 1980 eram apenas 17 milhões. O ponto de inversão destas faixas será por volta de 2030, quando a população entre 20 e 39 anos começará a ser menor que a população entre 40 e 64. Esta diferença aumentará progressivamente, ano a ano, e a população de 40 a 64 anos chegará a 79 milhões até 2050 (previsão).

O IBGE estima que, até 2050, 30% da nossa população terá mais que 60 anos. E um outro dado interessante é que já em 2030 teremos mais idosos que crianças no Brasil.

Portanto, senhores e senhoras de 40 anos em diante! Não se acomodem em suas cadeiras! Seja como um projeto para a aposentadoria, para ter mais satisfação profissional ou simplesmente por querer, como eu, continuar produzindo, os caminhos são possíveis, e dar o primeiro passo em busca deste objetivo, depende unicamente de você.

“

Não deixe ninguém dizer que você não pode fazer alguma coisa. Se você tem um sonho, corra atrás dele.

- À Procura da Felicidade



Maria Eduarda da Silva Lisboa Barros

- 🌿 Técnica em Segurança do Trabalho;
- 🌿 Graduada em Gestão Ambiental;
- 🌿 Especialista em Governança Corporativa Socioambiental.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Da Segurança à Sustentabilidade: Uma jornada pessoal de transição de carreira

Ao abordar a transição de carreira, existem muitos conteúdos escritos por pessoas que já conseguiram realizar a migração com sucesso, como também há diversos textos escritos por mentores e/ou psicólogos especializados na área. Quando fui instigada a elaborar um texto sobre o tema Sustentabilidade e ESG, decidi compartilhar minha visão pessoal, pois eu sou uma das pessoas que se encontra no “limbo” entre a Segurança do Trabalho e a efetiva migração para a carreira de Sustentabilidade e Meio Ambiente.

Iniciei minha jornada profissional na área de Saúde e Segurança no Trabalho em 2014, após a conclusão do curso técnico em segurança do trabalho e de estágios em grandes empresas. Atuei por cinco anos na área petroquímica, período durante o qual tive muitos desafios e oportunidades que inicialmente me levaram a escolher a formação superior em Engenharia Química, aos 23 anos.

O que não me disseram na época foram os desafios que viriam pela frente, como o deslocamento, chegando em casa muitas vezes quase à meia-noite e saindo no dia seguinte às 5h30 da manhã para a jornada de trabalho em outra cidade, planejar tempo para estudar as temidas disciplinas de cálculo, trabalhando quase dez horas por dia, além de diversos outros fatores emocionais e financeiros.

Em resumo, não houve planejamento, e após três semestres de esgotamento físico e emocional resolvi desistir do curso de engenharia. Em um primeiro momento só pensei em como as pessoas que haviam colocado tanta expectativa nas minhas decisões iriam reagir, e ignorei totalmente os meus sentimentos em relação ao que eu queria para o meu futuro.

Foi então que, em 2019, recebi uma proposta para atuar como Técnica em Segurança e Meio Ambiente em uma indústria do segmento de metal-mecânica. Lá, construí uma sólida relação de confiança e autonomia com meu gestor imediato, o que me motivou a iniciar a graduação em Gestão Ambiental, concluída em meados de 2022.

Após todos os desafios e objetivos atingidos nesta experiência, ainda faltava o reconhecimento financeiro pela minha atuação dupla em segurança e meio ambiente, uma realidade comum no mercado de trabalho. Com isso, resolvi encarar o desafio e aceitar uma proposta para atuar como técnica em segurança em uma grande empresa do segmento de refrigeração do Brasil. Fui selecionada, também, pela minha experiência ambiental, com o objetivo, segundo me informaram, de apoiar nas questões de sustentabilidade e meio ambiente. No entanto, isso acabou não acontecendo, pois, mais uma vez, as demandas de segurança do trabalho consumiam todo o meu tempo, e me senti cada vez mais desmotivada e infeliz no trabalho. Diante disso, comecei a refletir sobre quais rumos minha vida profissional estava tomando, questionando o impacto do meu trabalho na vida das pessoas, e se meus valores realmente se alinhavam à jornada profissional que eu vinha trilhando.

Foi então que a temática ESG começou a surgir com frequência nos conteúdos sobre sustentabilidade que eu recebia, despertando minha curiosidade e um interesse cada vez maior pelo assunto.

Em janeiro de 2023, me inscrevi em uma especialização em Governança Corporativa Socioambiental, e finalmente me deparei com meus valores pessoais e profissionais andando lado a lado. Decidi, então, que seguiria e me qualificaria nesse caminho em busca de uma oportunidade.

Em uma transição de carreira, a orientação e o feedback são essenciais para estabelecer uma visão clara e identificar os passos necessários para alcançá-la. Nesse processo, as lideranças desempenham um papel crucial, fornecendo insights valiosos que contribuem para aperfeiçoar a trajetória profissional. A interação entre profissionais em busca de novos desafios e líderes capacitados cria um ambiente favorável ao desenvolvimento e ao sucesso nessa jornada, gerando, inclusive, maior impacto positivo ao nosso redor.

Retorno financeiro não é tudo na vida. Precisamos cada vez mais focar em uma existência e em trabalhos que criem valor intangível, aquele capaz de impactar verdadeiramente na vida das pessoas e do qual possamos nos orgulhar genuinamente como seres humanos.



Maria Gorete Pessoa Schevchenco

- Contadora;
- Especialista em Conformidade e ESG.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Equidade de gênero e disparidade salarial

Equidade de Gênero e Disparidade Salarial são termos que estão saindo do social, do meio jurídico e das instituições de ensino e sendo difundidas no mundo corporativo de forma massiva e constante, se tornando o tema favorito em rodas de conversas, palestras, cursos e treinamentos. Mas, afinal, o que são e o que de fato muda quando usamos tais termos e aplicamos dentro das organizações?

Equidade Salarial refere-se ao princípio de proporcionar uma remuneração igual para os empregados que têm funções de trabalho semelhantes, ou seja, salário igual para trabalho equivalente – não importa o gênero, idade ou etnia do funcionário, o objetivo é assegurar que, dentro da organização, os colaboradores recebam condições de trabalho e oportunidades de progressão justas. Diferentemente da igualdade que se refere ao tratamento de forma igual, a equidade promove a justiça, removendo barreiras e cria as condições necessárias para que todos os colaboradores tenham as mesmas hipóteses de sucesso e de bem-estar.

Disparidade Salarial ocorre quando a diferença salarial não poderia ser justificada por fatores objetivos, relevantes e não discriminatórios, como posse, idade, nível de responsabilidade, tipo de função desempenhada ou porcentagem de tempo de trabalho. Comumente, ocorre em organizações que costumam pagar mais para determinados perfis como os homens em detrimento de mulheres mesmo com a ocupação de cargos iguais.

Há aquelas que ainda estão numa fase bastante inicial, convivendo com grandes diferenças de gênero, ou seja, são organizações que costumam tratar mulheres como inferiores, promovem mais homens do que mulheres de uma forma consciente ou não. Isso é importante, porque às vezes a organização não promove mais homens ou mais mulheres de uma forma consciente: simplesmente vai acontecendo. As organizações entendem como natural e, quando observamos os quadros de liderança, por acaso tem mais homens.

Optei por centralizar a análise nas questões de gênero cis no mercado de trabalho, sob a ótica da divisão sexual do trabalho, por ser meu lugar de fala. Vivemos numa sociedade que supervaloriza a figura masculina, colocando-a no centro do poder e das tomadas de decisões, enquanto as mulheres foram rebaixadas e ainda são, às atividades de cuidadora do lar e da família. Mulheres em ambientes internos e sem remuneração e homens externos e remunerados.

Ângela Davis (2016, p.228), em sua obra *Mulheres, Raça e Classe*, revela uma história surpreendente da figura da mulher na sociedade americana “Na verdade, o lugar da mulher sempre tinha sido em casa, mas durante a era pré-industrial. As mulheres eram manufadoras, fazendo tecidos, roupas, velas, sabão e praticamente tudo o que era necessário para a família. O lugar das mulheres era mesmo em casa – mas não apenas porque elas pariam e criavam as crianças ou porque atendiam às necessidades do marido. Elas eram trabalhadoras produtivas no contexto da economia doméstica, e seu trabalho não era menos respeitado do que o de seus companheiros”.

Estudos demonstram que quando as organizações fecham as disparidades salariais entre homens e mulheres, resultam em maior capacidade de a empresa entender suas consumidoras, gerir seu pessoal e maior aproveitamento de talentos. Quando há diversidade de gênero junto com a diversidade étnico-racial, os benefícios são ainda maiores. Isso porque as empresas conseguem ser mais criativas, inovadoras e desenvolvem produtos que estão mais alinhados com as necessidades dos seus clientes. As mulheres, veem sua renda aumentar, além de, maior estabilidade financeira, não apenas no presente, mas no longo prazo, refletindo inclusive em sua aposentadoria, com rendimento digno de viver uma velhice com estabilidade financeira.

No presente possibilita mais rendimento para as despesas, investimento na educação dos filhos, reformas etc.

É um efeito positivo fenomenal da busca pela igualdade de gênero no local de trabalho, assim como debates abrandam o assédio moral, a estereotipagem e a consequente limitação do papel da mulher ao de cuidadora e servidora, entre outros.

Esta redistribuição das responsabilidades de cuidado resulta em um maior senso de autoestima e bem-estar para as mulheres, além de uma mudança para um poder de barganha equalizado dentro de suas famílias. Isso porque tais responsabilidades afetam diretamente a trajetória profissional e a renda da mulher. Com mais mulheres em posições de poder e autoridade, mais homens estarão em funções de apoio ou trabalharão meio período, o que leva a um compartilhamento mais igualitário das responsabilidades de cuidado compartilhadas, e todos aprenderemos a arrancar a camisa de força dos papéis tradicionais de gênero do trabalho e da casa.

Não é fácil mudar a distribuição de poder e autoridade dentro de uma organização entre um grupo historicamente super-representado e aquele que é historicamente sub-representado. No Brasil, conquistamos recentemente nosso direito com a Lei 14.611/2023 e estamos buscando espaços mais Diversos, Inclusivos e Equitativos.



Então, de que lado da cerca você está como organização?



Marilena Lino de Almeida Lavorato

- ✔ Especialista em Marketing, Negócios, Sociologia e Gestão Ambiental;
- ✔ Vencedora do Prêmio von Martius de Sustentabilidade da Câmara Brasil Alemanha, categoria Humanidades (2013);
- ✔ Vencedora do Prêmio ABRAPS Virada Sustentável pela atuação alinhada ao ODS 17 - Parcerias e Meios de Implementação (2019);
- ✔ Idealizadora do Programa Benchmarking Brasil, Plataforma BISA e Canal Socioambiental online do Youtube;
- ✔ Colunista Portal Acionista;
- ✔ Membro do Conselho Consultivo da Associação Brasileira dos Profissionais pelo Desenvolvimento Sustentável (ABRAPS);
- ✔ Palestrante, Autora, Coautora e Organizadora de séries de livros e vídeos, artigos e papers em portais e revistas especializadas.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Sustentabilidade significa olhar para o mundo e enxergar um mar de oportunidades

Olhar o mundo com os óculos da sustentabilidade permite enxergar as imensas possibilidades de evolução que temos no horizonte. Essas lentes farão você compreender a complexidade das interconexões socioambientais, respeitar a delicadeza da vida, não apenas humana, mas de toda forma de vida que há nesse planeta. Esteja você no topo de uma grande organização, ou na base, quem aprendeu a ler os movimentos da vida com a cartilha da sustentabilidade enxergará o mundo sob o prisma da evolução e das oportunidades.

Sou uma otimista dos princípios e fundamentos da sustentabilidade que visam a garantia da perenidade não apenas dos negócios, como também da própria vida no planeta.

A sustentabilidade é generosa. Tem uma visão alargada da realidade e não se acomoda com situações que podem ser transformadas. Enxerga soluções onde muitos já desistiram. Por exemplo, quando olhamos para a desigualdade, nossa visão vai para além do desalento que tal condição impõe, focando no prejuízo que representa o desperdício de potenciais talentos que podem e devem ser combatidos com a equidade e inclusão social. Ativos que se preparados e incluídos dariam tração as economias se devidamente integrados ao sistema.

A sustentabilidade pensa grande, pensa para todos, pensa para frente, para o futuro. A sustentabilidade trabalha pela abundância e não escassez, pela longevidade e não pela extinção, pelo equilíbrio e não pela desestabilização. Age no presente para garantir o futuro. Tem um olho no hoje e outro no amanhã.

Outro exemplo clássico se dá quando olhamos para os recursos naturais exclusivamente como matérias primas utilitárias, esquecendo da complexidade de suas interconexões e dos riscos atuais e futuros de seus impactos. A ciência já alertou sobre o impacto das atividades humanas na dinâmica do clima, do solo, dos rios, da produção de alimentos.

Portanto, a opção em permanecer restrito ao seu quadrado sem entender os impactos que seu negócio causa e vice-versa é totalmente contraindicado, pois, assim agindo, seu negócio estará fadado ao fracasso. Países irão desaparecer com fenômenos climáticos, populações de refugiados ambientais vão migrar, secas extremas vão afetar produção e distribuição de alimentos, incertezas geopolíticas, e você ainda acha que nada disso vai afetar sua vida ou seu negócio?

E tantos outros exemplos que dariam uma extensa lista que estão tomando corpo e influenciando vidas, negócios e países em todos os continentes. Enxergar o meio ambiente social e ambiental como passivos e não como ativos de imenso valor que são, é um equívoco além do imenso desperdício de oportunidades e evolução. Olhar o mundo sem as lentes da sustentabilidade é estar cego para as imensas possibilidades.

A vida é feita de escolhas, e as vitórias pertencem a quem melhor uso fizer delas. As organizações são pessoas jurídicas que fazem escolhas e impactam vidas para o bem ou para mal. E nem precisa dizer, que o futuro pertencerá às organizações que optarem pelas boas práticas desenvolvidas sob as diretrizes e fundamentos da cartilha da sustentabilidade para a tão almejada perenidade que todo empreendedor ou executivo persegue. Portanto, olhar o mundo sem as lentes da sustentabilidade é estar cego para as imensas possibilidades de evolução reduzindo drasticamente seu horizonte.

As diretrizes e fundamentos defendidos pela cartilha da sustentabilidade foi o berço do tão falado ESG (Environmental, Social, Governance), que trouxe uma nova proposta sobre como fazer negócios e viver em sociedade. Uma proposta de valor compartilhado com as partes interessadas a longo prazo. Muitos países já avançaram na regulação fazendo com que tenhamos desdobramentos globais e rápidos nessa direção. São oportunidades e desafios que mudarão as pedras no tabuleiro do xadrez econômico-social de empresas e países.

Mas, como tudo que representa ruptura na forma como vinha sendo feito até então, o ESG ocupa hoje uma posição polarizada entre críticas e apoios. Algumas críticas legítimas em relação ao seu aprimoramento, o que é natural em qualquer processo em evolução, e outras nem sempre com as devidas fundamentações técnicas.

Estamos vivenciando questões de uma jornada que começou há muito tempo de olho no que impactará nosso futuro comum em relação aos negócios e a vida das pessoas. Porque ninguém, nem nenhuma empresa vive em uma bolha, imune aos impactos das conexões que estamos todos fatalmente interligados. E, em se tratando de sustentabilidade, falar menos e praticar mais é a melhor contribuição que conheço.

Esteja você onde estiver, na base ou no topo da pirâmide de uma organização, é preciso colocar as lentes da sustentabilidade e as sandálias da humildade para tomar decisões e fazer escolhas que afetarão não apenas a você e seu negócio, mas outros negócios e toda forma de vida que há no planeta. Porque o impacto de suas decisões será revertido em bônus ou ônus amanhã, a depender das suas escolhas hoje.



Mayra Collino

- ✔ Especialista em Compliance;
- ✔ Fala sobre Compliance, Direito humanos e ESG na moda;
- ✔ Pós-graduada em Direito Corporativo e Compliance;
- ✔ Bacharel em Design de Moda;
- ✔ Certificados internacionais pelas instituições SCCE (CCEP-I) e IACA;
- ✔ Certificada em GRC pela KPMG e em Compliance pela LEC - Legal, Ethics and Compliance;
- ✔ Membro do Compliance Women Committee (CWC) e ELAS no ESG;
- ✔ Vivência internacional nos Estados Unidos e China.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

ESG e os desvios de conduta na indústria da moda

Modelos, desfiles, joias, roupas de luxo, itens de moda que encantam aos olhos e movimentam a economia. Quando pensarmos na indústria da moda, nem sempre enxergamos os diferentes riscos atrelados ao segmento. Ao longo dos anos, a indústria da moda teve participação, ativa e passiva, em diversos tipos de desvios de conduta ilegais e crimes como a lavagem de dinheiro, o descarte irregular de resíduos, a degradação do solo, o suborno no processo de exportação e a obtenção de licenças de operação, o trabalho análogo à escravidão, a pirataria, a evasão fiscal, a fraude, a discriminação, o assédio moral e sexual, a extorsão sexual, a exploração irregular animal como matéria-prima e de testes na indústria de beleza. A concretização destes riscos ocorre, frequente, em empresas que não possuem uma governança corporativa ética e transparente levando a tomada de decisões erradas de negócio. Pequenos desvios de conduta no nosso dia a dia profissional podem acarretar graves consequências para as organizações, para o profissional em si e ainda maiores para a sociedade em geral como fica mais evidente em casos de tragédia ambiental como os de Brumadinho e Mariana.

A indústria da moda, com sua grande importância na economia brasileira e no mundo, tem grande responsabilidade na mudança deste cenário uma vez que seus processos impactam diretamente a sociedade.

Segundo o Índice de Transparência da Moda (2020, pp.39) da organização Fashion Revolution Brasil, houve um avanço das marcas em relação a melhoria da governança nas empresas, mas ainda segundo a pesquisa apenas 43% das sessenta marcas analisadas divulgam seus procedimentos para garantir que essas políticas sejam colocadas em prática.

Uma boa prática global de mercado que emerge entre as empresas de diversas industriais incluindo a da moda e que previne e diminui os riscos gerados, é o chamado ESG - Environmental, Social and Governance (ASG - Ambiental, Social e de Governança). De acordo com o autor Patil et al (2020), o ESG efetivo em uma empresa consiste em inserir, em sua estratégia, investimentos que levam em conta critérios de sustentabilidade em todo ciclo do produto que depende de fatores ambientais, sociais e de governança.

O conceito ESG, no âmbito empresarial, deve permear a estratégia da empresa por meio de políticas e procedimentos alinhados a sustentabilidade. Segundo o autor Pollman (2019) que descreve que tal prática está relacionada a todos os outros temas não-financeiros da empresa, mas que podem impactar financeiramente ela.

O tema se faz ainda mais importante para aquelas empresas listadas na bolsa em que os critérios ESG são cada vez mais exigidos além de atrelar a imagem e reputação da empresa. O significado de cada letra, E – S – G, na prática consiste em:

► **E – Environmental (Meio Ambiente)**

De acordo com os autores Armstrong (2020) e Patil et al (2020) são políticas internas voltadas para a conscientização de melhores processos que podem impactar áreas como mudança climática, crescimento populacional, consumo de recursos naturais como energia e água na produção, tipo e uso de matéria-prima, descarte de resíduos, entre outros. As empresas da indústria da moda que publicam sua cadeia de fornecimento segundo o Índice de Transparência da Moda (2020, pp. 48) é de apenas 43% e cai para 23% se filtrarmos para fornecedores de matéria-prima. A falta de dados relacionado aos fornecedores não permite a adequada transparência para os consumidores na hora da tomada de decisão de compra. Ainda, para o autor Patil et al (2020), como resposta, a indústria vem promovendo grandes transformações adotando a economia circular como estratégia, reuso e a reciclagem de seus produtos, redução da emissão de CO2 e outras práticas sustentáveis como atrelar o bônus dos executivos a indicadores relacionados aos tópicos de ESG, em especial a violações de meio ambiente conforme relatado no relatório de Sustentabilidade nas Empresas (2020) da B3 -Brasil Bolsa Balcão.

► **S – Social (Social)**

Segundo Armstrong (2020), o pilar social está diretamente relacionado a responsabilidade social que as empresas têm perante a sociedade. De acordo com Patil et al (2020) e Armstrong (2020), responsabilidade social é a forma com a qual a empresa se relaciona com seus funcionários, consumidores e a comunidade e, está relacionado com a forma em que demonstra seus impactos com a comunidade em que está inserida.

Este quesito tem relação direta com as políticas e práticas de direitos humanos adotadas pelas empresas com destaque a forma em que a indústria da moda vem se posicionando perante temas de diversidade, equidade, discriminação, assédio e combate ao trabalho forçado ou análogo escravo ainda muito presente nesta indústria.

► **G – Governance (Governança)**

Sobre este item, Patil et al (2020) escreve que se refere à governança da empresa e seu sistema interno de controles e procedimentos para mitigação de riscos e constante conformidade com as leis e normas. Podemos incluir aqui as práticas de compliance, que tem o objetivo de aumentar o nível de transparência e integridade nas empresas por meio de mecanismos como, por exemplo, os códigos de conduta e de ética, o canal de denúncias, as cláusulas de anticorrupção e responsabilidade social, a análise de riscos entre outros conforme explica Pollman (2019). Em tempo, questões relacionadas à ética, a anticorrupção, aos direitos humanos, ao assédio, entre outros, são alguns dos temas na pauta do compliance. Aqui, destaca-se a importância de implementar o compliance na gestão da complexa cadeia de fornecimento da indústria da moda têxtil que traz grande parte do risco de ESG. A área de compliance deve ser estratégica na empresa e estar alinhada a todas as demais áreas da empresa sendo uma aliada direta para atingir métricas de ESG verdadeiras, rumo a sustentabilidade real.



Milena Rosa

- Engenheira Eletricista;
- Pós-graduada em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global;
- Gerente de Sustentabilidade e Responsabilidade Social.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O acesso à energia como instrumento de transformação social e econômica para populações em localidades remotas

Atuando na área da Sustentabilidade com foco em Responsabilidade Social há alguns anos, tenho constantemente me deparado com os desafios das populações em localidades remotas sem acesso à energia no Brasil. O último relatório publicado pela International Renewable Energy Agency - IRENA (Agência Internacional para as Energias Renováveis), relatou que mais de 733 milhões de pessoas em todo mundo ainda permanecem sem acesso à energia nos dias atuais! Aproximadamente, dois milhões dessas pessoas estão no Brasil, sendo 750 mil pessoas na região da Amazônia Legal.

Ao todo, um bilhão de pessoas possuem energia poluente, insegura ou com baixa disponibilidade em todo o mundo.

Os desafios no Brasil são muitos, nosso tamanho territorial, populações em localidades remotas, dificuldade de acesso aos territórios, nossa multiculturalidade e suas particularidades.

Menos de 1% da população está sem acesso à energia no Brasil, mas não é por conta do baixo percentual que podemos tirar o foco desse importante gap para cobertura energética da população.

O Programa Luz para Todos (PLT), lançado pelo governo federal no final de 2003, tinha como objetivo fornecer energia sem custo para famílias residentes em áreas rurais. Mais tarde, em 2020, passou a ser Mais Luz para a Amazônia (MLA), propondo levar energia limpa e renovável às famílias que vivem em áreas remotas, com recursos da Conta de Desenvolvimento Energético (CDE).

As instalações estão a caminho, mas em uma velocidade aquém do esperado por aqueles que sofrem sem o acesso à energia.

Temos que cobrar mais fortemente por políticas públicas que acelerem esse processo de cobertura.

Após diversas idas ao território afetado e conhecendo comunidades sem acesso à energia em diferentes localidades, mudei minha percepção de como a falta desse importante recurso afeta essas famílias, no seu dia a dia e no desenvolvimento geral das pessoas e comunidades.

Fazendo uma relação com os ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, pensamos que o Acesso à Energia Limpa e Segura está conectado somente ao ODS 7, mas o impacto gerado vai muito além, existem outros pontos básicos e críticos que podemos observar:

- ▶ ODS 2 – Acabar com a Fome e ODS 3 – Saúde e Bem-estar: Armazenamento de comida (caça e pesca são salgadas para estender a possibilidade de consumo e é bem comum ver casos de pressão alta nas comunidades);
- ▶ ODS 3 – Saúde e Bem-estar: Eliminação do uso de lampiões e lamparinas, que além dos riscos de incêndio, também causam problemas respiratórios pela inalação de fumaça;
- ▶ ODS 3 – Saúde e Bem-estar: Eliminação do uso de pilhas para lanternas, que são descartadas incorretamente e que podem gerar poluição da terra e da água;

- ▶ ODS 3 – Saúde e Bem-estar: Armazenamento de vacinas, medicamentos e soros;
- ▶ ODS 3 – Saúde e Bem-estar: Atendimento médico – teleatendimento, exames, análises clínicas (como teste da malária), inalação e pequenos procedimentos;
- ▶ ODS 4 – Educação de qualidade: Funcionamento da escola - sem iluminação, recursos audiovisuais ou ventiladores e bebedouros;
- ▶ ODS 6 – Água e saneamento: Acesso a água e a água potável (bombeamento de água de poços);
- ▶ ODS 8 – Trabalho digno e crescimento econômico: Dificuldade de empoderamento econômico em geral, pois as comunidades sem acesso a energia não têm como armazenar produção refrigerada ou automatizar processos que necessitam de energia.
- ▶ ODS 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis: Falta de comunicação em emergência, falta de conectividade e inclusão digital.

Esses são alguns dos pontos observados em curtas imersões no território impactado. As comunidades precisam ser ouvidas e suas necessidades mapeadas para que as soluções atendam as reais necessidades das comunidades, não somente levando energia limpa e segura, mas apoiando o seu desenvolvimento econômico.



Uma reflexão sobre sustentabilidade



Moana Duarte Sutilo

- Engenheira Ambiental e Civil;
- Especialista em Auditoria, Perícia Ambiental e Mudanças Climáticas;
- Estudante de MBA em Gestão Estratégica de ESG;
- Coordenadora de Processos Ambientais e ESG;
- Autora do livro "Telhados Verdes: e os benefícios ao meio ambiente urbano".

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A palavra sustentabilidade deriva do verbo “sustentare”, em latim, que significa sustentar. Remete à ideia de sustentação ou simplesmente manter algo. De forma coloquial, sustentar pode ser associado a garantir a estabilidade ou, até mesmo, assegurar algo em sua essência.

Com o passar do tempo, este conceito evoluiu e disseminou interpretações usualmente relacionadas ao meio ambiente em todas as suas formas.

De fato, sustentabilidade ou “ser sustentável” significa, em sua amplitude, a garantia de que determinada ação, ambiente, área ou objeto, crie-se e sustente-se de forma sadia, sem comprometer a estabilidade do meio. Indo por este caminho, estabilidade se refere à condição de ser estável, resistindo às mudanças, perturbações e variações do meio e do entorno. Ou seja, ser sustentável é se manter sem perturbar o meio em que se encontra, podendo contribuir para o seu equilíbrio quando este se encontrar variado.

Voltando para as questões ambientais, o termo sustentabilidade ganhou destaque à medida que a preocupação global por questões ambientais e sociais aumentaram, além da necessidade do desenvolvimento econômico.

Ainda, o conceito foi formalizado e difundido por meio do Relatório de Brundtland, publicado em 1987 pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento das Nações Unidas, que trouxe a definição do Desenvolvimento Sustentável, qual seja “o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades”.

A partir do ponto acima, correlacionamos – no Brasil, ao Artigo 225 da Constituição Federal de 1988: “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”. Ou seja, o meio ambiente é direito comum para todos e desenvolver-se sustentavelmente passou a ser – aparentemente – a missão mais difícil de todas.

Partindo para a reflexão da dificuldade em se manter em curso a própria sustentabilidade, no âmago de seu conceito, tem-se que as questões sociais, ambientais e econômicas precisam estar entrelaçadas e caminhando por um objetivo comum, o que, teoricamente, parece simples.

Contudo, por muitas vezes, o meio ambiente natural como conhecemos hoje, referindo-nos ao conjunto de interações entre organismos ou comunidades de organismos vivos, condições do meio físico e interações - com destaque para a fauna e a flora - foi visto como entrave para o desenvolvimento econômico e, a relação do meio ambiente com a qualidade de vida e saúde mental não era considerada relevante e, tão pouco, estudada.

Expandir-se economicamente resultou, muitas vezes, na degradação do meio ambiente, por meio da exploração de áreas verdes naturais, da redução de habitats para a fauna, no impacto e degradação da qualidade do ar, na exploração intensa do petróleo e seus derivados e no desmatamento, que segue em níveis alarmantes e assim, tantos outros impactos ambientais negativos sufocando a sociedade e, ironicamente, comprometendo a própria economia.

Eis então a dificuldade em ser sustentável e desenvolver-se sustentavelmente. Equilibrar todos os aspectos exige dedicação de todos: governos, entidades públicas e privadas e sociedade. Porém nos deparamos com grande desigualdade social entre nações, estados e cidades, interesses extremamente difusos e princípios individuais e, um dos principais alicerces para o desenvolvimento sustentável é a educação ambiental, associada ainda à educação financeira.

Mas por que associar a educação ambiental à educação financeira? A resposta está em: se queremos trabalhar a sustentabilidade, onde há o cruzamento do meio ambiente, da sociedade e da economia, devemos entender como essas esferas se relacionam e quais os benefícios do meio ambiente para a economia e como uma boa educação financeira pode ajudar a preservar o meio ambiente.

Não é uma matemática complexa. Talvez caiba mais como uma regra de três.

Contrapondo os desafios do desenvolvimento e da educação – pilar social, para justificar ou dar peso à sustentabilidade, que por anos deixou de ser considerada importante para a subsistência de, por exemplo, uma empresa – engrenagem do poder econômico, chegamos no conceito do ESG – Environmental, Social, Governance (ambiental, social, governança), amplamente explorado atualmente pelas instituições financeiras, ganhando força no período pós-pandemia da COVID 19.

Ainda que sustentabilidade e ESG sejam distintos, sendo sustentabilidade tudo que envolve o meio e sustenta o desenvolvimento equilibrado em todos os seus pilares, não requerendo uma obrigatoriedade e sim constando de uma prerrogativa de dever, visto que um meio ambiente sadio, uma sociedade justa e uma economia positiva são direitos de todos e, que o ESG se baliza através de métricas e indicadores a serem reportados para organismos de rastreabilidade e instituições financeiras, como os bancos, a fim de validar as ações empresariais para com o meio ambiente e sociedade e subsidiar financiamentos, ações sustentáveis reais têm sido impulsionadas e cobradas no mundo corporativo e a sociedade cobra resultados.

Categoricamente, o ESG depende e deriva da sustentabilidade, o que não ocorre ao inverso quando consideramos a origem deste conceito. Por um lado, valorizar o meio ambiente, reconhecendo que dele provemos os insumos para a nossa subsistência, que dele conquistamos nossa qualidade de vida e que por ele devemos brigar, caso queiramos que nossas presentes e futuras gerações possam continuar respirando, é dar continuidade ao desenvolvimento sustentável.

Por outro lado, entender, seguir e aplicar o conceito de ESG possibilitará uma gama de ações em prol da sustentabilidade e do desenvolvimento econômico, desde que as ações sejam reais, não sendo utilizado apenas como estratégia de financiamento e marketing. Implementar o ESG é demonstrar na teoria, por meio de dados e informações, o que é feito na prática, fundamentando-se nos princípios da sustentabilidade.

E, por fim, cabe reforçar sobre a importância da educação ambiental e financeira para o desenvolvimento sustentável e, não menos importante, para a implantação e manutenção do ESG.



Nathalia Magro Octaviano Bernis

- Profissional de Responsabilidade Social Corporativa e ESG;
- Especialista em Compliance, ESG & Governança Corporativa;
- Mestranda em Management de Performance com foco em Responsabilidade Social Corporativa e Governança.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Governança responsável: A gestão estratégica do negócio através dos pilares ESG e da responsabilidade social corporativa

Uma nova visão sobre management

Dentro de um cenário global, onde fala-se sobre ESG, governança corporativa e responsabilidade social corporativa (RSC), uma questão importante se faz presente: Qual a diferença entre ESG e responsabilidade social corporativa e como esses dois conceitos dialogam na gestão estratégica do negócio?

Tanto a RSC quanto ESG visam mostrar e contribuir com a mesma coisa: a responsabilidade e o impacto das ações das empresas em relação às suas partes interessadas em um contexto financeiro e extra financeiro, gerando um negócio sustentável a longo prazo.

Ambos contribuem para a relação de transparência com as partes interessadas e sustentabilidade da organização.

Segundo definição da Universidade Wharton da Pensilvania, os pilares ESG são critérios mensuráveis da performance estratégica e demonstram o nível de desempenho e maturidade da empresa, em termos de sustentabilidade, para suas partes interessadas externas, especialmente investidores, auxiliando na tomada de decisão estratégica. A RSC, por sua vez, tem os critérios ESG como seus pilares e seu objetivo é demonstrar a responsabilidade das ações e da tomada de decisões pela empresa e seu impacto para seus stakeholders, como aplicabilidade dos objetivos do desenvolvimento sustentável no contexto estratégico empresarial.

Mas como o management e a governança se relacionam nesse contexto de forma responsável, como gestão estratégica inovadora para o negócio, ao integrar os critérios ESG, em verdadeira ruptura de paradigma?

Neste contexto, torna-se evidente que os critérios ESG e a responsabilidade social corporativa são indissociáveis da gestão estratégica atualmente. Sua análise conjunta e integração ao nível estratégico do negócio são imprescindíveis. Pensar em ESG, em gestão e governança corporativa é pensá-los de forma sistêmica e estratégica para o negócio. Gerar resultados, lucros, mas sobretudo impacto positivo, visão a longo prazo e, com isso, sustentabilidade na cadeia estratégica global.

Assim, para que haja essa integração dos critérios ESG e a responsabilidade social de empresas (RSC) à estratégia do negócio, é preciso analisá-los nos três níveis gerenciais:

- ▶ **Estratégico:** porque será a visão e os objetivos da empresa, através da integração da RSC e os pilares ESG, que vão fornecer o roteiro de durabilidade do negócio a longo prazo.
- ▶ **Político:** é aqui que haverá a governança como poder decisório, o envolvimento das partes interessadas, a formalização da estratégia.
- ▶ **Tático:** a relação próxima com os colaboradores e outras partes interessadas da empresa para entender suas necessidades e, principalmente, para que sejam integrados e envolvidos na construção da estratégia de RSE. O management sai do contexto estratégico e passa a integrar um nível de inovação organizacional.

É preciso ir ainda mais longe: tornar a responsabilidade social corporativa mais do que institucional. Vê-la como combustível de uma gestão do negócio mais responsável e, ao mesmo tempo, como o próprio condutor da estratégia e da governança: um management por meio da RSC.

Nesse contexto, ocorre uma mudança da gestão do negócio reativo e institucionalista, que responde apenas às pressões, interesses e obrigações legais e de suas partes interessadas, para um estilo de RSC que orienta a estratégia e a governança.

Portanto, para que ocorra essa transição de gestão, ou seja, de uma gestão pela RSC para uma gestão através da RSC, esta precisa ser uma prática organizacional incorporada à rotina da organização.

De acordo com uma análise realizada na França, para a empresa francesa Rougier, proposta Murielle Natascha M'BOUNA em 2021, e as fases de maturidade da abordagem de RSC proposta por H.F. Bellanger, pode-se concluir que, para que a RSC seja considerada uma prática comum, inseparável da governança e da estratégia, é necessária uma evolução da maturidade, na qual as seguintes fases do processo podem ser listadas:

I. Institucionalização da RSE na governança: O começo

- ▶ **Fase defensiva:** a governança corporativa mostra-se defensiva em relação à RSE, negando-a ou rejeitando-a;
- ▶ **Fase de reação (visão de curto prazo do negócio):** a RSC ainda é baseada em ações voluntárias, onde as empresas optam por adotar boas práticas, visando obter vantagem competitiva, responder aos desafios sociais, ambientais e de mercado (financeiros). A RSC ainda é considerada apenas como custo financeiro a curto prazo;
- ▶ **Fase obrigatória:** onde a RSC começa a aparecer nas legislações como uma obrigação de reporting extra financeiro por parte das organizações (CSRD);
- ▶ **Fase de certificação:** Como a empresa já passou pelas duas fases anteriores, ela considera estar pronta para um processo de certificação, a fim de mostrar não apenas que está em conformidade com as leis relacionadas à RSC, mas também que adotou boas práticas no contexto global. Aqui, começa a haver um compromisso estratégico da governança para realização de ações concretas e alcançar a certificação como consequência de um resultado concreto.

II. Rotinização da RSE: gerenciamento por meio da RSE

- ▶ Fase de maximização de valor e oportunidades: Neste estágio, a governança corporativa começa a identificar seus impactos sociais, ambientais junto aos econômicos (EESG) e busca minimizar o impacto material negativo, bem como maximizar os impactos positivos, tornando-os verdadeiras oportunidades pro negócio, através da RSC. A empresa vai além de seus interesses em direção à cidadania corporativa global;
- ▶ A RSC como vetor estratégico e de governança: há uma mudança na visão estratégica da empresa. A RSC passa de uma restrição para uma ferramenta estratégica e de governança. Os critérios anteriormente vistos como restrições são integrados à sua estratégia, onde gerenciamento, RSC e governança coexistem na estratégia visando principalmente um impacto positivo.

Portanto, a governança passa a ser responsável quando esta se relaciona com os critérios ESG e à responsabilidade social corporativa, integrando tais critérios às práticas de gestão (management) a fim de maximizar o valor do negócio e gerar um impacto positivo à longo prazo.

Desafios das mulheres na liderança de iniciativas de ESG e sustentabilidade



Priscila Brustin

- Bióloga;
- Especialista em Gestão Ambiental;
- Mestre em Sustentabilidade;
- Autora e Coordenadora da Certificação ODS;
- Apresentadora do Podcast Sustentabilidade Estratégica;
- Diretora na Biolist Soluções Sustentáveis;
- Coordenadora de Projetos do Movimento Nacional ODS de Maringá/PR;
- Especialista do GT Desenvolvimento Sustentável da Rede Governança Brasil em Brasília/DF;
- Líder do Climate Reality Project Brazil no Paraná.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Quero começar este capítulo compartilhando algo pessoal com você. Como mulher que trabalha há anos na área de ESG e sustentabilidade, enfrentei diversos desafios ao longo da minha jornada de liderança. E hoje, quero abordar esses desafios de forma aberta e inspiradora, na esperança de que possamos aprender e crescer juntas.

Desde os primeiros passos na carreira até os desafios mais complexos enfrentados nos altos escalões das organizações, cada etapa foi marcada por uma batalha constante contra as barreiras culturais e estruturais que moldam nosso ambiente de trabalho. Com formação em biologia, construí minha carreira em um ambiente dominado por homens, desde obras de infraestrutura em áreas remotas até mesmo em ambientes corporativos, como associações comerciais. Defender meus valores e ideias relacionados à sustentabilidade exigiu muita coragem e determinação, mas com o apoio e tendo bons exemplos femininos, foi possível superar esses desafios.

É fato que nós mulheres, no caminho rumo à liderança em iniciativas de ESG e sustentabilidade, enfrentamos barreiras culturais e estruturais nas organizações. Em um mundo onde o paradigma da liderança ainda é predominantemente masculino, muitas vezes lutamos contra sistemas e crenças que resistem à nossa ascensão. Essas barreiras não são apenas tangíveis, mas também internalizadas.

Apenas uma mulher compreende quando comentamos que mudamos o estilo de roupa para trabalhar em uma empresa específica, optando por roupas que mostram menos o corpo e tons menos chamativos, tudo para evitar se destacar entre os demais. Somente uma mulher entende, quando entramos em um ambiente, precisamos avaliar o contexto e achar segurança em expressar nossas opiniões. Cuidamos para nos relacionar com colegas de trabalho para evitar mal-entendidos sobre nossas intenções. Até mesmo diante da necessidade de um filho ou marido, nos vemos diante da difícil escolha entre continuar a trabalhar ou atender à urgência familiar. Realidades que apenas uma mulher entende.

Como consultora, muitas vezes ao chegar em um novo cliente, outras mulheres nos comunicam de quais homens devemos nos "policiar" ao conversar. Ser interrogada pela minha experiência pessoal ou até mesmo pela profissional, para atestar minhas competências é algo banal na minha vida.

Perdi a conta das vezes que tive que levar um colaborador do sexo masculino para reuniões, ou para o fechamento de um contrato, só pelo fato de demonstrar que não somos um time apenas de mulheres na consultoria. É assustador como isso faz diferença, mesmo eu sendo a diretora da empresa. Como se aquele homem ali, representasse mais profissionalismo ou seriedade em nossa equipe.

Nós mulheres somos constantemente confrontadas com estes estereótipos de gênero e preconceitos que nos limitam a papéis secundários, minando nossa capacidade de influenciar decisões estratégicas, especialmente aquelas relacionadas à sustentabilidade. E um dos principais obstáculos que enfrentamos é o viés de gênero, que pode distorcer a percepção de nossas capacidades e competências. Como, por exemplo, subestimar ou menosprezar o valor do trabalho realizado por mulheres, mesmo quando é igual ou superior ao dos homens; ou a velha percepção de que as mulheres são menos comprometidas com suas carreiras devido à possibilidade de engravidar e cuidar dos filhos. Estes estereótipos que ainda prevalecem, criam barreiras para nossa ascensão e prejudicam nossa influência na tomada de decisões relacionadas ao ESG.

Além disso, a ausência de representatividade feminina nos altos escalões das organizações é um desafio persistente. A sub-representação das mulheres em cargos de liderança limita nossa capacidade de influenciar políticas e práticas empresariais, incluindo aquelas relacionadas à sustentabilidade. Muitas vezes, somos excluídas de círculos de influência e tomada de decisões, resultando em uma falta de apoio e mentoria para o avanço profissional. De acordo com a Fundação Getúlio Vargas, de 2012 a 2022, houve um aumento de menos de 2% de mulheres em cargos de gerência, e as maiores remunerações continuam sendo recebidas pelos homens. Sem uma presença significativa de mulheres nos processos decisórios, enfrentamos dificuldades para garantir que nossas perspectivas e prioridades sejam adequadamente consideradas.

Atuando como consultora em ESG e trabalhando diretamente com a alta direção das organizações, posso afirmar que esse cenário está longe de mudar. Ao avaliar a maturidade ESG de nossos clientes, não nos surpreendemos ao constatar que a alta gestão é predominantemente composta por homens. Mesmo em empresas familiares, essa realidade ainda persiste. As esposas e filhas dos fundadores frequentemente não participam da direção da empresa e, quando o fazem, ocupam cargos tradicionalmente associados às mulheres, como financeiro ou gestão de pessoas, ou são subordinadas em cargos de liderança.

Apesar desses desafios, estamos buscando nos destacar e quebrar esses estereótipos estabelecidos. Mas como fazer isso, sem um autojulgamento? Quantas vezes você já controlou o pensamento ou sua voz para evitar conflitos? Como podemos promover a sustentabilidade e falar de ESG se sentimos que não somos ouvidas? A resposta está na inclusão. À medida que mais mulheres ocupam posições de liderança e demonstram sua competência e comprometimento, as organizações estão começando a reconhecer o valor da diversidade de gênero em suas fileiras.

À medida que conquistamos nosso lugar de direito nas lideranças, trazemos conosco uma visão diferenciada e valiosa, que pode impulsionar a agenda de sustentabilidade para frente. Para superar esses desafios, é de extrema importância criar um ambiente inclusivo e igualitário, onde as mulheres sejam valorizadas e respeitadas como líderes. Isso requer o combate ativo aos estereótipos de gênero e a promoção da diversidade nos altos escalões das organizações. Se uma organização diz ter uma estratégia ESG, e não respeita estes valores, de fato ela vive um greenwashing estrutural.

Portanto, é essencial reconhecer que, ao enfrentarmos esses desafios, nós mulheres não estamos apenas avançando em nossas carreiras, mas também promovendo uma mudança significativa no meio corporativo e na sociedade como um todo. É crucial que continuemos a nos apoiar e capacitar outras mulheres em suas jornadas de liderança, fornecendo as oportunidades necessárias para prosperarem.

Que esta reflexão sirva como um lembrete do poder e da importância que nós mulheres temos nas lideranças de iniciativas de ESG e sustentabilidade, inspirando a todas nós a continuar trabalhando juntas para construir um mundo melhor para as gerações presentes e futuras.

O despertar para a agenda ESG



Rafaella Gobbo

Graduada em Letras;
Pesquisadora de Literatura e Social Media.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)



Rayssa Mendes

Mestre em Ciências Sociais;
Pesquisadora e Empreendedora Social.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)



**O mundo está acordando.
E a mudança está chegando,
quer você goste ou não.**

- Greta Thunberg

Daremos início a esse texto a partir desta citação de Greta Thunberg, proferida na Cúpula do Clima da Organização das Nações Unidas.

É possível recordar com clareza a força de suas palavras ditas para uma plateia de pessoas que há muito tempo não tinham a idade de Greta Thunberg.

Nesse discurso, Greta criticou fortemente os líderes mundiais pela inação em relação à crise climática. Thunberg expressou sua indignação com a falta de ação concreta para combater as mudanças climáticas, repetindo por diversas vezes a frase "Como vocês se atrevem?!".

O seu discurso urgente marcou muitos e muitas ao redor do mundo, porque falar sobre crise climática e sobre a inação de lideranças globais e corporativas não é falar somente a respeito do meio ambiente, mas, também, sobre como os impactos das ações dessas mesmas lideranças e corporações bilionárias estão degradando o planeta.

Sim, a crise climática está relacionada às ações predatórias e irresponsáveis de empresas. De várias maneiras sutis, antes da crise climática existe toda uma cadeia de ações – ou inações – que sustenta o que vivemos hoje.

A paz não está segura sem um desenvolvimento inclusivo e sustentável que não deixe ninguém para trás.

- **António Guterres**

Não é novidade que a crise climática é resultado das ações predatórias, voltadas somente para o lucro. Mas essas ações predatórias serão a nossa ruína se não agirmos, segundo os relatórios climáticos. Essa ruína se estende a várias áreas: desde o meio ambiente até no modo como as empresas criam suas relações com seus funcionários, clientes e partes interessadas.

O caso mais flagrante é o de uma vinícola nacional, a qual ostentava o selo “Great Place to Work” (GPTW) e foi denunciada por estar sustentando, por meio da sua cadeia de fornecedores, trabalho análogo à escravidão.

O selo GPTW é garantido por uma organização global de consultoria que avalia e reconhece empresas com base na cultura organizacional, práticas de gestão de pessoas e satisfação dos funcionários. As empresas que recebem este selo são reconhecidas por criar ambientes de trabalho positivos e inclusivos. Irônico. Para dizer o mínimo.

Outra vinícola, também envolvida em casos de trabalho análogo à escravidão, era signatária do Pacto Global da ONU – um compromisso firmado por empresas com intuito de seguir dez princípios que contribuem para o desenvolvimento sustentável e para a promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. Outra ironia.

Poderíamos nos estender na lista de empresas que cometem social washing – e até mesmo greenwashing –, que é o nome apropriado para essas práticas no contexto dessas certificações e selos, o que nos leva a um próximo ponto.

Os dois casos de social washing mencionados mostram uma triste verdade: mesmo com as certificações, as empresas não encabeçam um monitoramento contínuo de suas ações e tampouco são cobradas por isso.

Monitorar e acompanhar os seus próprios indicadores traz impactos positivos a qualquer empreendimento, pois garante consistência e assertividade nas ações corporativas. Mercados externos se fecham para empresas que não praticam o acompanhamento minucioso de suas ações – e esse fechamento é sentido nos rendimentos da corporação e, em última instância e dependendo do tamanho da organização, no âmbito econômico regional.

Um dos prejuízos que se avizinham é a provável retirada do selo GPTW garantido a uma das empresas e a saída do Pacto Global da ONU pela outra. Sem mencionar a retaliação e ameaças de boicote por parte dos consumidores.

Vejam, as ações predatórias dessas duas empresas geraram muitos impactos negativos. Indo na contramão das tendências do mercado, ambas sofreram e ainda irão sofrer as consequências financeiras de suas ações irresponsáveis e não-sustentáveis.

O que nos resta, então?



Nossa convicção de investimento é que os portfólios integrados com a sustentabilidade e clima podem proporcionar melhores retornos ajustados ao risco para os investidores.

- **Larry Fink**

A famosa carta de Larry Fink aos CEOs de uma das maiores gestoras de ativos do mundo, teve um impacto significativo nas estruturas de pensamento das empresas e reverberou em todo o mundo corporativo de várias maneiras.

Ele enfatiza em sua carta a importância da sustentabilidade e da responsabilidade corporativa, instando as empresas a considerarem não apenas os retornos financeiros, mas também o impacto de suas operações no meio ambiente, na sociedade e o modo como organizam a sua governança – quando ela existe. Daí o surgimento da sigla ASG ou, no inglês, ESG.

O chairman e CEO enfatiza: a criação de valor sustentável a longo prazo depende da abordagem holística dos desafios ambientais, sociais e de governança. É mais do que urgente integrar a agenda ESG às estratégias de negócios das empresas.

Fink incita as empresas a divulgarem informações claras e precisas sobre suas práticas ESG. Ele garante: ao permitir que os investidores avaliem o desempenho não financeiro das empresas de maneira mais abrangente, as consequências chegarão em cifras monetárias – isto é, em lucros.

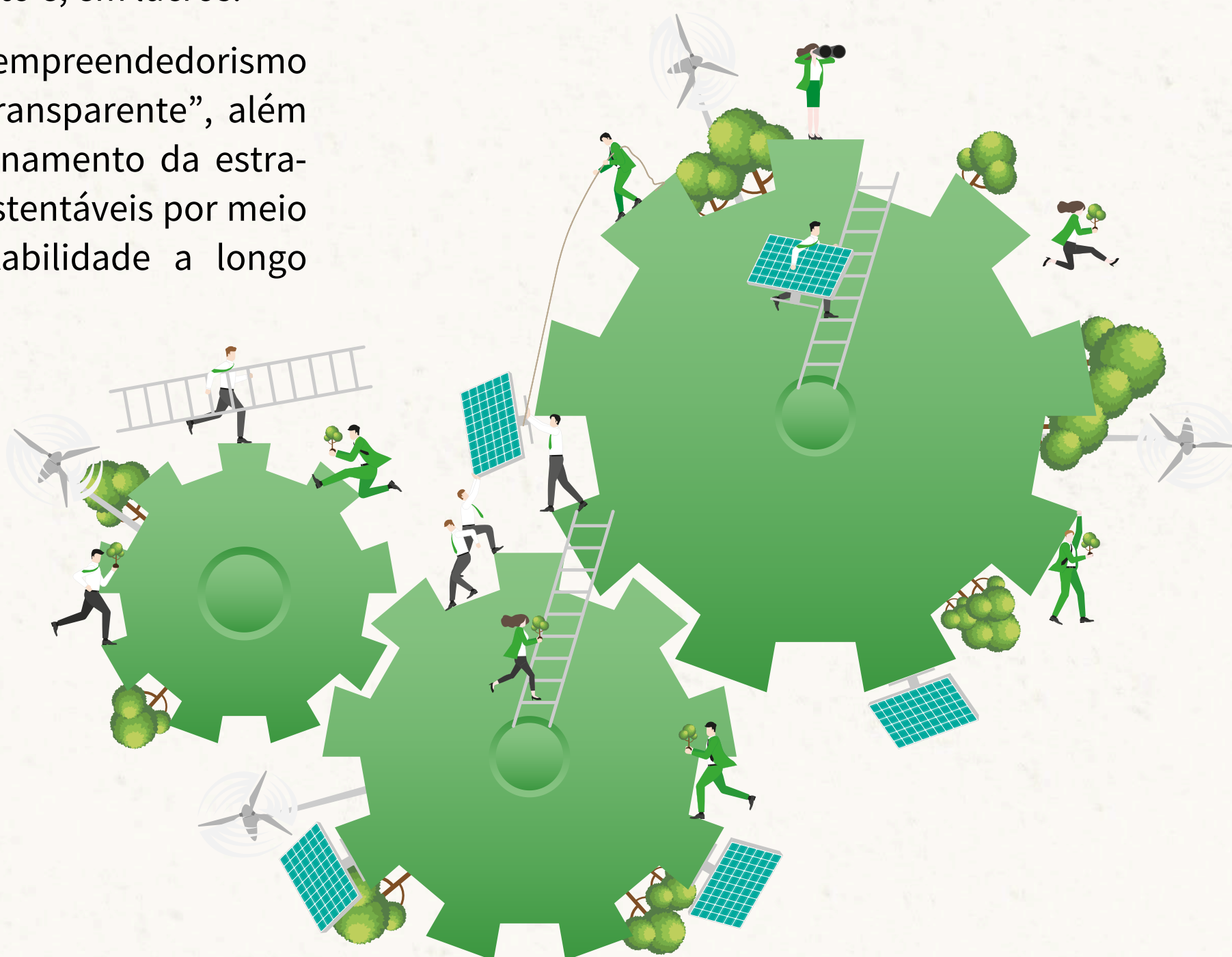
Larry Fink fala, ainda, em “empreendedorismo responsável” e “capitalismo transparente”, além de discorrer sobre o redirecionamento da estratégia corporativa a práticas sustentáveis por meio de uma perspectiva de rentabilidade a longo prazo.

Em outras palavras, empresas responsáveis geram um mundo melhor, pois criam uma relação menos predatória para com sociedade e meio ambiente. A demanda por atitudes sustentáveis, alinhadas à agenda ESG, vêm de diversos setores: tanto dos consumidores quanto das partes interessadas – como acionistas, investidores e comunidades.

E qual foi a primeira consequência gerada pelo posicionamento de Larry Fink?

Bem, a influência de uma das principais investidoras institucionais do mundo fez com que outras empresas e investidores prestassem atenção às suas recomendações, criando uma pressão adicional para que adotassem práticas sustentáveis e alinhadas com os princípios ESG.

E uma parte do empresariado já compreendeu: ser uma empresa responsável, transparente e socioambientalmente comprometida é algo lucrativo. Resta, portanto, pôr a agenda em prática e fazer desse debate um paradigma de atuação e compromisso das empresas.



“Mas filha, por que Geografia?”



Rebecca Rigotti Cavalcante

- Geografia com ênfase em Análise Ambiental e Geoprocessamento;
- MBA em Digital Business;
- Especialista em ESG na Rodobens.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Hoje, com 28 anos e atuando como profissional de ESG, reflito muito sobre a minha trajetória na sustentabilidade, como cheguei aonde estou, quais escolhas fiz, será que tomei as decisões certas?

Pois bem, utilizarei esse espaço para contar um pouquinho da minha história.

Em 2020, me graduei em Geografia, tanto no bacharelado quanto na licenciatura e sempre me questionei e fui questionada sobre a atuação de profissionais que se formam em áreas da base nacional de ensino, dentro do ambiente corporativo.

“Geógrafa? Vai ser professora?”

“Acredito que suas opções no mercado de trabalho sejam limitadas, a academia é o seu lugar”.

“Nunca vi nenhuma empresa contratar um geógrafo, você não vai passar em nenhum processo seletivo”.

É desmotivador não conseguir conectar sonhos, objetivos e expectativas, ainda mais se tratando de sustentabilidade, que por mais que seja um tema com várias décadas de história, começou a ganhar relevância e tração em decorrência da pandemia da COVID-19.

E foi então que uma jovem que produzia mapas, ia para o meio do mato, e era apaixonada por gestão de resíduos, entendeu que um caminho viável para entrar no universo empresarial, seria através dos programas trainee, afinal grande parte das empresas não estavam restringindo nenhum curso de graduação nas candidaturas. Após aplicar para mais de 100 vagas de trainee durante dois anos, construir cases sobre ESG nos processos e me preparar cada vez mais para me destacar nas etapas, meu sim chegou e eu me tornei uma trainee com foco 100% em implantar a estratégia de ESG e realizei o sonho de trabalhar com sustentabilidade dentro do meio corporativo.

Em 2024, refletindo sobre a minha jornada em sustentabilidade, percebo que ao longo desse tempo, adquiri mais maturidade no tema e acumulei uma série de conquistas profissionais, incluindo uma promoção para especialista em ESG, conclusão de um MBA em Digital Business, participação de cursos sobre negócios na Harvard Business Publishing e sobre ESG na Cambridge Judge Business School, além de ter executado projetos socioambientais de impacto, adquiri experiência em ESG dentro do setor financeiro e do varejo, realizei três mentorias sobre desenvolvimento de carreira, recebi convites para palestras e conquistei uma premiação em ESG.

Observando esta trajetória, entendo que estou em um caminho que faz com que eu me apaixone mais pela área a cada dia, e que as dúvidas que eu tinha lá no começo podem ser respondidas com uma simples frase: “Eu amo trabalhar com ESG, porque eu trabalho com propósito. Um propósito compartilhado entre pessoas, empresas, comunidades, governos e países.”

E hoje, quase 10 anos depois, ainda me lembro de quando meu pai questionou: “Mas filha, por que Geografia?” E minha resposta foi simples: “Pai, eu gostaria de trabalhar com algo que impacte o meio ambiente e a sociedade, quero fazer a diferença”. E cá estou, grata por tudo que aprendi e curiosa com o que ainda virá.

A carreira em ESG abraça diversos tipos de profissionais, enfatiza a importância da diversidade de histórias e experiência e faz com que tenhamos uma visão que contempla os efeitos que as relações humanas em sociedade causam entre si e nos ecossistemas. Por fim, abre muitas oportunidades para qualquer pessoa que tenha o objetivo de superar a realidade atual através de ações de impacto genuíno e sustentáveis.

ESG urbano: Uma visão para além das corporações



Renata Aponte

- Advogada;
- Especialista em Direito Ambiental e Urbanístico;
- Especialista em Direito do Ordenamento, do Urbanismo e do Ambiente.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A abordagem ESG tem sido regularmente relacionada às boas práticas corporativas de condutas mais sustentáveis, socialmente conscientes e com gestões transparentes e corretas a fim de integrá-los a geração de valor econômico. Podemos compreender essas iniciativas como o entendimento do mundo pelas novas gerações. Além da expressão financeira há, também, o valor intangível pela qualidade de vida, que se traduz em busca por condutas ambientalmente responsáveis; por respeito à diversidade de raça, social, de gênero entre outras e, por gestões transparentes e justas das empresas que moldam o sistema capitalista onde estamos inseridos.

Um olhar mais amplo nos leva a compreender, então, que as práticas ESG não precisam ficar circunscritas ao campo corporativo. Adotá-las para além das empresas é adotar uma postura responsável em sentido comunitário, que abrange a sociedade como um todo. Desafiador? Muito! Mas é preciso aprofundar este debate.

Falar em comunidade implica, atualmente, em abordar as concentrações urbanas. Em um ambiente cada vez mais urbanizado, a busca pela dignidade e pela qualidade de vida se sintoniza com as condutas ESG. Como? Em primeiro lugar, devemos lembrar que o direito às cidades sustentáveis está previsto no artigo 2º, inciso I do Estatuto da Cidade (Lei Federal nº 10.257/2001) e se define como “direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infraestrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações”.

Além disso, a Organização das Nações Unidas (ONU), em 2015, idealizou uma agenda mundial para conduzir o desenvolvimento humano até 2030 e nele incluiu 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), sendo o ODS 11 referente a Cidades e Comunidades Sustentáveis, no qual estabelece diretrizes para políticas públicas para tornar as cidades mais inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis. Diante do teor destes dispositivos é possível observar que os três critérios ESG estão presentes no planejamento urbano: ambiental, social e governança.

Sob o ponto de vista ambiental, a própria legislação prevê a garantia da qualidade de vida dos cidadãos para as presentes e futuras gerações, o que implica em medidas de redução de impacto ambiental nas cidades, tais como: eficiência energética, diminuição de gases poluentes, adaptação urbana para as mudanças climáticas, gestão de resíduos sólidos entre outras iniciativas.

As questões sociais também são contempladas visto que o Estatuto da Cidade é claro ao dispor sobre a importância do acesso à moradia adequada, aos serviços básicos de qualidade e oportunidade de trabalho e lazer para todos os segmentos da sociedade. Neste sentido, Joan Clos, prefeito da cidade espanhola de Barcelona (1997 – 2006) e diretor-executivo do ONU-Habitat (2010-2018) afirmou ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA que uma cidade inclusiva é aquela “capaz de oferecer serviços básicos e sociais inclusivos, de assegurar condições de vida seguras e saudáveis para todos, de garantir transporte e energia acessíveis e sustentáveis, de ter espaços urbanos verdes e seguros. Uma cidade onde haja acesso à moradia e se gerem empregos decentes”.

Por fim, para que este mecanismo funcione, é necessário que haja uma governança pública transparente, democrática e a favor do cidadão. O portal do Programa Cidades Sustentáveis esclarece que a governança vai além da organização e da articulação do sistema político-administrativo, ela envolve os diferentes segmentos da sociedade civil nos espaços de tomada de decisão.

O Estatuto da Cidade prevê uma série de instrumentos que garantem a participação popular e a gestão democrática, porém, devemos estar atentos ao movimento constante da sociedade que, cada vez mais complexa, necessita que as ferramentas já existentes sejam respeitadas e que novos mecanismos de participação popular facilitem a abertura de canais de comunicação do Poder Central com diversos segmentos sociais e correntes de pensamento.

Portanto, os instrumentos para construção de uma comunidade mais justa e igualitária estão disponíveis. O que ainda nos falta é utilizarmos estes dispositivos em favor da coletividade, afinal, a falta de transparência, a ausência de planejamento estratégico, a resistência a modernização dos processos, a ineficiente integração entre departamentos e falta de capacitação dos agentes do setor público são obstáculos que devemos superar para integrar toda a agenda ESG na efetiva construção de cidades mais sustentáveis.



Por que ESG deve ser entendido como estratégia de negócios?



Roberta Coutinho

- ✔ Economista e Mestre em Administração de Empresas;
- ✔ MBA em Desenvolvimento Sustentável e Economia Circular / MBA em Finanças;
- ✔ Conselheira no PIP – Prêmio Impactos Positivos;
- ✔ ex C-level em startup de impacto social;
- ✔ Consultora em Estratégia ESG e Negócios de Impacto;
- ✔ Professora de pós graduação em ESG;
- ✔ Multiplicadora B.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Nos últimos anos, temos testemunhado uma mudança significativa no cenário empresarial global e nenhuma grande mudança pode ser compreendida de forma isolada. Com o ESG (Ambiental, Social e Governança) não é diferente. Se num passado recente a maximização de valor ao acionista era a “razão máxima” para a existência de uma organização, agora o acionista é apenas mais um elo importante que precisa ser olhado junto com outras partes interessadas (“stakeholders”) cujos interesses também precisam ser levados em consideração. Assim, colaboradores, comunidade, fornecedores, passam a ser cada vez mais ouvidos na era do “capitalismo de stakeholders”.

Aliado à essa nova perspectiva, já estamos sentindo as consequências da emergência climática, antes tratada como risco futuro. Enchentes, queimadas, altas temperaturas do planeta além de afetarem comunidades, fauna e flora, podem impactar de maneira profunda diversas cadeias de abastecimento.

Um terceiro fator que vale destaque é a transição geracional. Os mais jovens estão muito mais atentos às pautas ambientais e sociais, olhando com cautela a origem dos produtos que consomem, cancelando empresas que tenham reputação duvidosa em relação à diversidade e inclusão ou que não comprovem que não testam seus produtos em animais, para citar alguns exemplos.

É dentro da perspectiva do capitalismo de stakeholders, emergência climática e transição geracional que o ESG precisa ser entendido como uma agenda estratégica de negócios e uma questão de sobrevivência e sucesso no mercado. As empresas que ignoram os aspectos ESG enfrentam sérios riscos, incluindo regulatórios e operacionais. Mas também é uma agenda que traz inúmeras oportunidades de acesso a capital e a novos negócios ligados a economia verde, transição energética, mercado de carbono, produtos sustentáveis, dentre outros.

ESG gera valor ou é só mais um custo para a empresa?

Segundo uma pesquisa feita pela EY em 2023, organizações líderes em ESG demonstram que avançar na sustentabilidade gera valor para os clientes, a sociedade, os funcionários e ao planeta, mas também traz valor financeiro para a empresa.

Foram citadas melhorias em qualidade do produto, na percepção da marca, na saúde pública, nas oportunidades econômicas, no recrutamento, na retenção e na satisfação dos funcionários, na redução de emissões de gases de efeito estufa e no crescimento da receita.

Essa pesquisa corrobora dois estudos independentes realizados pela B3 e pela consultoria McKinsey, que também demonstram que os pilares do ESG têm emergido como um componente vital para impulsionar a geração de valor a longo prazo de empresas de diversos portes e de várias maneiras:

- ▶ **Geração de Receita Sustentável:** As empresas que adotam práticas de negócios sustentáveis tendem a desenvolver relações mais sólidas com os clientes, fornecedores e outras partes interessadas. Isso pode resultar em maior fidelidade do cliente, novas oportunidades de negócios e, em última análise, em uma receita mais estável e crescente.
- ▶ **Redução de Riscos Financeiros e Reputacionais:** Integrar critérios ESG ajuda as empresas a identificar e mitigar riscos financeiros e reputacionais. Isso pode incluir riscos relacionados a regulamentações ambientais, litígios trabalhistas, escândalos de corrupção e danos à reputação da marca. Ao abordar esses riscos proativamente, as empresas podem proteger seu valor de mercado e fortalecer sua posição competitiva.
- ▶ **Acesso a Capital e Investidores:** Cada vez mais, os investidores estão considerando os fatores ESG ao tomar decisões de investimento. Empresas que demonstram um compromisso sólido com o ESG geralmente têm melhor acesso a capital e podem desfrutar de custos de capital mais baixos. Além disso, a integração de considerações ESG pode atrair investidores que buscam retornos financeiros e impacto social positivo.

- ▶ **Atração e Retenção de Talentos:** Os funcionários estão cada vez mais valorizando empregadores que demonstram um compromisso com valores éticos, responsabilidade social e sustentabilidade ambiental. Empresas que investem em práticas de trabalho justas, cultura inclusiva e responsabilidade corporativa têm maior probabilidade de atrair e reter talentos de alta qualidade.

Mas, por onde começar?

Para aproveitar ao máximo o ESG, é crucial estruturá-lo da maneira correta. Isso significa integrar a estratégia ESG à estratégia de negócios, criar uma cultura organizacional que valorize a sustentabilidade e considerar todos os stakeholders na tomada de decisão. Importante entender que é uma jornada que tem início e não tem fim: mesmo para as empresas verdadeiramente comprometidas e que tenham iniciativas concretas alinhadas ao impacto positivo, o desafio é organizar as informações, executar estratégia e seguir aprimorando a jornada continuamente.

O papel dos líderes empresariais é crucial para o sucesso dessa agenda e para a promoção de uma cultura corporativa centrada no ESG. Eles devem liderar pelo exemplo, incorporando os princípios do ESG em todas as áreas de operações e tomando decisões estratégicas que reflitam um compromisso com a sustentabilidade e com a responsabilidade corporativa.

O ESG não é apenas uma tendência passageira, mas sim uma abordagem fundamental para construir empresas resilientes e sustentáveis no longo prazo. Ao integrar considerações ambientais, sociais e de governança em suas operações e estratégias de negócios, as empresas podem aumentar seu valor, reduzir riscos e construir relacionamentos mais sólidos com seus stakeholders, gerando valor sustentável de longo prazo para a empresa, para as pessoas e para o planeta.

A importância da iniciativa privada na transformação social



Roberta Silva Santos

Bióloga;
Pós-graduada em Gestão e Auditoria Ambiental.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A iniciativa privada, há muito, vem sendo requisitada no desempenho de um papel cada vez mais ativo na sociedade, diante da sua real possibilidade de gerar transformação social, ambiental e econômica.

E o setor, de fato, tem um poder inquestionável de gerar valor e impacto socioambiental positivo, ainda que muitas vezes impulsionado prioritariamente pelo cumprimento de requisitos legais ou pela própria pressão do mercado a nível global, onde empresas poderão perder competitividade, bem como a sua boa imagem reputacional, se não adotarem princípios criteriosos de governança, sociais e ambientais.

O papel do setor privado também soma lugar de destaque e relevância ao lado de Estados e Municípios na promoção de projetos e ações focadas em transformação social no território de influência direta ou indireta de suas atividades e/ou operações. Porém, é sempre válido atentar sobre a necessária consciência de que empresas não conseguem resolver todos os problemas da sociedade e, nesse quesito, é de fundamental importância o entendimento da responsabilidade de cada ente, público ou privado.

Mas, infelizmente sabemos que essa nem sempre é a realidade da maioria quase esmagadora do nosso país. Ao longo da minha jornada profissional, tive a oportunidade de vivenciar essa realidade na prática: Municípios que não têm condições econômicas e estruturais para minimizar todos os desafios da gestão pública e acabam também recorrendo à iniciativa privada, para dar vazão às suas necessidades e urgências. E aí, entramos em um círculo vicioso, pois os recursos das empresas também são finitos, mas os dilemas, todavia, estão em constante crescente exponencial.

Como então definir estratégias que norteiam as organizações na tomada de decisões diante do seu papel social, respeitando os limites e responsabilidades de ação entre os setores público e privado? A resposta está no ESG!

E para que a agenda obtenha êxito, é mandatório traçar uma análise analítica, a partir da elaboração de uma matriz de materialidade e da elucidação de quais temas materiais podem gerar risco ao futuro financeiro e reputacional do negócio, a partir da análise de premissas de governança, sociais e ambientais.

E quando se fala em investimento e futuro do negócio, considerar somente a opinião e percepção dos acionistas ou órgãos regulamentadores, em detrimento dos demais stakeholders que interagem com a empresa, pode ser a decadência da organização. Entender quem são os diferentes públicos: institucional e comunitário que a empresa se relaciona no seu território de atuação e de que maneira esses se relacionam com os diferentes contextos e cenários; impactam ou são impactados pelo negócio, é fundamental na construção da matriz de materialidade e, sobretudo, no entendimento genuíno de que forma estratégica a empresa devem se relacionar e direcionar investimentos ao seu público, seja por meios próprios ou unindo esforços, investimentos e recursos profissionais, intelectuais e financeiros com outros atores do território, para amplificar iniciativas de transformação social.

Incorporar aspectos ESG na análise dos ativos da empresa, bem como os temas materiais prioritários para os stakeholders estratégicos e a organização, é o caminho a ser trilhado para geração de valor, favorabilidade, confiabilidade e longevidade do empreendimento. Afinal, os relacionamentos precisam ser benéficos e gerar prosperidade para todos os atores envolvidos, inclusive a organização.



Samara Magalhães de Oliveira Carvalho

- Engenheira Química;
- Pós-Graduada em Engenharia Sanitária e Ambiental.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Estratégias e impactos - Mudanças climáticas

No contexto atual, as mudanças climáticas representam um dos maiores desafios globais para empresas de todos os setores.

A pergunta que surge é: as empresas estão verdadeiramente preparadas para enfrentar as consequências dessas mudanças? A resposta, infelizmente, muitas vezes é não.

É inegável que as mudanças climáticas já estão impactando os negócios, seja através de eventos climáticos extremos, como tempestades mais frequentes e intensas, secas prolongadas ou inundações devastadoras, ou através de mudanças graduais, como o aumento das temperaturas médias e a acidificação dos oceanos. Esses eventos têm consequências diretas nos negócios, desde interrupções na cadeia de suprimentos até danos à infraestrutura e perdas financeiras.

Diante desse cenário, é fundamental que as empresas adotem medidas para mitigar esses impactos. Uma das formas mais eficazes de fazê-lo é através da adoção de práticas de ESG (Environmental, Social and Governance) que promovam a sustentabilidade e a resiliência dos negócios. É necessário realizar uma análise detalhada dos aspectos associados às operações e às partes interessadas, desenvolvendo estratégias concretas que contribuam para a sustentabilidade em todos os níveis. Essa etapa é imprescindível para orientar a gestão dos impactos e para uma abordagem precisa em relação ao uso mais eficiente dos recursos naturais, à promoção da inclusão social e à melhoria da governança corporativa.

Muitas empresas já estão tomando medidas nesse sentido. Destacando aqui a esfera ambiental, muitas estão investindo em energias renováveis, como solar e eólica, para reduzir sua dependência de combustíveis fósseis e diminuir suas emissões de carbono. Realizam também a compensação desses gases e da geração de resíduos. Outras estão implementando programas de eficiência energética para reduzir seu consumo de energia e, conseqüentemente, suas emissões de gases de efeito estufa. Mas será isso o suficiente?

É crucial destacar que ter apenas um plano de resposta para eventos climáticos não é suficiente. As empresas também devem ser capazes de lidar com esses eventos, o que significa ter estruturas mais robustas e preparadas para resistir a eles. Isso envolve, por exemplo, ter infraestruturas mais resistentes, sistemas de drenagem eficazes e bem dimensionados, planos sólidos para manter a cadeia de suprimentos em funcionamento, avaliação e previsão dos impactos financeiros nos stakeholders e planos de apoio às comunidades afetadas pela operação da empresa, entre outros. Isso envolve investir em infraestruturas mais resilientes, sistemas de gestão de riscos mais eficazes e capacidades de resposta mais ágeis. E mais, é necessário também esse alinhamento entre toda cadeia de fornecedores.

Em resumo, as empresas precisam adotar uma abordagem abrangente para lidar com as mudanças climáticas. Não basta apenas ter planos de contingência; é necessário também ser capaz de funcionar apesar dos impactos. As mudanças climáticas são uma realidade imposta, e devemos resistir a elas. É essencial realmente reduzir as emissões de gases efeito estufa, adotar o pensamento de "lixo zero", em que nossas ações não se limitem à compensação, mas sim ao antigo e valioso lema de reduzir, repensar e reutilizar. E isso inclui não apenas a mitigação dos impactos ambientais, mas também a promoção da resiliência dos negócios e das comunidades onde operam. Somente assim teremos, de fato, esperança de melhorar o cenário das mudanças climáticas.

Governança: Do que trata o “G” do ESG



Schirlei Freder

- Administradora;
- Doutora e Mestre em Gestão Urbana;
- Pós-graduada em Gestão Social e Desenvolvimento Sustentável;
- Professora e pesquisadora nas áreas de gestão (pública e privada) dentro das temáticas de governança, ESG, sustentabilidade e novas economias (cidades e organizações);
- Finalista na categoria microempresa, do Prêmio WEPS da ONU: “Mulheres que empoderam mulheres” (2014);
- Recebeu o “Prêmio Mulher Empreendedora” da Câmara Municipal de Curitiba (2020).

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Em tempos de ESG e das mais variadas discussões a respeito do tema, desde os defensores para que o assunto ganhe a pauta empresarial e acadêmica até os movimentos anti-ESG, que buscam enfraquecer e ofuscar a pauta, considero importante nos ampararmos na base teórica que nos auxilia a elucidar o que de fato estamos falando. Para isso, neste texto, vou me ater ao “G” da governança, temática na qual tenho me aprofundado na última década.

Conceitualmente, podemos considerar que a governança corporativa é um conjunto de práticas, controles e políticas aplicado para garantir uma gestão eficiente e transparente das organizações como um todo. Ela pode ser aplicada a qualquer perfil organizacional e tem como principal objetivo proteger os interesses dos proprietários, investidores, colaboradores e dos demais stakeholders, além de garantir o cumprimento das leis e regulamentações em seu segmento de atuação.

Outro fator de extrema relevância às organizações que têm boas práticas em governança é a geração de valor, por meio de ações de sustentabilidade, com ética e integridade, o que garante a perenidade dessas organizações, afinal, elas surgem para estarem “vivas e ativas” por muito tempo e não para sucumbirem logo após a fundação.

O histórico da governança corporativa remonta ao final do século XIX, quando as primeiras empresas começaram a se organizar como sociedades anônimas. No entanto, foi somente nos anos 1930 que a questão da responsabilidade dos conselheiros de administração começou a ser discutida com mais ênfase, justamente pelo fato do agigantamento das empresas, o que ocasionou a separação entre a propriedade e a gestão e a necessidade de maior controle.

Na década de 1950, o modelo de governança corporativa desenvolvido pelos Estados Unidos começou a ser adotado por outras empresas no mundo todo. Esse modelo consistia na separação entre os cargos de CEO e presidente do conselho de administração, bem como na introdução de comitês independentes para monitorar a gestão financeira das empresas.

Com essa separação, as funções ficaram cada vez mais claras e houve muitos avanços positivos no sentido de fortalecer cada vez mais as organizações.

A década de 1980 foi marcada por uma série de escândalos corporativos nos Estados Unidos, que levaram à criação da Comissão de Valores Mobiliários (CVM, SEC em inglês) e à promulgação de diversas leis para a proteção dos investidores. A criação de instituições de proteção de investidores se estendeu para vários países. Nesse período, também se iniciaram as discussões sobre o conflito de agência, que, entre tantas definições, podemos citar a divergência na execução de deliberações. Por exemplo, o conselho de administração delibera sobre determinada pauta e autoriza de uma determinada forma, entretanto, a diretoria executiva executa de modo diferente do que foi deliberado, gerando um conflito que pode trazer prejuízos ou problemas para as partes interessadas.

Já na década de 1990, a governança corporativa se tornou um tema cada vez mais importante para o setor empresarial, levando à criação de códigos de melhores práticas e ao surgimento de agências de classificação de risco. Nesse mesmo período, se fortalecem as discussões acerca da responsabilidade socioambiental das empresas e o tema começa a ser atrelado à gestão. É importante destacar também que o tema é ampliado a qualquer perfil de organização, não apenas ao ramo empresarial.

Atualmente, a governança corporativa é um tema de grande importância para as organizações como um todo, que buscam se adequar aos melhores padrões e práticas do mercado para garantir sua sustentabilidade econômica e socioambiental, conciliando essas pautas com a competitividade e mantendo níveis de reputação.

Mais recentemente, um marco relevante advindo de um movimento do mercado financeiro ocorreu. Foi em 2018, quando Larry Fink começou a publicar suas cartas aos CEOs, momento em que se potencializaram os debates sobre ESG.

Desde então, vemos um desdobramento de iniciativas em vários países e em diferentes tipos de instituições para responder como andam as práticas ligadas à sustentabilidade com seus indicadores em ESG.

Podemos entender, então, que uma organização que implementa a governança busca maximizar seu valor, manter sua lucratividade com propósito e, conseqüentemente, atrair mais investidores e interessados, garantindo assim a perenidade de seu negócio. Isso é possível por meio da criação de estruturas de controle interno, definição de papéis e responsabilidades claras, transparência na divulgação de informações financeiras e contábeis, entre outras ações, que conhecemos como os fundamentos e princípios da governança.

Dessa forma, a aplicação da governança corporativa traz benefícios para todos os envolvidos, uma vez que ajuda a aumentar a confiança no mercado, aprimorar a gestão organizacional e reforçar sua reputação, assegurando sua perenidade.

A importância do Pacto Global da ONU na transição energética



Silla Motta

- Administradora de Empresas com MBA em Marketing;
- Atua no Setor Elétrico desde 1997;
- Fundadora da Donna Lamparina (2016), para estruturar e desenvolver comercializadoras de energia no Brasil;
- Participante do Pacto Global da ONU;
- Embaixadora do Canal Energia, Climatempo, Carbono Zero e HL Soluções;
- Mentora dos Programas de Inserção e Desenvolvimento de Liderança Feminina: “Interligadas” da GIZ e “Elas na Indústria” da FIESP;
- Vencedora do Prêmio “Cubi Awards 2023” na categoria “Embaixadora do Mercado Livre de Energia”.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O Pacto Global da ONU desempenha um papel fundamental na promoção da transição energética global. Como uma iniciativa de sustentabilidade corporativa, incentiva empresas em todo o mundo na adoção de práticas comerciais socialmente responsáveis e a alinhar suas operações com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), incluindo o ODS 7, que visa assegurar o acesso confiável, sustentável, moderno e a preço acessível à energia para todos.

Na transição energética, o Pacto Global da ONU desempenha várias funções importantes:

- ▶ **Engajamento empresarial:** Mobiliza empresas a se comprometerem com a redução das emissões de gases de efeito estufa, a promover fontes de energia renovável e a aumentar a eficiência energética em suas operações.
- ▶ **Advocacia e sensibilização:** Por meio de suas redes globais, promove a conscientização sobre a importância da transição energética e incentiva empresas a adotarem práticas sustentáveis no uso e na produção de energia.
- ▶ **Colaboração e parcerias:** Facilita o diálogo e a colaboração entre empresas, governos, sociedade civil e outras partes interessadas para promover soluções inovadoras e colaborativas para os desafios relacionados à energia sustentável.
- ▶ **Diretrizes e boas práticas:** Fornece orientações e diretrizes para ajudar as empresas a integrar princípios de sustentabilidade em suas estratégias de negócios, incluindo questões relacionadas à energia.

As empresas aderem ao Pacto Global da ONU por várias razões importantes:

- ▶ **Compromisso com a sustentabilidade:** Demonstra o compromisso da empresa com práticas comerciais socialmente responsáveis e sustentáveis. Isso ajuda a fortalecer a reputação da empresa, aumentando sua credibilidade e atraindo clientes, investidores e talentos que valorizam a responsabilidade social corporativa.
- ▶ **Alinhamento com os ODS:** As empresas se comprometem a alinhar suas operações com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU, incluindo o ODS 7 sobre energia acessível e limpa. Isso ajuda as empresas a contribuir para metas globais de sustentabilidade e desenvolvimento, enquanto promovem o crescimento econômico responsável.
- ▶ **Acesso a recursos e conhecimento:** Oferece às empresas acesso a recursos, orientações e boas práticas para ajudá-las a integrar princípios de sustentabilidade em suas estratégias de negócios, incluindo questões relacionadas à energia. Isso pode incluir diretrizes, ferramentas de medição de impacto, estudos de caso e oportunidades de aprendizado colaborativo.
- ▶ **Participação em redes globais:** Conecta as empresas a uma rede global de outras organizações comprometidas com a sustentabilidade. Isso proporciona oportunidades de colaboração, compartilhamento de experiências e aprendizado conjunto com outras empresas, organizações da sociedade civil, governos e agências da ONU.
- ▶ **Gerenciamento de riscos e oportunidades:** ajuda as empresas a identificar e gerenciar riscos relacionados a questões sociais, ambientais e de governança (ASG), incluindo questões relacionadas à energia, ao mesmo tempo em que abre oportunidades de inovação e crescimento em mercados emergentes e sustentáveis.

Algumas das empresas estão mais engajadas com o Pacto Global da ONU, incluindo grandes corporações multinacionais, bem como empresas de médio e pequeno porte em diversas regiões do mundo. Aqui estão algumas empresas notáveis que demonstram um forte compromisso com os princípios do Pacto Global:

A Unilever é conhecida por seu compromisso com a sustentabilidade e é uma das empresas líderes no Pacto Global da ONU. A empresa tem metas ambiciosas em áreas como redução de resíduos, uso de energia renovável e promoção da igualdade de gênero.

A Siemens é uma empresa global de tecnologia com uma forte presença no Pacto Global. Eles são reconhecidos por seus esforços em promover a eficiência energética, inovação em energias renováveis e tecnologias limpas.

Como uma empresa brasileira de cosméticos, a Natura é reconhecida por seu compromisso com a sustentabilidade e a responsabilidade social. Eles têm uma longa história de práticas comerciais sustentáveis e são ativos no Pacto Global da ONU.

O Banco Itaú, uma das maiores instituições financeiras da América Latina, está comprometido com a sustentabilidade e é signatário do Pacto Global. Eles têm iniciativas para promover a inclusão financeira, reduzir sua pegada de carbono e apoiar o desenvolvimento sustentável.

A Danone é uma empresa global de alimentos e bebidas com um forte compromisso com a sustentabilidade. São ativos no Pacto Global da ONU e têm metas ambiciosas em áreas como redução de resíduos, uso responsável de recursos naturais e promoção de práticas agrícolas sustentáveis.

Essas empresas são apenas alguns exemplos de organizações que estão liderando o caminho em práticas comerciais sustentáveis e estão fortemente comprometidas com os princípios do Pacto Global da ONU. Existem muitas outras empresas em todo o mundo que também estão fazendo contribuições significativas para promover a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável.

Como falar de ESG sem falar de mulheres?



Silvana Pereira Rempel

- Engenheira de Materiais;
- Mestre em Engenharia e Ciência dos Materiais;
- Analista do Sistema de Gestão da Qualidade.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Sim, são elas que podem transformar a cultura de ESG na sociedade, especialmente por sua presença e representação nos diferentes ambientes de contexto desse tema.

Quando consideramos a representatividade feminina, devemos pensar no aspecto da responsabilidade social do ESG, onde a diversidade e inclusão devem ser observadas, visto estarem correlacionadas com os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), mais especificamente com o ODS 5, que trata da equidade de gênero.

Entretanto, para além da diversidade e inclusão, precisamos pensar no papel das mulheres nos aspectos ambientais e de sustentabilidade. E nesse contexto, gostaria de destacar o relatório da ONU Mulheres “Justiça climática feminista: Um modelo para ação” de 2023, que destaca como as mudanças climáticas amplificam crises ao redor do mundo, que vão desde a desigualdade econômica até o impasse geopolítico, todas com impactos desproporcionais sobre mulheres e meninas.

Este relatório apresenta uma visão estratégica de justiça climática feminista, destacando a integração das mulheres na luta global contra o efeito das mudanças climáticas.

A ideia de justiça é que todos possam usufruir completamente dos direitos humanos, livres de discriminação, num planeta saudável e sustentável. Essa visão é desdobrada nos quatro R's:

Reconhecer os direitos, o trabalho e o conhecimento das mulheres

As políticas devem reconhecer que as mulheres podem oferecer conhecimentos e experiências únicas — incluindo as populações indígenas, rurais e jovens — que podem ser usadas para apoiar uma ação climática eficaz, através da vanguarda no ativismo climático, na formação de cooperativas e grupos para fortalecimento da produtividade e renda. Além disso, recursos financeiros de fomento a projetos desenvolvidos por mulheres podem melhorar o processo de inovação, gerando sustentabilidade e incremento de novos negócios para a sociedade.

Em termos de sustentabilidade, aspectos de uma agricultura regenerativa, voltada para se alcançar melhores práticas agrícolas com relação a saúde do solo, a biodiversidade, o ciclo da água e os ecossistemas locais, apresentam-se como um desafio para a sociedade, especialmente no que se refere as mudanças climáticas. Enquanto a agricultura convencional depende fortemente de insumos externos, como fertilizantes químicos e pesticidas, a agricultura regenerativa se concentra em trabalhar com a natureza e criar sistemas agrícolas mais sustentáveis e resilientes.

Nesse sentido, gostaria de destacar aqui meu projeto de mestrado que foi reconhecido por diferentes programas de incentivo para mulheres nas áreas STEM. Em 2019 fui selecionada para participar do programa Mulheres na Ciência e Inovação do British Council no Brasil e, em 2021, fui reconhecida como uma das 25 Mulheres na Ciência - América Latina pela 3M. Na pesquisa realizada, desenvolvi um nanopolímero para atuação na liberação controlada de feromônios e outros princípios ativos que podem ser utilizados no controle de pragas na agricultura, em substituição aos sistemas tradicionais baseados em agroquímicos.

Redistribuindo recursos econômicos

As políticas devem garantir que a transição para uma economia verde ajude as mulheres no acesso a oportunidades de emprego, terra, educação e tecnologia. Para reverter as mudanças climáticas, será necessário retirar recursos de atividades extrativas e ambientalmente prejudiciais e realocar naquelas que priorizam o cuidado com as pessoas e o planeta.

Representando as vozes e a agência das mulheres

Atualmente, as mulheres estão sub-representadas tanto no setor público como no privado. Para que políticas, ações e abordagens específicas de ESG possam ser eficazmente aplicadas em todos os setores, necessitamos de uma abordagem sensível ao gênero, ou seja, de maior representatividade feminina.

Reparando desigualdades e injustiças históricas

Os compromissos financeiros para combater as mudanças climáticas devem focar nas pessoas e países com maior risco. O relatório convoca os países ricos a cumprirem seus compromissos de financiar programas climáticos e garantir que os fundos cheguem aos países mais vulneráveis e às organizações femininas de base.

Desafios das mulheres em ESG

Estamos no século XXI, em pleno 2024, e ainda suportamos os desafios relacionados ao convencimento das lideranças empresariais sobre o que precisa ser feito e a urgência em relação a agenda ESG. Esse trabalho tem sido feito em sua maioria por mulheres que atuam nas áreas de sustentabilidade e ESG e precisam ser ouvidas quando estão sendo porta voz de assuntos estratégicos e que tratam da sobrevivência do negócio e da própria humanidade, considerando que já estamos convivendo com as consequências da emergência climática.

Se as mulheres são a maioria tentando convencer sobre o óbvio, os homens seguem sendo a maioria nos principais cargos de decisão das empresas. De acordo com pesquisas, 72% das empresas com alto desempenho de ESG possuem uma ou mais mulheres atuando no conselho de administração, e 52% possuem uma ou mais mulheres em diretoria, em controvérsia a esses resultados as companhias que apresentam baixo desempenho ESG esse número cai para 62% e 46%, respectivamente. É impossível criar resultados diferentes fazendo o mesmo de sempre – homens majoritariamente brancos e mais velhos. Quando as estruturas de poder se alteram, com mais diversidade e mais mulheres, consequentemente os resultados serão diferentes. Estar em posições de privilégio é ter na mão a chance de gerar oportunidades, de expandir, de provocar. Combater as desigualdades é traduzir a ambição das agendas globais em ações locais concretas, é medir ESG com quem está sendo impactado, é traçar metas ouvindo as pessoas.

Cada vez mais interligados, os temas de desenvolvimento sustentável e liderança feminina seguem lado a lado como forças motrizes para mudanças significativas na sociedade e no mundo corporativo. A valorização e incentivo de mulheres em todos os setores da sociedade é fundamental para que mulheres tenham voz e representatividade também em posições de poder e influência.

ESG, uma jornada desafiadora e complexa



Silvia Ferreira Netto

- Consultora Sênior de Riscos, Compliance e PLD/FT;
- MBA em Gestão de Riscos Corporativos;
- Certificada em Compliance Financeiro / CPC-F.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

ESG - Environmental, Social and Governance (ou ASG - Ambiental, Social e Governança) é uma jornada e não um destino, afinal é uma área de conhecimento que está se desenvolvendo para deixar um mundo melhor para esta e para as próximas gerações, o que só será possível se “respeitarmos o meio ambiente, sem deixar as pessoas para trás” segundo a Diretora de Sustentabilidade & Direitos Humanos da L’oreal, Maya Colombani.

Os critérios de ESG adotados pelas empresas visam garantir o comprometimento com questões ambientais, sociais e de governança, e não são apenas complexos, mas também relevantes e urgentes afinal estamos muito acelerados no consumo e, as mudanças climáticas, a perda de biodiversidade e a escassez de recursos naturais representam uma grande ameaça não só para o mundo corporativo, mas para toda a humanidade. Além disso, temos a questão da desigualdade social, que só aumenta no mundo inteiro, numa velocidade assustadora.

Porém, não podemos romantizar o tema, pois o que move o mercado em direção à agenda ESG são as exigências dos stakeholders, especialmente dos investidores e financiadores que não estão focando somente nos resultados financeiros de curto prazo, mas também estão atentos à forma como a empresa está estruturada e aos impactos que seus negócios e operações podem causar nas pessoas e no planeta a longo prazo.

Além disso, o mercado financeiro e os reguladores nacionais e internacionais estão responsabilizando cada vez mais as empresas não apenas por suas próprias ações, mas também pelos impactos causados por toda a cadeia em que estão envolvidas, ou seja, seus clientes, fornecedores, parceiros, empregados e demais relacionamentos.

Nesse sentido, não basta apenas realizar um bom processo de due diligence e/ou exigir certidões, certificados, licenças ou quaisquer outras comprovações de práticas sustentáveis de quem se relaciona com a empresa, é preciso cooperação e compartilhamento de responsabilidade e de valor para evoluir verdadeiramente.

Importante destacar que as gigantes do mercado mundial têm sido catalizadoras dessa mudança e com potencial para transformar e impactar a sociedade e o meio ambiente de forma mais significativa, pois ocorre uma espécie de efeito cascata, que um exige do outro, que exige de outro... e assim mais e mais empresas e pessoas se envolvem com o tema e buscam ter boas práticas de ESG, como uma espécie de “contágio”.

No entanto, apesar de relevante e urgente, muitas empresas ainda resistem à agenda ESG por questões ideológicas, outras por dificuldades em estabelecer políticas e práticas relacionadas às questões ambientais, sociais e de governança com o mesmo grau de importância e comprometimento. Existem, ainda, àquelas que usam o tema apenas como uma “jogada de marketing”, mas que na verdade só estampam seus sites com belas políticas escritas e não praticadas.

A empresa que não fizer essa virada de chave, ou seja, continuar focada somente nos resultados financeiros de curto prazo, sem considerar a agenda ESG e sem implementar estratégias sustentáveis de uma forma concreta, pode sofrer diversas consequências negativas tanto no curto, como no longo prazo, o que afetará a sua reputação, seu desempenho financeiro e operacional, podendo inclusive ter problemas com sua conformidade regulatória, o que também impactaria nos seus negócios.

Além disso, conforme destacado por Brian Moynihan, CEO do Bank of America, "as empresas que priorizam a responsabilidade ambiental, social e de governança estão mais bem posicionadas para prosperar em um mundo onde a transparência e a responsabilidade são cada vez mais valorizadas".

Enfim, por mais desafiadora e complexa que seja essa jornada, é imperativo que as empresas, independentemente de seu tamanho e segmento, adotem e fortaleçam esses compromissos para construção de um mercado mais ético e mais sustentável, o que resultará em benefícios para toda sociedade.



Stephanie Munhoz de Souza

Relações Públicas;
Pós-graduada em Meio Ambiente e Sustentabilidade.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Mais do que escrever, é preciso engajar: O desafio dos Relatórios de Sustentabilidade

Os Relatórios de Sustentabilidade ou Relatos Integrados vem tomando cada vez mais espaço no mercado. Isso pode não soar como uma novidade para os profissionais da área ou investidores.

Afinal, a iniciativa ganha força a cada dia por um movimento cada vez mais pulsante no cenário corporativo. Segundo a pesquisa da PwC, Global Investor Survey 2023, os investidores consultados buscam entender como as empresas incorporam a sustentabilidade na tomada de decisão, gerenciamento de riscos e até nas suas demonstrações financeiras.

Entre 2022 e 2023, houve um aumento de 25% na proporção daqueles que querem saber o impacto que a organização provoca na sociedade e no meio ambiente.

Construir um relatório, entretanto, não é uma tarefa fácil. Trata-se de um projeto multidisciplinar. Envolve várias etapas, gerenciamento de cronograma e consultas com diversos públicos, internos e externos da organização.

Abrange ainda levantamento de dados, revisões, conciliar agendas para entrevistas e a demonstração do tempo com qualidade, que é necessário para a leitura do presidente, diretores e demais pessoas responsáveis pela validação do conteúdo.

O fato é que um projeto tão robusto e estratégico como esse não merece ficar apenas como um arquivo para prestar contas ou no caso da edição impressa, como um item a mais no armário ou na gaveta. Os relatórios merecem ser lidos, desdobrados, consultados e transformados em outros conteúdos.

Na experiência que tive, coordenando os dois últimos Relatórios de Desempenho de uma startup em que trabalhei, percebi o quanto esse projeto tem um potencial para engajamento.

Para o lançamento do Relatório do ano base de 2022, me envolvi também no planejamento de comunicação e algumas ações para envolver os públicos-alvo foram:

Separar estratégias de comunicação para cada público-alvo

Provavelmente, os temas de interesse de um investidor não são os mesmos focos principais da comunidade. Segmentar as mensagens e planejar conteúdo para cada público é importante. Para auxiliar no engajamento e repercussão do relatório, uma ideia é criar templates e sugestões de legendas para os principais stakeholders, potencializando a divulgação.

Antes do lançamento, planejar em quais conteúdos o relatório poderá ser desdobrado

O relatório vai além do material em si e antes de lançá-lo, é possível já preparar os materiais em diversos formatos, que caibam no orçamento e disponibilidade da equipe, é claro. O mais importante é que os formatos e canais escolhidos façam sentido para a organização. As alternativas vão desde vídeos, webinars, postagens com depoimentos, publicações com os principais dados, blogposts com os casos de sucesso, modelos de slides com mais detalhes para atingir o público interno e potenciais clientes, entre outros.

Idealizar o lançamento prévio para o público interno primeiro

Uma valiosa lição aprendida é que o público interno merece receber em primeira mão as informações. Hoje, já se fala em liderança comunicadora e engajamento desse perfil, que tem contato direto com os colaboradores e poderá alcançar diferentes níveis hierárquicos, o que é essencial. Tornar esse lançamento inédito e gerar curiosidade contribui muito para o engajamento.

Fortaleça o senso de pertencimento do Relatório

Complementando a última boa prática, os principais públicos-alvo consultados e que lerão o relatório, devem se sentir representados. A conexão com a cultura corporativa se faz necessária. Os projetos e resultados descritos não devem parecer distantes, mas sim parte do dia a dia da organização.

Continue a falar sobre o tema ao longo do ano

Um material tão rico, e geralmente extenso, como o relatório não deve ter foco apenas no lançamento, mas sim ao longo de todos os próximos meses. Independente do cargo, qualquer pessoa pode consultá-lo e deve ser incentivada a isso, para que o conteúdo se torne uma referência das ações, desafios e conquistas mapeados.

O Reporting Matters, um trabalho robusto cocriado pelo Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS) e Grupo Report, analisou 77 relatórios de grandes empresas com atuação no Brasil, considerando 16 critérios e 81 subcritérios, trazendo recomendações práticas para facilitar esse processo de construção dos relatos de sustentabilidade.

Como exemplo, o material orienta a garantir que o conteúdo de sustentabilidade seja disponibilizado de forma acessível na página inicial do site da organização. Outra boa prática é a utilização de indicadores, que possam ser atualizados em tempo real, facilitando o monitoramento pela empresa e a divulgação para os stakeholders.

O design também faz parte dos tópicos levantados. Segundo o Reporting Matters, cores, tipografia, gráficos, ilustrações, entre outros, são fundamentais para a navegação e acessibilidade do relatório.

Em resumo, a forma importa e não apenas o conteúdo. O jeito de se escrever, diagramar, divulgar e engajar faz a diferença. As palavras-chave para os relatórios de sustentabilidade como transparência e responsabilidade social hoje vêm acompanhadas de outras como: inclusão, comunicação e coerência.

O ESG, mesmo que em roupagens diferentes, veio para ficar! A pergunta é: você e a sua empresa estão preparados para mensurar e divulgar da melhor forma o que realmente importa?



Sunamita Reis

- Profissional de Governança e Gestão de Risco Corporativo;
- Professora de Auditoria e Consultoria;
- Atuante em empresas do mercado de capitais e meio de pagamento;
- Graduada em Comércio Exterior pela PUC-MG;
- Pós-graduação em Compliance Empresarial Interamericano;
- Pós-graduação em Gestão e Análises de Riscos;
- Mestranda em Compliance Corporativo;
- Escritora de artigos de análise de mercados dentro de GRC na [investing.com](#).

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A importância do ESG no segmento da diversidade de gênero e inclusão

Querido leitor (a), quando olhamos para o passado é perceptível identificarmos a mudança que o mercado vem tendo.

Se voltarmos no século 20, facilmente iremos lembrar as histórias que nossas mães e avós nos contavam, que precisavam cuidar da casa, dos filhos e, muitas vezes, dependendo financeiramente de seus esposos. Estou mencionando uma época em que as mulheres começaram a querer a revolucionar “esses costumes”, a época em que as mulheres lutaram para adquirir sua independência financeira.

Se nos transportamos para o ano de 1911, logo iremos lembrar da tragédia ocorrida na fábrica de roupas femininas, Triangle Shirtwaist Company, em Nova York, que pegou fogo, e morreram aproximadamente quinhentos funcionários, e a maior parte destes, mulheres imigrantes. Após este acontecimento, ficou evidente os riscos que as mulheres enfrentavam, desde salários menores que os dos homens até condições de trabalho insalubres. Este marco iniciou uma revolução feminina para que hoje, nós mulheres, pudéssemos ter melhores condições de trabalho.

Entretanto, quando mencionamos ESG (sigla em inglês que significa ambiental, social e governança), entenderemos qual o seu papel na diversidade e inclusão. Mesmo após lembrarmos dos nossos antepassados, ainda temos muito a evoluir. As mulheres continuam enfrentando alguns desafios no mercado de trabalho como o etarismo, a desigualdade de gênero, o machismo, o sexismo, a discriminação e a desigualdade salarial.

O ESG é fundamental para que as empresas tenham a consciência de melhores práticas ambientais, sociais e de governança. Uma vez que o ESG é do interesse de consumidores e stakeholders, as empresas estão tentando adequar sua cultura a esses pilares, admitindo profissionais qualificados para orientar, implantar e executar essas práticas.

No entanto, vale ressaltar que é necessária uma abordagem de gestão top-down, em que a estratégia inicial da alta gestão é escalonada até que as informações cheguem para os subordinados. A partir do momento que a empresa tem esta visão estrategista, mencionar a consciência da alta gestão sobre a necessidade de inclusão de gênero faz com que seja possível moldar a cultura da organização e reeducar todos os funcionários.

Você deve se perguntar: como implantar essa cultura de diversidade de gênero? Conforme mencionado, a alta gestão precisa tomar a decisão de apoiar a inclusão e a diversidade de gênero. A partir disso, setores como compliance, recursos humanos e jurídico, podem atuar desde a implantação de políticas de diversidade e transparência de cargos e salários, manual de conduta, canal de denúncia e treinamento de políticas relacionadas ao tema.

Portanto, não basta apenas a empresa contratar mulheres e incluí-las em cargos de destaque, para levantar a bandeira dizendo “temos mulheres em nossa empresa”. É necessário um preparo e uma cultura moldada para melhorar o ambiente de trabalho das mulheres, pois, infelizmente, o que mais vemos hoje são mulheres sendo contratadas em determinados cargos e sofrendo situações como machismo, etarismo, entre outros.

Quando a empresa tem esse olhar estratégico, a corporação tem impactos sociais e econômicos positivos, como enriquecimento cultural, demonstrando aos clientes o compromisso com o papel de diversidade e inclusão e, conseqüentemente, trazendo o impacto positivo no mercado. Além disso, atrai novos talentos profissionais, melhora a autoestima das funcionárias e, ao se sentirem reconhecidas profissionalmente e respeitadas, há uma também melhora no clima organizacional e diminuição da rotatividade.

Desta maneira, a empresa tem o papel fundamental na transformação do mercado e no impacto positivo na sociedade, destacando a importância mútua de diversidade e inclusão de gênero.

Licenciamento ambiental e uma perspectiva ESG



Susana Costa

- Engenheira Sanitarista e Ambiental;
- Mestra em Ciências Ambientais;
- Diretora Técnica na EcoSíntese Engenharia e Meio Ambiente.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Grandes corporações e fundos internacionais analisam as possibilidades de investimento com um olhar sobre como o país trata as questões ambientais. Para eles, também, ganham relevância os temas e iniciativas ESG na definição de alocação de recursos financeiros para investimentos. O conjunto de critérios visa orientar atividades, negócios e investimentos em direção à sustentabilidade, englobando os critérios ambientais, sociais e de governança que devem ser levados em conta ao avaliar riscos, oportunidades e os impactos correspondentes, seu propósito é orientar atividades, negócios e investimentos em direção à sustentabilidade (ABNT, 2024). Para isso, é essencial garantir consistência, segurança técnica e processual e agilidade adequada nas análises de licenciamento ambiental.

No campo ambiental, fazem toda a diferença os olhares sobre proteção ambiental, recursos renováveis, eficiência, gestão de resíduos e gestão de riscos. Na perspectiva social, os direitos humanos dos trabalhadores, a participação das comunidades, a ética e a transparência são aspectos relevantes.

E, sob olhar pragmático, combinando com os demais, o resultado econômico dos empreendedores, os direitos dos acionistas, a competitividade saudável e a adequada relação com clientes e fornecedores, fecham o conjunto que deve encontrar harmonia para ser sustentável.

Direcionando para as obrigações ambientais, que é essencial para promover investimentos sustentáveis, existem desafios significativos a serem enfrentados. O licenciamento ambiental constitui procedimento que pode gerar ato administrativo de natureza jurídica vinculada, como a emissão de licenças ambientais, ou ato jurídico de natureza discricionária com caráter precário, como autorizações ambientais. Através desses atos, o Poder Público, pelo seu órgão ambiental competente, autoriza a localização, a instalação, a ampliação e a operação de empreendimentos/indústrias e atividades utilizadoras de recursos ambientais, sejam elas efetiva ou potencialmente poluidoras, ou que possam causar degradação ambiental, de acordo com as disposições legais, regulamentares e as normas técnicas aplicáveis.

Desde a promulgação da Resolução CONAMA nº 237/1997, e especialmente em Santa Catarina, o Instituto do Meio Ambiente (IMA) assume a responsabilidade legal pelo licenciamento, que pode ocorrer em modalidade trifásica, envolvendo a emissão de Licença Ambiental Prévia (LAP), Licença Ambiental de Instalação (LAI) e Licença Ambiental de Operação (LAO), ou em modalidade unificada, por meio de Autorização Ambiental (AuA) ou Licença Ambiental por Compromisso (LAC), conforme estabelecido pela Resolução CONSEMA 98/2017. Além disso, a lista de atividades sujeitas ao licenciamento ambiental (LAP, LAI, LAO, LAC, AuA) é definida pela mesma resolução (IMA, 2024).

A classificação do impacto ambiental em pequeno, médio ou grande, dependendo do setor, requer a adoção de práticas sustentáveis para mitigar os efeitos negativos. Isso pode incluir o consumo significativo de recursos naturais não renováveis, a geração de resíduos em grande quantidade e a emissão de gases de efeito estufa durante a operação. Essas considerações ressaltam a importância de uma abordagem criteriosa e integrada no processo de licenciamento ambiental, visando não apenas a conformidade legal, mas também a promoção efetiva da sustentabilidade.

Entretanto, a ausência de dados robustos e análises abrangentes pode dificultar a avaliação precisa dos potenciais impactos ambientais de um empreendimento, levando a atrasos no processo de licenciamento. A morosidade da emissão da Licença, muitas vezes deve-se a estudos técnicos com frequentemente pecam pela falta de conexão entre o diagnóstico, a Avaliação de Impacto Ambiental (AIA) e as medidas mitigadoras e compensatórias. Essa lacuna constitui uma perturbação relevante que, muitas vezes, passa despercebida. Além disso, muitas vezes deve-se à falta de informações por parte do empreendedor.

Essa falta de alinhamento entre os estudos técnicos e as exigências legais, que pode resultar em licenças ambientais concedidas com base em informações incompletas ou imprecisas, representa um risco significativo para a sustentabilidade ambiental a longo prazo. Além disso, a ausência de transparência e comunicação eficaz entre as partes interessadas pode minar a confiança no processo de licenciamento e gerar conflitos entre os diversos stakeholders envolvidos.

Infere-se, desta maneira, que apesar de ser um instrumento relevante para o alcance do desenvolvimento sustentável, o licenciamento ambiental possui desafios/problemáticas que merecem atenção, precisando de soluções para o alcance de seus objetivos, principalmente no que concerne a qualidade da gestão ambiental e a proteção do biosistema.

Além da obrigatoriedade de licenciamento ambiental para empresas e indústrias, deve-se considerar outras questões relevantes para a gestão, como a utilização de Certificações e ferramentas e padrões reconhecidos internacionalmente. Por isso, verifica-se que a implementação dessas certificações e ferramentas atuam como um ótimo meio de comunicação entre as organizações em face de seus consumidores e clientes, promovendo uma imagem de consciência ambiental, bem como incentiva tal atenção. Assim, pode-se citar como exemplos: NBR ISO (International Organization for Standardization) 14.001; Selos Verdes ou Rótulo Ambientais; CERFLOR; Processo AQUA, etc. Incluindo também ferramentas o Global Reporting Initiative (GRI), o GHG Protocol, indicadores-chave de desempenho (KPIs), e Políticas Específicas como a PE-351 – Rotulagem Ambiental.

Em síntese, apesar dos mecanismos mencionados e uma legislação ambiental robusta, persiste uma considerável dificuldade na consecução de um equilíbrio entre a preservação ambiental e o desenvolvimento econômico almejado. Portanto, é imperativo que os instrumentos existentes sejam continuamente avaliados e aprimorados, visando aperfeiçoar os resultados de sua implementação. Além disso, é essencial incorporar as inovações tecnológicas disponíveis para avaliar e mitigar os impactos ambientais, conduzindo estudos detalhados e gerenciando de forma eficaz, analisando sua lista de verificação conforme necessidade, planejar atividades e manter as evidências documentadas.



Talita Martins

- ✔ Mestre em Direito Ambiental e Desenvolvimento Sustentável;
- ✔ Especialista em Estudos de Impacto e Licenciamento Ambiental;
- ✔ Engenheira Ambiental;
- ✔ CEO da Equos Consultoria ESG.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

A importância da evolução e padronização de métricas ESG na tomada de decisões de investimento e gestão corporativa

O ESG tem a potência de ser mais do que um mero critério de avaliação empresarial, ele pode ser um verdadeiro catalisador de mudança sustentável e ética em toda a cultura corporativa e financeira. No entanto, a sua evolução como uma classe de ativos e o seu papel cada vez mais proeminente na decisão de investimentos trazem à tona uma questão pertinente: está o ESG sendo utilizado para causar um impacto positivo real ou se transformou em um mero instrumento para maximização de lucros?

Importante frisar que os benefícios financeiros, incluindo a redução de custos e a atração de investidores, não são antagônicos aos princípios ESG; ao contrário, podem ser considerados como frutos de um genuíno compromisso com a cultura organizacional da empresa.

A adoção de práticas mais eficientes e responsáveis, por exemplo, pode resultar em economias significativas no consumo de matérias primas e recursos ao longo do tempo. Da mesma forma, uma abordagem centrada no bem-estar social e na governança pode cultivar um ambiente de trabalho mais saudável e com isso mais produtivo. Esses benefícios financeiros acabam acontecendo como consequência de uma estratégia ESG autêntica e bem implementada.

A padronização e mensuração de critérios ESG são fundamentais para avaliar a sustentabilidade e o impacto social de empresas e fundos de investimento. Diversas métricas e padrões, como Global Reporting Initiative (GRI), Sustainability Accounting Standards Board (SASB) e Task Force on Climate-related Financial Disclosures (TCFD), oferecem diretrizes distintas para capturar esses aspectos.

A existência de múltiplos padrões reflete tanto a complexidade do campo quanto a necessidade de adaptação às especificidades de diferentes setores e regiões, sendo a evolução contínua dessas métricas crucial para uma integração mais eficaz dos critérios ESG na tomada de decisões de investimento e gestão corporativa.

O cenário ESG está em constante evolução, com estas métricas se tornando progressivamente mais padronizadas e abrangentes. Essa evolução é uma resposta bem-vinda aos desafios de avaliar o comprometimento genuíno das empresas com a sustentabilidade.

A elaboração de critérios cada vez mais refinados e quantitativos proporciona um terreno mais firme para investidores e outras partes interessadas avaliarem o desempenho sustentável das organizações. Ainda assim, a necessidade de um sistema mais coeso e universalmente aceito permanece, a fim de evitar o risco de informações infundadas e assegurar que o capital seja direcionado para as iniciativas mais impactantes.

À medida que os padrões ESG se tornam mais maduros e mais integrados ao ambiente de negócios, cresce também a oportunidade de alinhar de forma mais eficaz os objetivos financeiros com as metas de sustentabilidade. Empresas que adotam uma abordagem ESG genuína e bem fundamentada, alinhada a uma cultura organizacional comprometida, estão descobrindo que os benefícios financeiros são tangíveis e passíveis de serem obtidos. Eficiência operacional, tecnologia, resiliência e gestão eficiente de recursos, são apenas alguns aspectos, que levam ao aumento da atratividade para um crescente grupo de investidores focados em sustentabilidade.

A evolução dos padrões e métricas ESG também sugere um futuro em que a abordagem se tornará cada vez mais estratégica e baseada em dados reais sobre as finanças. A aquisição e análise de dados relevantes permitem às empresas não só demonstrar sua conformidade com os critérios ESG, mas também identificar oportunidades para inovação e melhoria contínua.

Essa abordagem não beneficia apenas a empresa em termos de eficiência e eficácia, mas também aumenta a transparência e a responsabilidade, tornando mais fácil para os investidores avaliarem o verdadeiro impacto social e ambiental de suas escolhas de investimento.

Neste contexto dinâmico, a integração efetiva de critérios ESG na cultura corporativa vai além da simples adesão a padrões externos, pois ela também envolve o desenvolvimento de uma mentalidade interna voltada para a sustentabilidade. Esse comprometimento genuíno com princípios ESG não só contribui para o alcance de metas sociais, ambientais e de governança, mas também alimenta um ciclo virtuoso. Ele atrai mais investimentos conscientes, impulsiona a inovação em práticas de negócios sustentáveis e, em última instância, reforça a resiliência e a competitividade da empresa em um mercado cada vez mais consciente dos desafios ambientais e sociais.

A evolução contínua dos padrões e métricas ESG é um passo positivo para o melhor alinhamento entre o mundo financeiro e os imperativos de sustentabilidade. No entanto, para maximizar o impacto desta abordagem, as empresas devem buscar não apenas cumprir com os critérios em constante atualização, mas também integrá-los profundamente em sua cultura e estratégia. Tal integração não apenas aprofundará o impacto positivo que podem ter sobre a sociedade, mas também oferecerá benefícios financeiros sustentáveis a longo prazo.



Tchiara Aparecida Maçambanni

- Formada em Ciências Contábeis;
- Pós-graduada em Controladoria e Auditoria Contábil;
- Atua na área de Compliance, Programa de Integridade e Gestão de Riscos e Controles Internos.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Ascensão feminina: Superando obstáculos de gênero para alcançar a liderança

Historicamente, o processo de ascensão da mulher no mercado de trabalho deu-se principalmente na Revolução Industrial, no ano de 1760. Este movimento ocorreu sobretudo pela escassez de mão de obra gerada pela ausência dos homens que precisaram estar em campos de guerra. Sendo assim, a necessidade da indústria promoveu um gargalo de oportunidade em uma época em que as mulheres se tornaram força braçal e, a partir deste momento, foi evidenciada a divisão sexual do trabalho como tema de estudo pela academia e pelo mercado. Deste período em diante, vários processos de democratização da mulher foram promovidos durante a história, destaque importante para a promulgação na Constituição de 1934, quando as mulheres passaram legalmente a ter o direito de voto.

Falar sobre a inserção e a superação de obstáculos das mulheres até o alcance das lideranças é um tema ainda sensível. Atualmente, não só no Brasil, mas no mundo, são promovidas pautas de diversidade, equidade e sustentabilidade que defendem seus direitos e fortalecem a figura da mulher de modo mais atuante no alcance de postos de gestão e liderança. Neste contexto atual, a ascensão feminina e presença das mulheres em posições de lideranças amplia a visão que vem sendo cada vez mais destacada na sociedade sobre cultura inclusiva.

Mesmo na contemporaneidade dos dias atuais, é preciso levantar com clareza as barreiras existentes a lideranças femininas, conhecidas pela metáfora do “teto de vidro” (glass ceiling), retratando os desafios que as mulheres enfrentam na busca de cargos estratégicos. Dentre os obstáculos, destacam-se: preconceito; resistência à liderança feminina; estilo de liderança; responsabilidades familiares; e capital social.

Importante destacar que esses obstáculos fazem parte de um senso geral onde a ascensão da mulher surge em um contexto a sua inserção em ambiente o qual o gênero feminino é supervalorizado, o que se observa nos indicativos de representatividade da mulher em estruturas organizacionais. De acordo com pesquisas, a participação das mulheres nos cargos de Alta Administração no país saltou de 10% para 21% entre 2017 e 2023.

Outro aspecto inerente é a disparidade salarial em posições de liderança entre homens e mulheres, pois mesmo com a ascensão no mercado, mulheres que alcançaram esses cargos ainda enfrentam a desigualdade salarial, tornando-se mais uma das dificuldades enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho.

Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a diferença salarial entre homens e mulheres no país atingiu 22% em 2022, isso significa que uma brasileira recebe, em média, 78% do que ganha um homem.

Em 2023, entrou em vigor a Lei de Igualdade Salarial, nº 14.611, impondo novas obrigações às empresas, as quais devem se adequar às suas disposições legais, sob pena de multa, e cumprir as seguintes medidas: implantação de mecanismos de transparência salarial e critérios remuneratórios; fiscalização contra discriminação salarial entre mulheres e homens; canais específicos para denúncias acerca deste tema; programas de diversidade e inclusão no ambiente de trabalho; e fomento a capacitação e a formação de mulheres para ingresso, permanência e ascensão no mercado de trabalho.

No contexto atual, os movimentos globais dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e Environmental, Social and Governance (ESG) desempenham um papel fundamental na promoção da diversidade, equidade e inclusão das mulheres em ambientes organizacionais e esferas de liderança.

Como impulsionadora do avanço socioeconômico e sustentável, a Lei de Igualdade Salarial sinaliza uma mudança de paradigma em direção a um cenário mais igualitário. Essa legislação motiva as organizações a adotarem práticas mais éticas, transparentes, com protagonismo feminino, e a se comprometerem com o desenvolvimento sustentável e a responsabilidade corporativa.

A liderança feminina continua a enfrentar desafios em sua jornada de desenvolvimento, marcada pela superação contínua. Embora as mulheres tenham conquistado avanços significativos, ainda há caminhos a percorrer e obstáculos a vencer. A evolução do tema e progresso até o momento, demonstram ainda a necessidade do apoio institucional e a conscientização como fator essencial para criação de um ambiente organizacional verdadeiramente inclusivo e favorável à igualdade de gênero e à ascensão das mulheres na liderança.

Olhar para o futuro é um compromisso coletivo e contínuo das empresas, governos, sociedade e indivíduos e somente assim será possível transformar verdadeiramente não só os ambientes de trabalho, mas toda uma cultura, para que mulheres ocupem espaços ainda não alcançados e possam liderar com igualdade, respeito e ética. É o nosso papel impulsionar e promover a ascensão feminina na liderança, não apenas como uma questão de justiça social, mas também para o crescimento, a inovação e o sucesso sustentável das organizações e de toda uma sociedade.



Vanessa Conceição de Paula

- Education Corporativa - Economia Criativa;
- Tecnóloga em Processos Gerenciais;
- ION - Instrutoria Online - Orientação Profissional e Serviços Administrativos.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Afinal, o que é empreendedorismo social e suas perspectivas para o futuro dos negócios?

O empreendedorismo social tem ganhado cada vez mais destaque como uma abordagem inovadora para a criação e desenvolvimento de negócios com impacto social e ambiental positivo. Mas afinal, o que é empreendedorismo social? O que temos a ver com isto? Neste artigo, exploraremos o conceito de empreendedorismo social, suas características distintivas e suas perspectivas para o futuro dos negócios. É uma abordagem que busca equilibrar a geração de valor econômico com a promoção do bem-estar coletivo.

Diferente do empreendedorismo tradicional, que prioriza principalmente o lucro, o empreendedorismo social tem como objetivo principal resolver problemas sociais ou ambientais, buscando impactar positivamente a sociedade. Saber como seu negócio pode ser um agente de transformação social com consciência ambiental, que assume um compromisso colaborativo com o consumo consciente e preservação ambiental faz com que, muito além de prosperar, é ter um propósito que faça sentido para o mundo através do seu produto ou serviço. Saiba quais são as características do empreendedorismo social:

- ▶ **Missão social:** Os empreendedores sociais têm como objetivo principal resolver problemas da sociedade e do meio ambiente através dos seus produtos ou serviços com soluções comprometidas com impactos positivos junto à sociedade como um todo.
- ▶ **Inovação:** A busca por soluções inovadoras é uma característica essencial do empreendedorismo social. Essas soluções podem envolver novas tecnologias, modelos de negócios ou formas de organização. A inovação é fundamental para encontrar abordagens eficazes e sustentáveis para os desafios sociais, buscar analisar seus processos de desenvolvimento e produção de projetos que realmente auxiliam no desenvolvimento humano, da sociedade e planeta para que garanta o futuro para novas gerações. Elaborar projetos de impacto social e ambiental faz com que todos envolvidos nesta causa, entendam que podem utilizar de sua arte e habilidades técnicas para mudar a vida das pessoas e desenvolvam a consciência ambiental em todas as etapas criativas em seus planejamentos.

- ▶ **Sustentabilidade:** Os negócios sociais devem ser financeiramente sustentáveis, ou seja, capazes de gerar receita para se manterem e crescerem ao longo do tempo. Eles podem adotar diferentes modelos de financiamento, como venda de produtos ou serviços, captação de recursos de doadores ou parcerias com organizações públicas ou privadas. O mercado está em busca de profissionais que saibam elaborar projetos comprometidos com a sustentabilidade em suas corporações. Outra pauta que você precisa analisar é sobre gestão sustentável dos recursos naturais que são utilizados no seu processo de produção e no dia a dia do seu negócio, pequenas atitudes e consciência da sua equipe sobre o tema, faz toda a diferença no manejo e descarte de resíduos que também podem cooperar para o beneficiamento das finanças em relação a estes processos quando são bem elaborados e aplicados.
- ▶ **Medição de impacto:** A mensuração do impacto social é fundamental para o empreendedorismo social. É necessário avaliar se as ações estão realmente gerando resultados positivos e contribuindo para a solução dos problemas propostos, a mensuração de impacto pode incluir indicadores como redução da pobreza, melhoria da qualidade de vida, preservação ambiental, entre outros. Saiba quais são as perspectivas para o futuro dos negócios.
- ▶ **Aumento da conscientização:** A sociedade está cada vez mais consciente dos problemas sociais e ambientais e busca por empresas que se preocupam com essas questões. Você empreendedora (or) pode ser uma resposta a essa demanda, oferecendo soluções inovadoras e sustentáveis, avalie como tudo o que faz e oferta pode realmente entrar nestas pautas como solução e bora fazer esta ideia alcançar cada vez mais pessoas e parcerias. Espera-se que a conscientização sobre a importância do impacto social e ambiental continue crescendo, impulsionando o crescimento do empreendedorismo social no Brasil e no mundo.
- ▶ **Colaboração entre setores:** O empreendedorismo social promove a colaboração entre setores, como empresas, governos e organizações da sociedade civil, fazer parcerias comprometidas com estas pautas que é de mútuo interesse é fundamental para enfrentar os desafios complexos e alcançar resultados significativos. No futuro, espera-se que haja uma maior integração e colaboração entre esses setores com o objetivo de promover mudanças sociais relevantes, reduzindo às desigualdades e com nosso meio ambiente garantido para futuras gerações.
- ▶ **Investimento de impacto:** O investimento de impacto, que busca gerar retorno financeiro e impacto social ou ambiental positivo, tem ganhado destaque. Você empreendedora (or) social pode se beneficiar desse cenário atraindo investidores que compartilham dos mesmos valores e objetivos. Estima-se que o investimento de impacto continue crescendo, proporcionando mais recursos para o empreendedorismo social. Se prepare para novas parcerias, você faz parte de uma nova geração de criativos e experts de inovação com propósitos de transformação.
- ▶ **Mudança de paradigma:** O empreendedorismo social desafia o paradigma de que o lucro é o único objetivo das empresas. Ao colocar a missão social no centro de suas atividades, esses negócios mostram que é possível conciliar lucro e impacto positivo. Espera-se que essa mudança de paradigma se torne mais comum no futuro, com mais empresas adotando práticas de negócios socialmente responsáveis. Precisamos juntos fazer com que a garantia de emprego, renda e recursos naturais estejam presentes para nossos filhos e netos e nós fazemos parte deste momento crucial do mundo onde não dá mais tempo de consumir, trabalhar e gerar lucro sem refletir e agir sobre estas pautas, é a nossa hora de fazer a diferença e conseqüentemente gerar lucro e prosperar com nosso negócio.

O tema empreendedorismo social é uma abordagem promissora para enfrentar os desafios sociais e ambientais do mundo contemporâneo. Com sua ênfase na inovação, sustentabilidade e medição de impacto, os empreendedores sociais têm o potencial de transformar a sociedade e impactar positivamente o futuro dos negócios.

A conscientização crescente, a colaboração entre setores, o investimento de impacto e a mudança de paradigma são tendências que indicam um futuro promissor para o empreendedorismo social. É fundamental que mais pessoas se engajem nesse movimento, seja como empreendedores sociais, investidores de impacto, governos ou apoiadores dessas iniciativas, para construir um futuro mais justo e sustentável.

ESG: S de engajamento, reputação e financiamento



Verônica Pacheco

🌿 Especialista em Gestão Ambiental, Compliance e Integridade Corporativa.

🔗 [Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

O ano é 1972. A imagem de torres de energia, obras e gado sobre a região amazônica e a porção centro-oeste do território ilustra o anúncio da Revista Realidade. Junto da figura interposta sobre o mapa do Brasil, o slogan do Ministério do Interior: “Chega de lendas, vamos faturar”. A campanha patrocinada pelo Banco da Amazônia, no período ditatorial, destacava a ideia de desenvolvimento econômico como antagonista da preservação e proteção de recursos naturais.

Era comum ver na imprensa cenas de tratores no meio da mata como sinal de que o país estava “vencendo a floresta”, que representava “atraso” em comparação aos países industrializados, salientando a importância de deixarmos de ser um país “tupiniquim”, conhecido por árvores e fauna tropical para ampliarmos as fronteiras agrícolas, com mais estradas pavimentadas, exploração de minério, madeira e recursos hídricos, que passam a ser vistos apenas enquanto insumo produtivo. A exploração indiscriminada da natureza tem um preço e a conta chegou em forma de alterações climáticas severas e dias cada vez mais quentes.

Exatos 20 anos depois, o Brasil sedia a primeira, maior e uma das mais importantes conferências mundiais de meio ambiente: a ECO-92, que reuniu representantes de 179 países na cidade do Rio de Janeiro. O mundo passou a olhar para o Brasil e para as questões ambientais sob uma nova perspectiva, para além das fronteiras nacionais, adotando uma visão global quanto aos efeitos decorrentes dos impactos ambientais que afligiam, de forma indistinta, países e povos de todos os continentes e demandavam a construção de soluções conjuntas, integradas.

Com isso, a partir da década de 90, a pressão de ONGs e governos sobre financiadores de atividades que provocavam a destruição das florestas e a degradação do ambiente fez com que os bancos vissem na questão ambiental, ao mesmo tempo, uma oportunidade e um desafio: a possibilidade de criação de “fundos verdes e fundos sociais” e o estabelecimento de políticas e restrições para financiamento de atividades e empresas poluidoras que não atendessem a critérios de prevenção e mitigação de riscos socioambientais.

Bancos firmam pacto ESG

Em outubro de 2003, representantes dos dez maiores bancos do mundo, detentores de 70% dos investimentos em caráter global criaram os “Princípios do Equador”. Eles foram categorizados pelos Padrões de Desempenho sobre Sustentabilidade Socioambiental da International Finance Corporation (IFC) e servem como referência do setor financeiro para identificar, avaliar e gerenciar riscos sociais e ambientais em projetos que demandem investimento bancário.

Revisados em julho de 2020, os dez princípios são aplicáveis globalmente a todos os setores industriais e consideram os seguintes aspectos para financiamento de projetos: 1. Revisão e Categorização; 2. Avaliação Ambiental e Social; 3. Normas Ambientais e Sociais Aplicáveis; 4. Sistema de Gestão Ambiental, Social e Plano de Ação dos Princípios do Equador; 5. Envolvimento das Partes Interessadas; 6. Mecanismo de Reclamações; 7. Revisão Independente; 8. Convênios; 9. Monitoramento e Relatórios Independentes; 10. Relatórios e Transparência.

Até o momento, 114 instituições em todo mundo são signatárias dos Princípios do Equador, inclusive instituições brasileiras como o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, o BV, o Itaú, o Bradesco e o BTG Pactual. No preâmbulo do documento, as chamadas Equator Principles Financial Institutions - EPFIs, se comprometem a observar, exigir e garantir as seguintes ações:

Nós, as EPFIs, adotamos os Princípios do Equador com o intuito de garantir que os Projetos que financiamos e orientamos sejam desenvolvidos de forma socialmente responsável e reflitam práticas seguras de gestão ambiental. As EPFIs reconhecem que a aplicação dos Princípios do Equador pode contribuir para o alcance dos objetivos e resultados dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. Especificamente, acreditamos que os impactos negativos de Projetos sobre os ecossistemas, as comunidades e o clima devem ser evitados sempre que possível.

Se esses impactos são inevitáveis, eles devem ser minimizados e mitigados e, caso haja impactos residuais, os clientes devem oferecer soluções para os impactos nos direitos humanos ou compensar os impactos ambientais, conforme apropriado. Nesse sentido, ao financiarmos Projetos: cumprimos com a nossa responsabilidade de respeitar os Direitos Humanos de acordo com os Princípios Orientadores para Empresas e Direitos Humanos da ONU (UNGPs, na sigla em inglês) mediante a realização de uma diligência prévia (due diligence) para direitos humanos; apoiamos os objetivos do Acordo de Paris de 2015 e reconhecemos que as EPFIs têm um papel a desempenhar no aumento da disponibilidade de informações relacionadas com o clima, como as Recomendações da Força Tarefa sobre Divulgações Financeiras Relacionadas com o Clima (TCFD, na sigla em inglês), na avaliação dos riscos potenciais de transição e físicos dos projetos financiados nos termos dos Princípios do Equador; e apoiamos a conservação, incluindo o objetivo de aprimorar a base de evidências para pesquisas e decisões relacionadas com a biodiversidade.

Sem S não tem \$

Em 2022, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) renovou sua parceria com a International Finance Corporation (IFC), membro do Grupo Banco Mundial, para intensificar a temática ESG e irão atuar conjuntamente para promover a melhoria das práticas no cofinanciamento de projetos de infraestrutura no Brasil, de acordo com padrões internacionais com o objetivo de atrair capital para setores prioritários”.

Quando falamos em padrões do IFC é importante lembrar que nas operações estruturadas pelo Banco Mundial quanto ao atendimento dos requisitos para concessão do crédito, vale o regramento mais rigoroso, ainda que a norma nacional seja mais branda.

A liberação do recurso do empréstimo, e estamos falando, só em 2021, em US\$ 31,5 bilhões para empresas privadas e instituições financeiras nos países em desenvolvimento depende do cumprimento dos Padrões de Desempenho sobre Sustentabilidade Socioambiental.

Dos oito Padrões do IFC publicados em 2012 com notas orientativas de revisão em 2021, pelo menos seis são predominantemente sociais: Avaliação e Gestão de Riscos e Impactos Socioambientais; Condições de Emprego e Trabalho; Saúde e Segurança da Comunidade; Aquisição de Terra e Reassentamento Involuntário; Povos Indígenas e Patrimônio Cultural e dois dizem respeito a aspectos mais especificamente ambientais: Eficiência de Recursos e Prevenção da Poluição; Conservação da Biodiversidade e Gestão Sustentável de Recursos Naturais Vivos.

Além do BNDES em parceria com o IFC, o Conselho Monetário Nacional e o Banco Central do Brasil reforçaram os riscos sociais em seus normativos. A resolução 4.944/2021 mudou sua classificação de riscos de socioambiental, para social, ambiental e climático de forma isolada. Isso denota uma tendência do ESG para os próximos anos: o fortalecimento dos critérios, requisitos e indicadores sociais como fundamentais para obtenção de crédito para implantação e ampliação de negócios. No fim das contas, quem não cuidar do S, vai ficar sem \$.

Implementação ESG e seus impactos



Vitória Pereira

- Graduada em Direito;
- Estagiária em Compliance.

[Clique aqui para acessar o perfil no LinkedIn](#)

Nos tempos atuais, vemos que o ESG tem se tornado cada vez mais relevante no mundo dos negócios, impulsionando o crescimento e conscientização.

Os impactos inerentes à ética corporativa na perspectiva ESG incluem a necessidade de transparência, responsabilidade social, gestão ambiental sustentável e governança sólida. As empresas que adotam práticas ESG tendem a enfrentar pressões para alinhar suas operações com esses princípios, o que pode afetar sua reputação, acesso a capital e relacionamento com as partes interessadas.

A adoção da cultura ESG implica em mudanças significativas nas operações empresariais, a necessidade da transparência torna-se fundamental para os stakeholders (investidores, consumidores e outras partes interessadas) em relação a prestação de contas e seus impactos ambientais, sociais e de governança. A falta de transparência pode resultar em perda de confiança e reputação, afetando negativamente o relacionamento com o público-alvo interessado.

Além da transparência, a responsabilidade social torna-se de suma importância a prioridade para as empresas adotarem a cultura ESG. Envolvendo assim, considerações de impacto das operações nos setores, sejam eles, funcionários, clientes, dentre outros que buscam ativamente maneiras de promover o bem-estar social contribuindo para o desenvolvimento sustentável e econômico, promovendo o direito humano na prática de maneira inclusiva e diversificada, sendo estes aspectos fundamentais da responsabilidade corporativa na percepção ESG.

A gestão ambiental sustentável também é um pilar essencial da abordagem ESG. As empresas são cada vez mais pressionadas a reduzir seu impacto ambiental, adotando práticas de conservação de recursos naturais, minimizar a emissão de carbono e mitigar outros efeitos prejudiciais ao meio ambiente. A mudança climática, a escassez de recursos naturais e outros desafios ambientais globais destacam a urgência de ações concretas por parte das empresas para enfrentar essas questões.

Por fim, a governança sólida é fundamental para garantir que as empresas operem de forma ética, transparente e responsável. Isso envolve a adoção de melhores práticas de governança corporativa, a implementação de políticas e procedimentos robustos de conformidade e a promoção de uma cultura organizacional baseada na integridade. Uma governança sólida ajuda a mitigar riscos, evitar crises e fortalecer a confiança dos investidores e outras partes.

Diante desse cenário, a mensuração permite que as empresas demonstrem seu desempenho em relação à integração da cultura ESG em suas operações. Isso inclui a identificação de oportunidades de melhoria, o gerenciamento proativo de riscos, a melhoria da eficácia operacional e a criação de valor a longo prazo. Ao mensurar seus impactos ESG, as empresas podem identificar áreas de sucesso e áreas que precisam de aprimoramento, orientando assim suas estratégias e iniciativas futuras.

Podemos citar ainda, que a mensuração também é essencial para comunicar o progresso da empresa aos stakeholders. Ao adotar práticas ESG e mensurar seus impactos, as empresas podem não apenas atender às expectativas crescentes dos stakeholders, mas também impulsionar a inovação, fortalecer sua posição competitiva e contribuir para um futuro mais sustentável e inclusivo.

Todavia, a abordagem ESG está se tornando uma parte indispensável do panorama empresarial moderno. Os pilares da sustentabilidade (ambiental, social e governança) não apenas refletem uma mudança nos valores corporativos, mas também representam uma oportunidade de crescimento e diferenciação no mercado. A transparência, responsabilidade social, gestão ambiental sustentável e governança sólida não são apenas princípios éticos, mas sim pilares essenciais para a construção de empresas consistentes e orientadas para o futuro. A integração desses princípios na cultura empresarial não é apenas uma escolha ética, mas também uma estratégia inteligente para garantir a relevância e a competitividade a longo prazo. Portanto, a mensuração dos impactos ESG não é apenas uma prática recomendada, mas sim uma necessidade para as empresas que desejam demonstrar seu compromisso com a sustentabilidade, gerenciar os riscos e criar valor duradouro para todas as partes interessadas envolvidas.

CRÉDITOS

ORGANIZADORA

Daniele Ciotta

REVISORA

Daniele Soares Rosa

DIAGRAMADORA

Nathércia Alves

AUTORAS

Adelita Adiers
Alice de Sousa Campelo
Aline Lazzari
Aline Schneiders Martins Dalpian
Amanda Ribeiro Soares
Ana Patricia da Cunha Oliveira
Andreia Duarte Oliveira Costa
Barbara Alves
Bárbara Franco Martin
Camila Mattana
Carmem de Fátima Seguro Sanches
Claudia Leite
Cynthia Marinovic
Daiana Franciele Gapski Burkoot
Daniela da Silva Martins
Daniela Fontana
Daniele Ciotta
Daniele Soares Rosa
Danielle Mafra
Deborah Regina Mendes
Denise Baumgratz

Elenize Avelino
Elisandra Régia de Lima Oliveira Nogueira
Elizandra Ugino
Érika de Almeida Sampaio Braga
Eveline Cunha Lima
Fernanda Dutra Vieira Lopes
Fernanda Mourão
Flora Ricca de Weber
Gabriela Guterres Berwanger
Gabryella Cerri Mandonça
Gessiane Oliveira Silva
Giovana Baggio Bruns
Giovana Christina Frozi Soares Santos
Gleicierle Rodrigues
Hellen Patricia Morais Fonseca
Isabelle Sá Sobrinho Cunha
Jana Ricarte
Jaqueline Claro Polegatto
Juciele da Rocha Monzon
Juliana D' Ávila Moura
Karlla Maria Martini

Keli Vasconcelos
Lênia Luz
Leonor Nabais da Furriela D'Andréa
Leticia Guimarães de Andrade
Lívia Guimarães de Andrade
Livia Schoupal Gil Berrocal
Luciana Costa Botelho Arabi
Luciana Leal
Marcela Aguiar Silva
Marcela Argollo
Marcia Moreira Yanitchkis Couto
Maria Eduarda da Silva Lisboa Barros
Maria Gorete Pessoa Schevchenco
Marilena Lino de Almeida Lavorato
Mayra Collino
Milena Rosa
Moana Duarte Sutilo
Nathalia Magro Octaviano Bernes
Priscila Brustin
Rafaella Gobbo
Rayssa Mendes
Rebecca Rigotti Cavalcante
Renata Aponte
Roberta Coutinho
Roberta Silva Santos
Samara Magalhães de Oliveira Carvalho
Schirlei Freder
Silla Motta
Silvana Pereira Rempel
Silvia Ferreira Netto
Stephanie Munhoz de Souza
Sunamita Reis
Susana Costa
Talita Martins
Tchiara Aparecida Moçambanni
Vanessa Conceição de Paula
Verônica Pacheco
Victória Walloth
Vitória Pereira